



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS
PÓS-GRADUAÇÃO ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE A
UNIVERSIDADE**

ROSANGELA MAIA

**O PET- FILOSOFIA COMO UM CAMINHO OUTRO NA FORMAÇÃO DO
PROFESSOR DE FILOSOFIA NA UFBA: UMA ANÁLISE TEÓRICA**

Salvador

2016

ROSANGELA MAIA

**O PET-FILOSOFIA COMO UM CAMINHO OUTRO NA FORMAÇÃO DO
PROFESSOR DE FILOSOFIA NA UFBA: UMA ANÁLISE TEÓRICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.
Linha de pesquisa: Formação, Gestão e Universidade

Orientador: Professor Dr. Cláudio Orlando Costa do Nascimento

Salvador

2016

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas
SIBI - UFBA.

Maia, Rosângela

M217 O PET-Filosofia como um caminho outro na formação do professor de filosofia na UFBA: uma análise teórica / Rosângela Maia - Salvador: UFBA, 2016.

109 f. il.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Orlando Costa do Nascimento.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, 2016.

1.Universidades e faculdades - Currículos. 2. Ensino Superior – Bahia.
I. Nascimento, Cláudio Orlando Costa do. II.Universidade Federal da Bahia. III.Título.

CDU 378

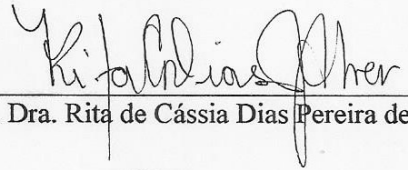
ROSANGELA MAIA

**O PET-FILOSOFIA COMO UM CAMINHO OUTRO NA
FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE FILOSOFIA DA UFBA:
UMA ANÁLISE TEÓRICA**

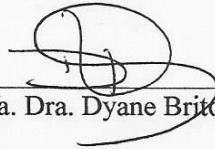
Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade, do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 09 de janeiro de 2017.

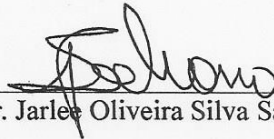
Banca examinadora



Profa. Dra. Rita de Cássia Dias Pereira de Jesus



Profa. Dra. Dyane Brito Reis Santos



Prof. Dr. Jarles Oliveira Silva Salviano

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que neste caminhar acadêmico se juntaram a mim, independente do período - longo ou curto, independente do lugar - universidade, trabalho, lar - e contribuíram com esta importante etapa da minha vida.

A minha mãe, Maria Conceição Maia, que enquanto esteve nesta jornada terrena sempre incentivou e valorizou a busca pelo conhecimento.

A minha sobrinha Nathalya, pelo afeto, pelo incentivo constante, pelo ouvir e pelos conselhos.

Aos meus grandes amigos de jornada acadêmica Jucilene, Lorena Bárbara e Tharsis, que são exemplos e inspiração diária, vocês são parte fundamental deste momento da minha vida.

À Cecília, minha amiga/irmã, que em tantos momentos foi a voz que me deu forças para o caminhar.

Ao professor Haenz Gutierrez Quintana, que trilhou uma importante etapa deste caminho junto comigo e que trouxe contribuições essenciais na construção deste trabalho.

Aos professores examinadores da banca de qualificação Claudio Orlando e Jarlee Salviano, que contribuíram de forma decisiva para a construção deste objeto de estudo aqui apresentado.

Ao professor Claudio, mais uma vez e sempre, a gratidão por acolher enquanto orientador este projeto e por acreditar nele.

MAIA, Rosângela. O PET-Filosofia como um caminho outro na formação do professor de Filosofia na UFBA: uma análise teórica. 109 f. il. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

RESUMO

Considerando a importância do papel desempenhado pela triade ensino, pesquisa e extensão na formação universitária, este trabalho procura trazer à tona uma discussão heurística e transdisciplinar sobre o potencial enriquecimento da formação do graduando em Filosofia quando este integra o Programa de Educação Tutorial – PET, especialmente os que optam pela licenciatura. Para tal, foi considerada a trajetória histórica da constituição do currículo de graduação em Filosofia da Universidade Federal da Bahia, desde a fundação do curso, até a atual composição curricular e inserção do PET. A formação em Filosofia é analisada desde as pesquisas feitas em âmbito federal sobre seu ensino e de suas atribuições legais, além do diálogo necessário entre formação universitária e a sociedade contemporânea. Para tanto, uma ampla revisão bibliográfica sobre o tema foi realizada. O campo definido para a pesquisa considerou a graduação em Filosofia na Universidade Federal da Bahia. A realização de uma análise documental apontou as principais mudanç as que a inserção do PET-Filosofia possibilita na formação do graduando. Assim, esta pesquisa propõe apresentar um relatório da formação em Filosofia na Universidade contemporânea. Pretendendo ampliar a discussão sobre formação, foi feita uma análise relacional dos componentes curriculares da graduação em Filosofia e das atividades desenvolvidas no grupo tutorial. A análise teve sua validação completada a partir da categorização das atividades planejadas para mensurar a transdisciplinaridade e a difusão dos conhecimentos possíveis no grupo PET-Filosofia/UFBA. Desta forma, esta pesquisa procura contribuir para a discussão sobre as mudanç as que a contemporaneidade exige na formação em Filosofia sobre três vertentes: 1) uma pesquisa parametrizada do campo de estudo sobre ensino de Filosofia nos grupos de estudo de Filosofia; 2) a investigação do processo formativo em Filosofia dentro da Universidade; 3) da apresentação do Programa de Educação Tutorial como agente potencial de mudanç as curriculares.

Palavras-chave: Universidade. Currículo. Filosofia. Programa de Educação Tutorial.

MAIA, Rosangela. The PET-Philosophy as another way in the formation of the professor of Philosophy at UFBA: a theoretical analysis. 109 f. Yl. 2016. Dissertation (Master's in Interdisciplinary Studies on University) - Federal University of Bahia, Salvador, 2016

ABSTRACT

Considering the importance of the role played by the triad teaching, research and extension in the university formation, this work tries to bring up a heuristic and transdisciplinary discussion on the potential enrichment of the formation of the graduate in Philosophy when this integrates the Program of Tutorial Education - PET, especially Those who opt for the degree. For that, the historical trajectory of the graduation curriculum in Philosophy of the Federal University of Bahia was considered, from the foundation of the course to the present curricular composition and insertion of PET. Training in Philosophy is analyzed from the research done at the federal level on its teaching and its legal attributions, in addition to the necessary dialogue between university education and contemporary society. In order to do so, a broad bibliographic review on the subject was carried out. The field defined for the research considered the graduation in Philosophy at the Federal University of Bahia. The accomplishment of a documentary analysis pointed out the main changes that the insertion of the PET-Philosophy allows in the formation of the graduating. Thus, this research proposes to present a report of the formation in Philosophy in the contemporary University. Intending to broaden the discussion about formation, a relational analysis was made of the curricular components of the graduation in Philosophy and of the activities developed in the tutorial group. The analysis was validated by categorizing the planned activities to measure transdisciplinarity and the dissemination of possible knowledge in the PET-Philosophy / UFBA group. In this way, this research tries to contribute to the discussion about the changes that the contemporaneity demands in the formation in Philosophy on three slopes: 1) a parametrized research of the field of study on teaching of Philosophy in the groups of study of Philosophy; 2) the investigation of the formative process in Philosophy within the University; 3) the presentation of the Tutorial Education Program as a potential agent of curricular changes.

Keywords: University. Curriculum. Philosophy. Tutorial Education Program.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BI	Bacharelado Interdisciplinar
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CENAPET	Comissão Executiva Nacional do PET
CLAA	Comitê Local de Acompanhamento e Avaliação
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONAE	Conferência Nacional de Educação
CPL	Curso de Progressão Linear
CST	Curso Superior em Tecnologia
EBAPET	Encontro Baiano dos grupos PET
EM	Ensino Médio
ENADE	Exame Nacional de Desempenho de Estudantes
ENAPET	Encontro Nacional de Grupos PET
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
ENEPET	Encontro Nordestino dos Grupos PET
FAFICH	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
FBB	Faculdade Batista Brasileira
IES	Instituto de Ensino Superior
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
NAPq	Núcleo de Assessoramento à Pesquisa
OB	Componente Obrigatório

OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OP	Componente Optativo
PET	Programa de Educação Tutorial
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PROPHIL	Grupo de pesquisa em Filosofia e Educação
PRPq	Programa Institucional de Auxílio à Pesquisa de Docentes Recém-Contratados ou Recém-Doutorados
REUNI	Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SciELO	Scientific Electronic Library Online
SESu	Secretaria de Educação Superior
TICs	Tecnologias da informação e comunicação

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Distribuição dos cursos de graduação na UFBA.....	36
Figura 2	Constituição Legal do PET.....	63
Figura 3	Estrutura Hierárquica de funcionamento do PET.....	64
Figura 4	Atividades do Ciclo de Cinema e Contemporaneidade.....	94

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Constituição Curricular em 1970.....	31
Quadro 2	Constituição Curricular em 1984.....	32
Quadro 3	Constituição Curricular em 1994.....	33
Quadro 4	Constituição Curricular em 2001.....	33
Quadro 5	Constituição Curricular Atual.....	38
Quadro 6	Disciplinas Obrigatórias I Semestre.....	39
Quadro 7	Disciplinas Obrigatórias II Semestre.....	40
Quadro 8	Disciplinas Obrigatórias III Semestre.....	41
Quadro 9	Disciplinas Obrigatórias IV Semestre.....	42
Quadro 10	Disciplinas Obrigatórias V Semestre.....	43
Quadro 11	Disciplinas Obrigatórias VI Semestre.....	43
Quadro 12	Disciplinas Obrigatórias VII Semestre.....	44
Quadro 13	Disciplinas Obrigatórias VIII Semestre.....	45
Quadro 14	Disciplinas Optativas.....	45
Quadro 15	Temáticas abordadas nas linhas na área de Ensino de Filosofia no Brasil versus instituições.....	58
Quadro 16	PET – Contexto Histórico.....	66
Quadro 17	PET – Atribuições da Comissão de Avaliação.....	69
Quadro 18	PET – Atribuições do CLAA.....	70
Quadro 19	PET – Processo de Avaliação dos grupos e tutores.....	71
Quadro 20	Grupos de Educação Tutorial – PET – em Institutos de Filosofia.....	75
Quadro 21	Atividades planejadas pelo PET -FILOSOFIA/UFBA.....	77
Quadro 22	Atividades agrupadas por categorias.....	80

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Período de criação dos grupos de pesquisa da área de Ensino de Filosofia no Brasil.....	51
Tabela 2	Distribuição geográfica dos grupos de pesquisa da área de Ensino de Filosofia no Brasil por regiões.....	52
Tabela 3	Distribuição geográfica dos grupos de pesquisa da área de Ensino de Filosofia no Brasil por unidade da federação.....	53
Tabela 4	Distribuição institucional dos grupos de pesquisa da área de Ensino de Filosofia no Brasil.....	55
Tabela 5	Classificação das instituições que mantêm grupos de pesquisa na área de Ensino de Filosofia no Brasil.....	56
Tabela 6	Distribuição das linhas pesquisadas pelos grupos de pesquisa da área de Ensino de Filosofia no Brasil.....	56
Tabela 7	Linhas pesquisadas pelos grupos de pesquisa da área de Ensino de Filosofia no Brasil.....	57
Tabela 8	Formação dos pesquisadores integrantes dos grupos de pesquisa da área de Filosofia no Brasil.....	59

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 CAMINHOS DE UMA PESQUISA HEURÍSTICA NA CIBERCULTURA.....	22
3 PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA NA UFBA – UM CONSTRUTO HISTÓRICO SOCIAL.....	28
3.1 A universidade no contexto contemporâneo.....	28
3.2 O curso de graduação em Filosofia na UFBA: da liga cívica ao grupo PET.....	29
4 PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL – PET: ENSINO, PESQUISA E ESTENSÃO COMO ACONTECIMENTO.....	48
4.1. Grupos de pesquisa: onde está a investigação sobre os caminhos do ensino de Filosofia hoje	51
4.2. Temáticas trabalhadas e a busca pela solução de “velhos” problemas contemporâneos.....	53
4.3. PET – De programa de treinamento à educação tutorial.....	61
4.4 PET – Estrutura organizacional.....	67
5 PET/FILOSOFIA UFBA: POSSIBILIDADES DE UM CAMINHO OUTRO PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR.....	75
5.1 O PET nos cursos de Filosofia- abrangência.....	75
5.2 O PET/Filosofia UFBA - caminho em construção.....	76
6 CONSIDERAÇÕES.....	97
REFERÊNCIAS.....	101

1 INTRODUÇÃO

o futuro da humanidade requer uma tripla reforma epistemológica, política e educativa, que faça frente às dinâmicas técnico-economicistas globalizadoras, e cuja convergência suponha uma transformação radical na direção da vida inteligente e curadora de seu poder-ser mais próprio. (RUANO; GALEFFI e PONCKZEC, 2014, p. 145)

A escrita de uma dissertação que propõe debater a formação universitária em Filosofia na contemporaneidade não poderia começar de outra forma senão com uma pergunta: Por que pesquisar sobre o ensino de Filosofia? A epígrafe apresentada sugere uma reflexão que nos traz uma das múltiplas possibilidades de resposta para essa questão e contribui na compreensão do sentido da escrita dessa dissertação: transformações na educação são necessárias e estas são precisas por causa do ser. Sobre esta transformação necessária, Boff (2009) sugere que a humanidade e o mundo novo serão construídos quando o ser humano se engajar num projeto político que gere alianças, supere divergências e respeite a diversidade, criando uma esplêndida solidariedade cósmica. Assim, antes de tudo, esta pesquisa é fruto de um engajamento pessoal de busca por possíveis e necessárias respostas para a transformação na formação do professor de Filosofia – não um ser outro -, mas este ente que também inclui a mim, pois não há como separar a forma como o objeto de pesquisa foi se desenhando da minha narrativa de formação. Trazer estas informações para a ágora da contemporaneidade é descrever meu processo de formação pessoal, educacional e profissional enquanto professora de Filosofia. Posso afirmar que o objeto de minha pesquisa já se desenhava concomitante à minha jornada de vida. Aos sete anos minha mãe retornou comigo para o interior da Bahia, - nasci em São Paulo, capital - especificamente para a cidade de Amargosa, porém, mesmo no interior, durante todo o período da minha Educação Básica o repertório cultural em nossa casa sempre foi muito rico. Meus pais, embora com pouca instrução institucional, valorizavam o acesso à cultura: livros, enciclopédias, dicionários de línguas, músicas, filmes, rechearam a minha infância e adolescência e contribuíram para a minha formação pessoal e profissional. Grande foi a importância de meus pais neste processo de incentivo à cultura, garantindo o que Kant (1996, 26-27) afirmava sobre tornar-se culto, ... “a cultura abrange a instrução e vários conhecimentos. A cultura é a criação da habilidade e essa é a posse de uma capacidade condizente com todos os fins que almejemos.” O

acesso à cultura nesta fase contribuiu significativamente na construção da minha visão sobre o mundo e, mais adiante, na constituição da minha vida acadêmica e profissional. Assim, dentre as opções de cursos no antigo Ensino Médio, optei pelo Magistério. Nos três anos que se constituíram meu período de formação neste segmento de ensino pude disponibilizar das informações que adquiria na escola, em casa e nos meios midiáticos – existentes nas últimas décadas do século XX - para desenvolver trabalhos com meus alunos no estágio. Revistas, jornais, músicas e vídeos eram elementos sempre presentes no desenvolvimento de minhas aulas. Compreendi então como o trabalho diversificado, além de envolver os alunos, criando um ambiente atraente, possibilitava que todos tivessem a oportunidade de trabalhar a cooperação e a convivência em grupo para atingir objetivos que eram comuns, assim, reporto-me ao pensamento de Vygotsky, nas palavras de Coll:

Para Vygotsky, o desenvolvimento não se tratava de uma mera acumulação lenta de mudanças unitárias [...] nesse sentido, sua visão da história do indivíduo e sua visão da história da cultura são semelhantes [...]. Vygotsky rejeita o conceito de desenvolvimento linear, incorporando [...] tanto alterações evolutivas como mudanças revolucionárias (Ibidem, página 162). Enquanto Piaget destaca os estágios universais, de suporte mais biológico, Vygotsky se ocupa mais da interação entre as condições sociais em transformação e os substratos biológicos do comportamento. (1998, p. 164)

O início da minha vida profissional aconteceu ainda em Amargosa e após um ano mudei-me para Salvador, lecionando em turmas do Ensino Fundamental I. Embora a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, recomende a formação de professores em nível superior, o curso de Magistério, no final da década de 90 e início do ano 2000, ainda era aceito na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, assim o acesso ao mercado de trabalho não foi um problema em nenhuma das duas cidades. Neste período tive acesso, devido aos estudos e formações de extensão que eram disponibilizados pelas instituições em que trabalhava, às obras de Paulo Freire, Piaget, Vygotsky e Wallon, que delinearão meu processo formativo e remeteram à reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem.

Minha atuação profissional se desenvolveu durante muitos anos apenas na rede particular de ensino, inicialmente como professora e nos últimos cinco anos no cargo de Coordenação Pedagógica. Paralelamente, há nove anos também pude ingressar na rede pública de ensino, pois para preencher seus quadros de educadores, diversas secretarias aceitavam inscrições nos concursos daqueles que tinham formação em Magistério.

Embora atualmente esteja como gestora escolar, a sala de aula foi e ainda é meu grande ambiente de formação, pois acredito que o processo educativo se desenvolve ao longo da vida dos sujeitos e transcende os limites da escolaridade formal, o processo de aprender e ensinar desenvolve-se na experiência cotidiana. Durante os primeiros anos da minha atuação profissional tive acesso há variados cursos de aperfeiçoamento e de extensão, o que foi muito importante, visto que o processo de formação do professor engloba a interação entre o conhecimento teórico e prático, fazendo-o desenvolver habilidades para saber lidar com as diferentes situações que surgem na atuação da prática docente. Além de cursos voltados para a prática pedagógica, como um Salto para o Futuro, Pro Letramento e Multicurso Ensino Fundamental, cursos como Roteiro para Cinema e Oficina de Teatro, entre outros, fizeram parte de minha formação continuada e contribuíram para a potencialização de ferramentas para a minha atuação profissional.

Nos últimos sete anos, uma nova função na área educacional agregou novas experiências, novos conhecimentos e buscas: a experiência no Fundamental II como professora efetiva de Filosofia da Prefeitura Municipal de Simões Filho. Nas funções de trabalho com as quais tive experiência até hoje, docência, coordenação e gestão, são inúmeras as reflexões feitas sobre a importância da formação em Filosofia. Nos momentos que reflito sobre minha prática em sala até quando, e nos momentos de Atividades Complementares com os colegas professores, socializávamos experiências, metodologias e avaliações de nossos alunos. Acredito que uma das funções específicas do coordenador e do gestor é a socialização do saber docente, proporcionando a troca experiências entre os professores, a discussão e a sistematização de práticas pedagógicas o que nos leva a uma reflexão constante sobre nossa formação.

A formação em nível superior tornou-se uma necessidade pessoal e profissional após dez anos de trabalho em sala de aula. Como uma pessoa que desde a infância já buscava pelo conhecimento a identificação com o curso de Filosofia foi imediata. Embora tenha passado no vestibular na UFBA, concluí meu curso na Faculdade Batista Brasileira (FBB) devido à conciliação necessária entre horário de estudo e de trabalho. Fazer reflexões sobre questões éticas, políticas, metafísicas e epistemológicas constituíram uma experiência prazerosa e fundamental em minha formação profissional e um marco na minha vida, de reflexões e mudanças quanto a minha jornada pessoal,

pois como afirmado pelo professor e filósofo Galeffi “...o ser humano é um acontecimento aberto ao seu próprio ser: ele já se encontra-sendo, enquanto vive” (2001, p. 459).

Já na época da formação deparei-me com uma reflexão que norteou minhas pesquisas e meu anteprojeto, a forma como o ensino de Filosofia é ministrado nas universidades e como os discentes se envolvem nas aulas deste componente curricular, as políticas que envolviam seu funcionamento, seus agentes e principalmente o estatuto da razão e o (não) diálogo entre a universidade e a contemporaneidade:

O século XX deixou duas amplas transformações que alteraram profundamente nossa visão do mundo: a revolução científica que, mediante descobertas extraordinárias, nos conduziu de uma era de certeza e dogmatismo para um oceano de incertezas e dúvidas; e a terceira revolução industrial, que está transformando radicalmente a sociedade contemporânea por meio de progressos na informática e na telemática, o que paradoxalmente aproximam as nações por meio do fenômeno da mundialização e, ao mesmo tempo, as afasta umas das outras ao gerar desigualdades cada vez mais profundas entre elas, em termos do acesso aos benefícios da globalização, do conhecimento e da informação (MAYOR ZARAGOZA, 2001,p.1)

A licenciatura me possibilitou assumir a disciplina em Simões Filho, onde já era concursada, com a formação de Magistério, o que me levou a novas reflexões sobre minha atuação profissional. A minha formação como professora de Filosofia constituiu-se em dois momentos que são ao mesmo tempo congruentes e divergentes: a graduação na universidade e a experiência docente. Por optar por uma prática pela epistemologia construtivista, a pesquisa pessoal pelas ideias dos principais pensadores da educação no pós-modernismo tornou-se uma constante, buscando métodos, temas e técnicas diversos para o desenvolvimento das aulas, já que no dia-a-dia sentia a falta de um maior respaldo quanto a ação prática do ensino de Filosofia, um ensino que dialogasse com o estudante, que tratasse do que era a sua vivência: o contexto local e global; uso de redes de comunicação; a diversidade de pensamento, de gênero, religiosa; o preconceito em suas diversas faces; os enfrentamentos para permanência na escola; e tantas outras questões que envolvem a rotina de uma sala de aula e que a formação do professor na universidade não dá conta.

Minha graduação em Filosofia foi em uma faculdade particular, de pequeno porte e no período, início dos anos 2000, contava com excelentes professores, em início de carreira, que hoje, após a expansão universitária da rede pública, encontram-se em

sua maioria lecionando em IES e IFS, com estes aprendi muito, principalmente conteúdos voltados para a história da Filosofia e correntes filosóficas. Também nos componentes curriculares de metodologia e estágios, foram discutidas boas práticas pedagógicas, porém limitadas, percepção que só pude ter ao assumir turmas de Filosofia do 6º e 7º ano, após aprovação em concurso público. Eu não estava preparada para desenvolver práticas relevantes para aqueles jovens, tão pouco para desenvolver um trabalho que gerasse um impacto positivo na comunidade escolar, que mostrasse qual mesmo a função da Filosofia no currículo daquela escola.

A prática, com adolescentes de dez a dezesseis anos, já na segunda década do século XXI, instiga o uso de metodologias na aula de Filosofia que sejam criativas e inovadoras para vencer os problemas enfrentados no dia-a-dia da escola pública: desestímulo, falta de relação do conteúdo com a realidade, abandono, violência, drogas e tantos outros. A inovação, neste sentido, não está relacionada em ver o mundo como ele é, mas sim como poderia ser. Assim, tem como premissa entender profundamente o que estes jovens querem, olhando o mundo como eles enxergam e a partir daí trazer novos olhares e formas de tratar o conhecimento. Desta necessidade pessoal, surge em mim a reflexão da sempre necessária complementação da formação do licenciado em Filosofia, devido ao desequilíbrio na relação teoria-prática nos currículos dos cursos de licenciatura, que privilegiam as abordagens de caráter descritivo em detrimento das práticas de ensino.

O primeiro motivo que me levou a tentar o ingresso no Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade foi o desejo de aprofundar minhas pesquisas sobre este acontecimento que é ser professor de Filosofia, explorando novos conceitos e ampliar e ressignificar minha atuação profissional. Outro fator incontestante foi a proposta inovadora do Programa em tornar a Universidade seu objeto de estudo e de contribuir com um projeto de mudança para que o mundo, começando pelo universitário, possa ser constituído de outra forma, marcada pela singularidade de cada um que compõe esse processo, como define Nietzsche, nas palavras de Dias:

...mantendo a arte de viver em primeiro plano, Nietzsche investe todo o seu saber na tarefa de descobrir e inventar novas formas de vida. Convida o ser humano a participar de maneira renovada na ordem do mundo, construir a própria singularidade, organizar uma rede de referências que o ajude a se

moldar na criação de si mesmo. E tudo isso só pode ser feito contra o presente, contra um “eu” constituído. (2011, p. 13)

O objeto do meu projeto de Mestrado começou a se delinear a partir das discussões nas escolas onde atuo e em congressos e cursos dos quais participei. O projeto que foi inicialmente aprovado era intitulado *O impacto das inovações tecnológicas no processo formativo do professor de Filosofia* e tinha por objetivo compreender a importância da inserção das Tecnologias da Informação e Comunicação junto ao currículo de formação em Filosofia e o impacto destas nas formas de interação entre professor, alunos e o conhecimento, além de buscar aprofundar os conhecimentos teóricos – metodológicos referentes aos pressupostos do ensino de Filosofia na universidade, abrangendo também o espaço e as potencialidades das Tecnologias da Informação e Comunicação - TICs, analisar as políticas públicas e acadêmicas diretamente ligadas a constituição do currículo de formação em Filosofia na Universidade Federal da Bahia (UFBA), identificar as possibilidades e desafios que perpassam a formação do professor no que tange o ensino de Filosofia em sala de aula, destacando as TICs como elementos potencializadores do conhecimento, reconhecimento e representação do pensamento humano, identificar as formas de uso do Ambiente Virtual de Aprendizagem na formação em Filosofia na Universidade Federal da Bahia (UFBA).

A pesquisa com base neste projeto me levou inicialmente a buscar o que estava sendo estudado sobre o ensino de Filosofia, com as contribuições do meu então orientador professor Dr. Haenz Gutierrez Quintana, o que se concretizou no artigo da minha qualificação e tornou-se um dos capítulos desta dissertação. O primeiro passo nessa caminhada investigativa foi o mapeamento das pesquisas desenvolvidas sobre o Ensino de Filosofia no Brasil no século XXI, realizado a partir de informações contidas na Plataforma Lattes, especificamente na versão 5.0 do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil e no portal Scientific Electronic Library Online (SciELO) Brasil, que estará no quarto capítulo da dissertação. Considerando-se que comunidades de pesquisadores que trabalham em áreas específicas do conhecimento são importantes para que se possa estabelecer uma reflexão sobre a produção do conhecimento, este capítulo teve por objetivo geral apreender algumas características e particularidades da dinâmica da produção do conhecimento sobre o Ensino de Filosofia. Foi no

acontecimento da qualificação que o objeto da pesquisa ganhou um novo formato, a partir das contribuições dos membros da banca, o professor Dr. Jarlee Oliveira Silva Salviano, tutor do PET-Filosofia da UFBA e o professor Dr. Cláudio Orlando Costa do Nascimento, tutor do PET UFRB e Recôncavo em Conexão, membro da Comissão Nacional de Avaliação do PET e meu atual orientador. Neste momento o PET – Programa de Educação Tutorial torna-se o objeto de pesquisa e apresentava-se como potencial resposta para as transformações necessárias na formação em Filosofia na sociedade contemporânea e tecnológica. A partir de então a investigação assume uma perspectiva de apresentar uma resposta para a mudança necessária, a partir do estudo documental do PET-Filosofia da UFBA, sua estrutura de funcionamento e proposta inovadora para oxigenar a formação do professor de Filosofia na universidade. Para tanto, novas escolhas foram necessárias, pois o PET também se configura como um grande mundo de informações. Como a indagação que sempre permeou minhas reflexões residia no âmbito do currículo de formação do professor de Filosofia na universidade, este foi então o caminho pleiteado: buscar as atividades planejadas para o desenvolvimento do PET/Filosofia da Universidade Federal da Bahia e desenvolver uma discussão sobre o potencial inovador que estas propõem para o graduando, vistas às limitações da formação em Filosofia na universidade, especificamente para aqueles que pretendem seguir a licenciatura. Por alguns momentos foi pensada a proposta de partir para uma pesquisa de campo, interagindo junto a tutor e petianos, porém, embora agregasse ainda mais conhecimento e enriquecesse a discussão, abriria demasiadamente o foco da pesquisa, principalmente porque a bibliografia sobre estudo do impacto dos grupos PET's é escassa e assim o aprofundamento teórico foi necessário para compreensão do programa e o que ele, embora não tão recente na universidade, traz de inovação, nos dias atuais, em sua programação. Acredito que a partir das análises aqui apresentadas, configuradas como um relatório, pesquisas de campo possam ser desenvolvidas em outros trabalhos para agregar ainda mais conhecimento sobre este programa dentro da universidade e que proporcione ao petiano um conhecimento além daquele currículo organizado como numa linha de produção pragmática que ainda configura o curso de Filosofia, tornando-se uma caminho outro, paráfrase por mim escolhida neste título vistas a discussão trazida por Macedo, Pimentel e Galeffi (2009) sobre a importância da vivência diária no que diz respeito à pesquisa acadêmica a partir das experiências vividas pelo pesquisador.

No primeiro capítulo apresento uma introdução para a pesquisa que foi realizada, apresentando meus anseios quanto ao objeto pesquisado. Esse capítulo foi iniciado com a seguinte questão: Por que pesquisar sobre o ensino de Filosofia? Dentre as múltiplas possibilidades de resposta para essa questão, a que vai ser desenvolvida neste trabalho trata das transformações que já ocorrem na sociedade e precisam chegar na universidade. A discussão partirá do pensamento de RUANO; GALEFFI E PONCKZEC (2014), BOFF (2009), KANT (1996), COLL (1998), GALEFFI (2001), MAYOR ZARAGOZA (2001) e DIAS (2011).

No capítulo dois, *CAMINHOS DE UMA PESQUISA HEURÍSTICA NA CIBERCULTURA*, explico o desenvolvimento metodológico, o que foi um desafio para esta pesquisa, pois o objeto investigado é composto por atividades/ações diversificadas, que pertencem a um campo de estudo pouco explorado e dentro de um espaço temporal contemporâneo marcado pela complexidade e transdisciplinaridade. Desta forma, embora o estudo tenha caráter descritivo, dialoga com a pesquisa exploratória em ambientes e-learning. Para traçar esta metodologia trabalhei com os autores MACEDO, PIMENTEL E GALEFFI (2009), VERGARA (2006), GIL (1991), RODRIGUES (2004), ALMEIDA (2003), BAUMAN (2007), COUTO (2012), LIMA JUNIOR (2005), LEMOS (2002), SAVIANI (1991) e RIO (2008).

Com o título de *PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA NA UFBA – UM CONSTRUTO HISTÓRICO SOCIAL*, no terceiro capítulo, apresento o percurso histórico de surgimento da UFBA, da criação do curso de Filosofia e das transformações sofridas em seu projeto político pedagógico. Embasaram essa discussão os autores SANTOS (2008), MACHADO (2001), LOUREIRO (2008), GOODSON (2008), BARRETO (2006), LOPES E MACEDO (2011), PRETTO (2006), MARANHÃO, PASSOS E VÈRAS (2014), ALMEIDA FILHO E COUTINHO (2011), RIOLFI E ALAMINOS (2007), SIQUEIRA (2015), MACHADO; LÍRIO (2011), SAUPE E GEIB (2012), ORTIZ (1994), PRETTO; PINTO (2016) e GALLO (2013).

A minha análise neste quarto capítulo, *PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL – PET: ENSINO, PESQUISA E ESTENSÃO COMO ACONTECIMENTO*, parte da coleta de dados que fomenta a construção um relatório sobre a pesquisa a respeito do Ensino de Filosofia na universidade, atualmente, mostrando em qual contexto encontra-se a busca por alternativas outras para a formação do professor de

Filosofia. A discussão avança para um aprofundamento teórico dos aspectos estruturais do desenvolvimento do Programa de Educação Tutorial PET, focado na análise dos pressupostos legais e político-educacionais utilizados como justificativas para a sua execução no contexto da política educacional e social brasileira, sobre o suporte referencial de BERALDO, SOARES (2014); DOMINGUES (2014); FAVERO (2004); GALEFFI (2001); JAPIASSÚ, MARCONDES (2006); LOUREIRO (2008); LOYOLA (2008); MARGUTTI (2014); OLIVEIRA (2012); SERIKAWA (2013); SILVA(2002); SOUZA, NETO (2014); TEIXEIRA, GONZALES(1983), TOMAZETTI(2012), SAUPE; GEIB (2002), SESu/MEC (2006), FRANCISCHETTI (2011), BRASIL (2015), CAMARA; GROSSEMAN; PINHO (2015) e SOUZA e GOMES JUNIOR (2015).

Todo percurso construído culminará neste quinto capítulo, *PET/FILOSOFIA UFBA: POSSIBILIDADES DE UM CAMINHO OUTRO PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR*, pois nos capítulos anteriores encontramos na literatura vigente os problemas enfrentados no ensino de Filosofia e de que forma se constitui o curso de graduação em Filosofia da Universidade Federal da Bahia. O programa de atividades do PET/Filosofia UFBA será nosso objeto de análise para entendermos o funcionamento, a constituição e atuação de um grupo PET, partindo do pensamento dos pesquisadores IAHN (2002), LÉVY (1999), CHAUI (2003), DEMO (1995), MACEDO (2012), SCHÖN (1997), PAVIANI (1988), ZAOUAL (2003), COULON (2008), MORIN (2002), TOMAZETTI (2012), CERNY; LAPA (2013), LOSTADA (2012), LINS (2009), HAAG (2008), FREIRE (2002), SANTOS;WEBER (2013), MASSETO (2000), AMARAL (2003), DELEUZE (1999) e MARTINS (2004).

2 CAMINHOS DE UMA PESQUISA HEURÍSTICA NA CIBERCULTURA

Um dos desafios desta pesquisa foi o seu desenvolvimento metodológico, pois o objeto investigado é composto por atividades/ações diversificadas, que pertencem a um campo de estudo pouco explorado e dentro de um espaço temporal contemporâneo marcado pela complexidade e transdisciplinaridade. Desta forma, embora o estudo tenha caráter descritivo, dialoga com a pesquisa exploratória em ambientes e-learning.

Como já explicitado, neste trabalho não fiz a opção pela pesquisa em campo, no entanto isto não significa que haja limitações heurísticas, pois, como apontado por Macedo, Pimentel e Galeffi (2009):

na fundamentação teórica de uma pesquisa não podemos nos limitar a reluzir, consertar ou legitimar conceitos, faz-se necessário nos autorizarmos a criá-los, a propô-los. Tomando esses argumentos como inspiração, faz-se necessário enfatizar que uma das maneiras de constituição filosófica de rigor é sempre se perguntar e fazer emergir nos relatórios de pesquisas os pressupostos que estão norteando o processo de pesquisa e a construção dos “dados”. Há aqui um momento extremamente fecundo que é a reflexão sobre a construção do conhecimento que implica a pesquisa; nestes termos, critério e densidade agregam-se para proporcionar à pesquisa o rigor e a qualidade que desejamos. Ademais, permitem que a pesquisa forje uma interessante possibilidade formativa sobre a própria história da produção do conhecimento e suas omissões, que permeia todo um passado irrefletido de nos colocarmos diante das práticas de investigação. Por uma hermenêutica crítica, vamos compreender que em termos de pesquisa, temos um cenário fértil de imposições de sentido sobre o conhecimento e as verdades científicas, que é preciso compreender para se praticar um rigor outro (p. 91-92)

Desta forma, esta pesquisa procura contribuir para a discussão sobre as mudanças que a contemporaneidade exige na formação em Filosofia sobre três vertentes: uma pesquisa parametrizada do campo de estudo sobre ensino de Filosofia nos grupos de estudo de Filosofia; a investigação do processo formativo em Filosofia dentro da Universidade; da apresentação do Programa de Educação Tutorial como agente potencial de mudanças curriculares.

Utilizei como instrumentos metodológicos a pesquisa bibliográfica secundária, a análise documental e análise temática. O primeiro passo metodológico foi a pesquisa bibliográfica, que segundo Vergara (2006, p. 48), “é o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral”. No entanto, por desenvolver um tema ainda pouco tratado na bibliografia acadêmica, a caminhada se aproximou da pesquisa exploratória.

...algumas pesquisas descritivas vão além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, pretendendo determinar a natureza dessa relação. [...] embora definidas como descritivas a partir de seus objetivos, acabam servindo mais para proporcionar uma nova visão do problema, o que as aproxima das pesquisas exploratórias. (GIL,1991, p.46)

Esta pesquisa bibliográfica abrangeu dos temas macros ao micro, progressivamente, partindo dos estudos sobre o ensino de Filosofia, a reforma universitária e o Programa de Educação Tutorial – PET, para consecutivamente tratar de cada um destes entrelaçados ao curso de graduação em Filosofia na Universidade Federal da Bahia. Para identificar o envolvimento dos institutos de Filosofia com as questões que envolvem ensino, realizei um mapeamento a partir de informações contidas na Plataforma Lattes, especificamente na versão 5.0 do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (2004), a partir da identificação da escassez de grupos de pesquisa nos institutos de Filosofia que se dedicassem ao seu ensino. Para a pesquisa bibliográfica sobre ensino de Filosofia, a reforma universitária e o Programa de Educação Tutorial – PET, além do portal Scientific Electronic Library Online (SciELO), outra importante fonte de pesquisa foi os Repositórios¹ Institucionais digitais.

O universo da pesquisa foi composto por análise das atividades programadas pelo PET/Filosofia UFBA para o ano de 2014. A pesquisa teve como objetivo geral identificar nestas atividades rupturas com o currículo tradicionalista que ainda impera nas graduações em Filosofia e que limitam principalmente a formação do professor.

A investigação sobre o Programa de Educação Tutorial em toda a sua conjuntura legal pode ser feita a partir dos arquivos disponibilizados no site no Ministério de Educação - MEC. O mesmo procedimento, a pesquisa em sites institucionais e blogs pertencentes a programas tutorias das universidades, foram

¹ O que são os repositórios institucionais? Basicamente, são coleções digitais que armazenam, preservam, divulgam e dão acesso à produção intelectual de comunidades universitárias. Ao fazê-lo, os repositórios pretendem intervir e dar resposta a duas questões estratégicas que as universidades enfrentam: – contribuir para o aumento da visibilidade, estatuto, imagem e “valor” público da instituição, servindo como indicador tangível da qualidade dessa universidade e demonstrando a relevância científica, econômica e social das suas atividades de investigação e ensino; – contribuir para a reforma do sistema de comunicação científica, expandindo o acesso aos resultados da investigação, reassumindo o controle acadêmico sobre a publicação científica, aumentando a competição e reduzindo o monopólio das revistas científicas, o que se pode traduzir também em economias para as universidades e as bibliotecas que as servem. (RODRIGUES, 2004)

adotados na investigação dos componentes curriculares que compõem a formação em licenciatura em Filosofia das universidades analisadas e da composição das atividades desenvolvidas por seus grupos PET de Filosofia.

A utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC's foi à base principal da busca de dados para a constituição desta pesquisa. Um mesmo sistema como os utilizados nesta pesquisa, seja um site, um blog ou uma plataforma digital, tem a capacidade de integrar diferentes tecnologias e metodologias de aprendizagem, também denominado e-Learning híbrido (ALMEIDA, 2003), “pode englobar auto- formação assíncronas, interações síncronas em ambientes virtuais, encontros ou aulas e conferências presenciais, outras dinâmicas usuais de aprendizagem e diversos meios de suporte à formação, tanto digitais como outros mais convencionais.” Embora a terminologia seja aplicada convencionalmente à educação à distância – EAD – na educação presencial também podemos fazer uso de recursos hipermediáticos. Foi assim todo o caminho de busca por respaldo teórico metodológico para analisar o meu objeto de pesquisa. Foi um processo de navegação pelos hipertextos, planilhas e conteúdos disponibilizados, um exercício constante da autonomia de aprendiz, incitada pelas possibilidades de tomada de decisão sobre quais caminhos seguir na exploração de recursos disponíveis na ambiente web.

As revoluções tecnocientíficas e biotecnológicas, características da contemporaneidade criaram e potencializaram ferramentas de acesso às informações, possibilitando a construção de conhecimento, dando-se a uma pesquisa que poderia limitar-se apenas no ato descritivo à produzir conexões entre saberes. As mutações promovidas pelas tecnologias constroem diferentes modos de existir em uma sociedade líquido-moderna, que, segundo Bauman (2007), é aquela em que as condições de atuação do indivíduo mudam antes mesmo que hábitos e rotinas sejam estabelecidos e as estratégias de atuação envelhecem antes que sejam apreendidas:

Flutuando como água, você vai em frente com rapidez, jamais enfrentando a corrente nem parando o suficiente para ficar estagnado ou se prender às margens ou às rochas – propriedades, situações ou pessoas que passam por sua vida -, nem tentando agarrar-se a suas opiniões ou visões de mundo, apenas se ligando ligeiramente, mas com inteligência, a qualquer coisa que se apresente enquanto você passa, e depois deixando-a ir embora graciosamente sem apegar-se... (*Observer Magazine*, 30 nov 2003, p.95 apud BAUMAN, 2007 p.11)

Estar nessa sociedade, volátil, caracterizada pela cibercultura, nos induz a investigar, segundo Couto (2012), os diferentes modos de existir. A técnica reinventa o homem que a criou e a formação de ambos torna-se um processo simbiótico inserido em um processo de virtualização do mundo e de desmaterialização da realidade. Ao iniciar esta pesquisa delimitarei que não haveria um trabalho de campo, mas não seria o virtual também um campo de análise? Para a sociedade, tornamo-nos “ciborgues interpretativos, dominados e transformados em pura programação imagética e tecnológica.” (COUTO, 2012, p.23). Encontramo-nos numa realidade de construção e reconstrução do corpo como elemento integrado a um circuito com informações e matérias, caracterizando a passagem do psicocorpo para o cibercorpo², configurando a política do pós-humano ou transumano: trata-se da condição humana expandida pelas tecnologias. No entanto, este processo é complicado:

Tudo é confuso, contraditório, e paradoxal porque está em projeto. Nada está pronto, construído, finalizado. Estamos todos sempre em processo, entre retrocessos e avanços que se esbarram em renovados limites e barreiras pessoais, educacionais culturais e tecnológicas que não cessam de nos desafiar. (COUTO, 2012, p. 36)

Este estar-encontrando-se no mundo decorre do fato da cibercultura, além de questionar e rejeitar os dualismos, que não dão mais conta nem do mundo nem de nós mesmos, constituir-se de uma percepção do mundo e do corpo contemporâneo de forma híbrida. Os conceitos que fundamentam a realidade presente são mistos, provisórios e sujeitos a novas combinações, ambiguidades e diferenças.

Essa delimitação de tempo – contemporaneidade - e de um contexto social marcado pelo uso das tecnologias – cibercultura – impulsiona que essa pesquisa assuma um caráter criativo, de observação da realidade, mas em busca dos caminhos de transformação.

Um processo criativo através do qual o ser humano utiliza-se de recursos materiais e imateriais, ou os cria a partir do que está disponível na natureza e no seu contexto vivencial, a fim de encontrar respostas para os problemas do seu contexto, superando-os. Neste processo, o ser humano transforma a realidade da qual participa e, ao mesmo tempo, transforma a si mesmo, descobre formas de atuação e produz conhecimento sobre elas, inventa meio e produz conhecimento sobre tal processo, no qual está implicado. (LIMA JUNIOR, 2005, p. 15)

² Cibercorpo é a denominação utilizada para referenciar o novo corpo, híbrido de homem-máquina, a partir da relação simbiótica com o ciberespaço e, ciberaprendizagem, trata da construção do conhecimento a partir da relação entre o cibercorpo e o ciberespaço (LEMOS. 2002, p. 178-179).

As práticas curriculares vigentes no sistema educacional brasileiro, segundo o autor, sejam estas de abordagem reprodutivista ou crítica³, ainda estão embasadas na racionalidade moderna, pois aspiram ao estatuto e à legitimação científica o que se torna o seu fundamento epistemológico. A educação escolar e suas diversas expressões curriculares centram-se em um modelo formal e totalitário de uma concepção de conhecimento ainda baseada na certeza cartesiana e na estabilidade newtoniana. Assim, temos um desafio contemporâneo quanto ao conhecimento que é o de “pensar a realidade dentro dela mesma, no seu devir, ou seja, pensar os processos existenciais da vida, dentro desses processos, aprendendo com eles e neles.” (LIMA JUNIOR, 2005, p.102)

Em nenhum momento desta investigação a tecnologia é entendida apenas enquanto aparato maquínico, nem no sentido mecânico oriundo da industrialização, tais dimensões são pressupostas, mas o conceito apresentado retorna à matriz grega de *tekné* - o método, a maneira de fazer eficaz, um processo criativo através do qual o ser humano utiliza-se de recursos materiais e imateriais, ou os cria a partir do que está disponível na natureza a fim de encontrar respostas para os problemas do seu contexto, superando-os. Segundo o pensamento do autor, a questão tecnológica constitui-se numa rede de significados na qual o ser humano está implicado. Torna-se então necessário compreender a lógica e funcionamento desta rede, como metáfora inspiradora ou arquétipo de um novo pensar/agir na prática pedagógica, especialmente, na práxis curricular.

O acesso às informações sobre o PET/Filosofia UFBA foi realizado através de uma página criada pelo grupo no WordPress, um aplicativo de sistema de gerenciamento de conteúdo para web, especificamente para criação de sites e blogs via web. O blog integra a chamada web 2.0, que permite a elaboração e publicação de informação por meio de plataformas especializadas. Essa ferramenta, durante o meu processo de pesquisa, contribuiu não apenas para o acesso a arquivos de documentos, mas também constituiu um campo de comunicação, pois com o cadastro do meu email pude acompanhar todas as publicações do grupo no período de realização da pesquisa.

³ Segundo Saviani (1991) as teorias crítico-reprodutivistas surgem enquanto críticas pautadas pelo marxismo ao modelo de educação nas sociedades capitalistas. Na sociedade atual estas teorias perdem força, pois desconsideram o acúmulo histórico de valores e virtudes atemporais adquiridos pela escola, que transcendem a modelos econômicos e políticos.

Possuir o domínio no uso do computador e das ferramentas tecnológicas disponibilizadas pela web foi fundamental durante todo o percurso, seja para acompanhar a criação e circulação de conteúdos, assim como das postagens do desenvolvimento das atividades planejadas, sendo a virtualidade tomada como uma dimensão possível e utilitária na realização dessa pesquisa, possibilitando que por mim fosse tomada uma atitude quase que de um flâneur⁴ contemporâneo, como o espírito do observador.

A questão epistemológica da análise que realizei está em compreender as diversas razões convivendo no cenário humano, histórico-social. Conseqüentemente, a questão educativa (curricular) da graduação em Filosofia, especificamente da formação do professor, consistirá em se conviver/transitar por esta diversidade epistemológica, identificando as novas formas e critérios que o PET/ Filosofia UFBA apresenta para a produção do conhecimento e para a formação humana, num contexto que também guarda relações com a emergência das tecnologias proposicionais.

Investigar a questão da formação em Filosofia na universidade – e então do seu currículo – necessita antes assumir o fazer Filosofia como um caminho dialógico que acolhe, pensa o ser do ente, assumindo então uma função formativa, inventando o próprio filosofar uma ação de fazer a si mesmo na relação com o outro e com o mundo. Para tal, é necessário pensar o seu ensino com a construção de estratégias de ação inteligentes e criativas, com a instituição de mecanismos culturais e políticos e de educadores que já saibam pensar com autonomia.

⁴ “Flanar é a distinção de perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico. [...] Do alto de uma janela como Paul Adam [escritor francês], admira o caleidoscópio da vida no epitome delirante que é a rua; [...] As frases, os ditos, as cenas vibram-lhe no cortical. [...] ei-lo a psicologar, ei-lo a pintar os pensamentos, a fisionomia, a alma das ruas.” (RIO, 2008, p. 28-29).

3 PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA NA UFBA – UM CONSTRUTO HISTÓRICO SOCIAL

3.1 A Universidade no contexto contemporâneo

O século XXI surge apresentando um modelo de Universidade que anseia por reforma. Esta seria, segundo Santos (2008), um modo eficaz e emancipatório de através de uma globalização alternativa, enfrentar a globalização neoliberal, encerrando uma história de exclusão de grupos sociais e seus saberes. Seria o início de uma nova era, com uma universidade protagonizando sua própria reforma, envolvendo, segundo o autor, três instâncias: a sociedade politicamente organizada, a própria universidade pública, ou seja, quem nela está interessado numa globalização alternativa e o Estado nacional. Paralelamente, um quarto grupo seria o dos países semiperiféricos e periféricos que através de um contrato social legitimariam a reforma.

Para a consolidação de uma reforma que atingisse o objetivo proposto, alguns princípios norteadores deveriam ser observados: enfrentar o novo com o novo, promovendo alternativas de pesquisa, de formação, de extensão e de organização que apontem para a democratização do bem público universitário; lutar pela definição da crise, sustentando uma definição contra hegemônica da crise, constatando sua perda de hegemonia e concentrando-se na questão da legitimidade; lutar pela definição de universidade, pois no século XXI só há universidade quando há formação graduada e pós-graduada, pesquisa e extensão; reconquistar a legitimidade através de um foco nas cinco áreas de ação: acesso, extensão, pesquisa-ação, ecologia de saberes, universidade e escola pública.

A reforma da universidade deve conferir uma nova centralidade às atividades de extensão e concebê-las de modo alternativo ao capitalismo global, atribuindo às universidades uma participação ativa na construção da coesão social, no aprofundamento da democracia, na luta contra a exclusão social e a degradação ambiental, na defesa da diversidade cultural. As atividades de extensão devem ter como objetivo prioritário o apoio solidário na resolução dos problemas da exclusão e da discriminação sociais e de tal modo que nele se dê voz aos grupos excluídos e discriminados. A pesquisa-ação e a ecologia de saberes são áreas de legitimação da universidade que transcendem a extensão uma vez que tanto atuam ao nível desta como ao nível da pesquisa e da formação, elas situam-se na procura de uma reorientação solidária da relação universidade-sociedade. (SANTOS, in ALMEIDA FILHO, 2008).

A Universidade do meu, do nosso tempo, necessita de um paradigma renovado, na qual haja pertencimento de todos os segmentos que compõem a sociedade contemporânea, um espaço dialógico com a conectividade, com os processos de globalização e internacionalização de forma crítica e atuante, aberta ao conhecimento e tecnologia como força produtiva, palco de discussão e lutas sobre as contradições políticas e desigualdades sociais, às comunidades ideais de diálogo, desenvolvimento social sustentável, respeito as diferenças e diversidades, internacionalismo acadêmico, desenvolvimento social com justiça e bem-estar e efetivamente um espaço de instituição da cultura, formação profissional e produção do conhecimento, que tenha em seu plano epistemológico multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade e no plano político-ideológico inclusão social.

3.2 O curso de graduação em Filosofia na UFBA: da liga cívica ao grupo PET

A Universidade Federal da Bahia tem seu começo em 18 de fevereiro de 1808, quando o Príncipe Regente Dom João VI instituiu a Escola de Cirurgia da Bahia, primeiro curso universitário do Brasil. Ainda no século XIX, incorporou os cursos de Farmácia (1832) e Odontologia (1864), a Academia de Belas Artes (1877), Direito (1891) e Politécnica (1896). No século XX, Isaías Alves cria a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1941). De acordo com Loureiro (2008), durante os 15 anos de reitorado de Edgard Santos (1946-1961), este liderou o processo de federalização e implantou a infraestrutura física e de pessoal, escrevendo o primeiro capítulo de uma universidade integrada: Artes, Letras, Humanidades e Ciências. Logo no primeiro ano de reitorado a Universidade da Bahia, constituiu-se, formalmente. Em 1950, passa a Universidade Federal da Bahia, integrando as escolas isoladas e instituindo outros cursos. Em quinze anos sob o reitorado de Edgard Santos, a UFBA floresceu nas áreas de artes, humanidades e saúde. Construiu o Hospital Universitário; criou o Centro de Estudos Afro-Orientais e os campi do Canela, Federação e Ondina. Em seu reitorado, a Bahia ganhou projeção, com destaque para Dança, Música e Teatro, primeiros cursos universitários do gênero no país.

A UFBA alicerça, na década de 1960, dois importantes fenômenos da cultura contemporânea: o Cinema Novo e o Tropicalismo. A Instituição cresceu e modernizou-se. Com o Programa de Apoio a Planos de Expansão e Reestruturação das Universidades Federais (REUNI), a UFBA amplia a oferta de cursos de graduação e

implementa uma reforma curricular profunda e abrangente, com a implantação do regime de ciclos na educação superior, articulado à expansão de vagas no atual, de progressão linear. Este modelo constitui o Programa UFBA Universidade Nova. Amplamente discutida pela sociedade e pela comunidade acadêmica do país. A proposta da Universidade Nova serviu para Ministério da Educação implantar o REUNI (que retorna como principal apoio institucional e financeiro do Programa). A transformação curricular dotou a UFBA de cursos de graduação interdisciplinares, flexíveis, abrangentes e articulados à pós-graduação.

A análise inicial da pesquisa sobre o ensino de Filosofia abriu um leque de possibilidades investigativas e um filtro se fez necessário. Como nosso objeto de análise já se configurava, a escolha por abordar o currículo foi essencial, já que a discussão foi feita a partir de um programa desenvolvido dentro da proposta curricular da graduação em Filosofia na Universidade Federal da Bahia. No tecer das análises sobre o currículo a as atividades projetadas para o PET, foi necessária a construção de uma rede de significados, no sentido que

A ideia de rede constitui uma imagem emergente para a representação do conhecimento, inspirada, em grande parte, nas tecnologias informacionais. Nesta perspectiva, conhecer é como enredar, tecer significações, partilhar significados. Os significados, por sua vez, são construídos por meio de relações estabelecidas entre os objetos, as noções, os conceitos. (MACHADO, 2001, p.8)

Durante meu percurso de investigação, foi possível perceber que as redes de significações como imagem do conhecimento são necessárias para acompanhar a formalização da proposta curricular da graduação em Filosofia na UFBA, principalmente por estarem em permanente estado de atualização devido a sua natural historicidade. É desta forma que poderemos compreender as articulações vivas entre os objetos ou os temas envolvidos (MACHADO, 2001, p. 18)

A Faculdade de Filosofia da UFBA tem seu funcionamento autorizado pelo decreto federal 10.664 de 1942, sendo inicialmente mantida pela Liga de Educação Cívica, com auxílio do governo do Estado, Municipal e da sociedade civil. Surge com a missão tanto de preparar professores para o ensino secundário quanto de cooperar no desenvolvimento da cultura (LOUREIRO, 2008, p.111). O corpo docente inicial é formado por professores baianos de diversas áreas, no entanto, sem formação para o magistério, e assim permanece por duas décadas, quando então houve concurso para

catedráticos e livre-docentes, quase dez anos após a federalização e integração da faculdade a UFBA.

Desde a sua formação, o curso de Filosofia passou por várias reformulações do currículo, sendo as mais significativas, de acordo com Loureiro (2008), as de 1970, 1984, 1994 e 1998. Faremos uma análise temporal da organização curricular até chegarmos a vigente no ato desta pesquisa, buscando estabelecer comparativos entre o que permanece e o que muda em cada uma delas.

Inicialmente, antes de apresentarmos a análise das transformações na estrutura curricular da Faculdade de Filosofia da UFBA, faz-se necessário optar por uma definição de currículo. Como são inúmeras as conceituações existentes, optamos por perpassar por algumas que julgamos mais pertinentes às nossas reflexões sobre a formação em Filosofia. Partindo da concepção da origem da palavra, segundo Goodson (2008) que vem do latim *Scurrere*, correr, e refere-se ao percurso; passando para Barreto (2006), segundo o qual a abordagem do currículo deve ser em perspectiva histórica e sua compreensão dependerá da forma como ele é definido pelos autores e pelas teorias que dele se ocupam; também buscando a perspectiva de Lopes e Macedo (2011), trazendo currículo como produção de cultura, alinhadas a compreensão de Pretto (2006) para o qual o currículo se faz na escola, construído por aqueles que fazem o cotidiano escolar.

Quadro 1: Constituição Curricular em 1970

Graduação em Filosofia – UFBA	Ano: 1970
Formação: Licenciatura e Bacharelado	Base legal: Parecer 277/62
Carga Horária: 2715h	Lei 5.540/68
Distribuição: História da Filosofia 480h; Filosofia Geral 480h; Lógica 270h; Teoria do Conhecimento 180h; Ética 90h; Estética 75h; Estrutura e Funcionamento 45h; Psicologia da Educação 90h; Didática 105h; Prática de Ensino 225h; Outras 675h.	Distribuição: 1. Currículo Nuclear; 2. Currículo Mínimo; 3. Complementares obrigatórias; 4. Complementares optativas; 5. Eletivas.

Fonte: LOUREIRO, 2008

Podemos observar no Quadro 1 que a estrutura curricular compromete o curso em vários aspectos e estes são potenciais geradores de abandono: efetivamente só a

licenciatura era ofertada e doze das dezessete disciplinas do currículo mínimo exigem pré-requisito, ou seja, mais de 70%, gerando dificuldade na integralização do curso. Uma década depois há uma reforma curricular que busca, dentre outros aspectos, adequar o curso as mudanças ocorridas na Filosofia e ao mundo do trabalho, logo “há uma ênfase nas habilidades que devem ser desenvolvidas nos discentes o que, de certa forma, antecipa a nomenclatura “competências e habilidades” tão caras às novas diretrizes curriculares.” (LOUREIRO, 2008, p.115).

Quadro 2: Constituição Curricular em 1984

Graduação em Filosofia – UFBA		Ano: 1984
Formação: Licenciatura e Bacharelado		
Objetivos do Curso: Formar o pensador com condições de análise dos problemas do mundo contemporâneo; formar sujeitos com condições de, no campo da Filosofia, introduzir-se no âmbito da investigação e formar profissionais competentes para o exercício do magistério secundário.		
Carga Horária/ Distribuição::2145h ⁵		
História da Filosofia;	Teoria do Conhecimento;	
Filosofia Geral;	Ética;	
Estudo do Pensamento Filosófico na América Latina;	Estética;	
Estudo do Pensamento Filosófico no Brasil;	Estrutura e Funcionamento;	
Filosofia Política;	Filosofia da Educação;	
História das Ideias Políticas;	Psicologia da Educação;	
Introdução ao Estudo do Texto Filosófico;	Didática;	
Filosofia da Linguagem;	Metodologia e Prática de Ensino de Filosofia;	
Lógica;	Outras.	

A mudança curricular ocorrida em 1982, segundo a autora, deixa explícita uma vertente política, concatenada com as transformações ocorridas no período:

Nesta configuração curricular há espaço para a Filosofia Política; em outras palavras, observa-se uma mudança na concepção de formação que agora se afigura mais voltada para o social e político, com uma preocupação maior para a ciência, em detrimento da metafísica. Há uma mudança de foco, substituindo uma visão mais tomista escolástica para uma filosofia preocupada com as transformações que estão ocorrendo na sociedade. (LOUREIRO, 2002, p. 115)

Em 1994 acontece mais uma reformulação, proposta que veio a mudar a estrutura universitária de todo país. Esta reforma, elaborada pelo colegiado e pelo departamento do curso, é fruto da discussão de discentes e docentes durante dois anos. É nesta reforma que de fato é inserido o bacharelado enfatizando a dicotomia: bacharel é pesquisador, licenciado é professor.

⁵ A autora define apenas a carga horária de algumas disciplinas da reforma curricular de 1982, sendo assim, para efeitos de organização, optamos por apresentar as disciplinas sem destrinchar a carga horária das mesmas.

Quadro 3: Constituição Curricular em 1994

Graduação em Filosofia – UFBA		Ano: 1994
Formação: Licenciatura e Bacharelado		
Objetivos do Curso: Formar o pensador com condições de análise dos problemas do mundo contemporâneo; formar sujeitos com condições de, no campo da Filosofia, introduzir-se no âmbito da investigação e formar profissionais competentes para o exercício do magistério secundário.		
Carga Horária: 2280h		
Licenciatura: Base Comum; Disciplinas de Formação Pedagógica.	Bacharelado: Base Comum; Tópicos Especiais de Filosofia I e II; Metodologia de Investigação em Filosofia; Prática de Investigação em Filosofia; Seminário de Pesquisa em Filosofia I; Prática de Pesquisa em Filosofia; Defesa pública de Monografia.	

Fonte: LOUREIRO, 2008

Sobre a nova proposta curricular a autora aborda alguns pontos relevantes:

- A falta de professores e a existência de disciplinas com um alto grau de exigência no início do curso levam a uma reformulação da proposta curricular do bacharelado;
- As disciplinas de formação do professor ficavam a cargo da faculdade de Educação, sendo a formação na Faculdade de Filosofia totalmente voltada para o bacharelado;
- Nas três reformas permanece a ênfase na história da Filosofia.

Em 2001 uma reformulação geral acontece, quando então é elaborado o Currículo para os Cursos de Filosofia Bacharelado e Licenciatura, documento este que, segundo a autora, aproxima-se de um projeto pedagógico, indo além da definição das disciplinas.

Quadro 4: Constituição Curricular em 2001

Graduação em Filosofia – UFBA		Ano: 2001
Formação: Licenciatura e Bacharelado		Eixo de formação: pesquisa
1.	Base de formação: História da Filosofia	
2.	Tópicos Especiais em Filosofia: valorizar a relação ensino e pesquisa.	
3.	Aproximação entre a formação do Bacharel e do Licenciado (400h de estágio e 3 componentes de formação em professor.	
4.	Tutoria e Monografia (atividade prática); Grupo de Estudo e Pesquisa (atividade complementar)	
5.	Introdução a Filosofia: curso centrado na natureza do pensar.	
6.	Axiologia e Filosofia da mente delegadas a Tópicos Especiais.	
7.	Teoria do Conhecimento e Estética: componentes canônicos.	
8.	Atividade Complementar: Estudo de Línguas Estrangeiras.	
9.	Integração entre Graduação e Pós-graduação.	

Pontos relevantes na nova reestruturação curricular:

- Permanência do foco em história da Filosofia, sob a justificativa de que há o trabalho com autores, ao invés de manuais;
- Contradição na formação do professor, com poucos créditos de suporte para a formação;
- A implantação da tutoria, que será nosso objeto de análise, aparece como uma inovação no acompanhamento continuado dos docentes;
- É no quinto semestre que o graduando faz sua escolha entre bacharelado ou licenciatura;
- As atividades complementares podem ser distribuídas entre seminários, congressos, cursos de extensão, etc;
- Substituição do termo “disciplina” por “componente curricular”.

Analisando os quatro quadros de mudanças curriculares ocorridas na graduação em Filosofia na UFBA, é possível perceber uma preocupação com a escolarização do pensar, através da ênfase na História da Filosofia e Filosofia Geral, em contrapartida a componentes mais reflexivos como Estética e Axiologia. Outro ponto relevante, como já abordado no capítulo 1, no departamento de Filosofia da UFBA, no período analisado até então, assim como em outras instituições, a formação do licenciado é delegada à Faculdade de Educação, não havendo de fato interação dos professores com a formação do licenciado. Porém, na reforma de 2001 é possível identificar pontos de avanço, como o uso da nomenclatura componente curricular, saindo da ideia de “grade” que nos reporta a conteúdos estanques, a preocupação com o desenvolvimento de habilidades. Embora o currículo de 2001 possuísse resquícios da reforma anterior, preocupada apenas com o mercado de trabalho e o fortalecimento da extensão, através das atividades complementares que abarcam seminários, congressos e o aparecimento da tutoria, atividade inicialmente complementar, mas que nos próximos capítulos analisaremos como foi sistematizada a nível nacional enquanto um programa e o seu desenvolvimento na UFBA.

A Universidade Federal da Bahia aderiu ao Programa de Apoio a Planos de Expansão e Reestruturação das Universidades Federais (REUNI) em 2007. Essa

reestruturação teve por principais objetivos, segundo Maranhão, Passos e Vêras (2014) criar estratégias para a ampliação do acesso e permanência na Universidade, além de consolidar as políticas educacionais nacionais de expansão do ensino superior.

Para se inserir no programa, a UFBA elaborou a Proposta de Inclusão da Universidade Federal da Bahia no Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI que aconteceu paralelamente ao desenvolvimento do Projeto da Universidade Nova, implantado na UFBA no mesmo período. Segundo as autoras, as metas desta parceria UFBA Nova e REUNI seriam:

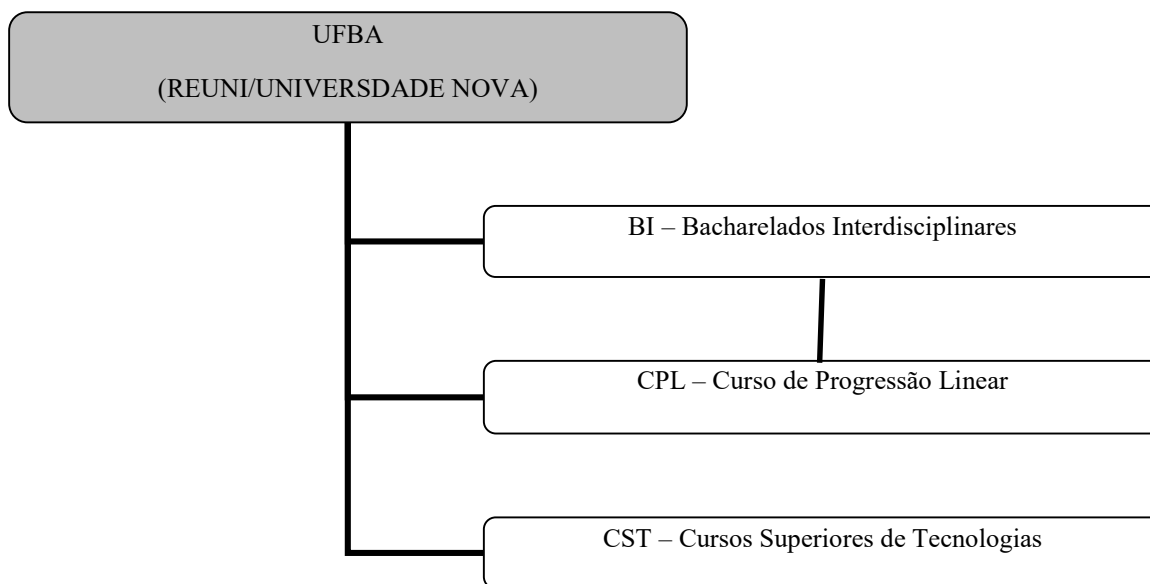
Implantação de 28 novos cursos de graduação; Abertura de 21 novas turmas de cursos existentes; Ajuste de 22 cursos existentes ao REUNI; Abertura de 16 turmas de Licenciaturas Especiais; Implantação de 7 cursos de Educação Superior Tecnológica e Implantação de 4 Bacharelados Interdisciplinares. (MARANHÃO; PASSOS; VÉRAS, 2014)

O Programa, visando além do simples aumento de recursos, propõem uma reforma universitária que atinge diretamente sua estrutura curricular, as seis Diretrizes Gerais do REUNI, tratam, respectivamente, da ampliação da oferta de Educação Superior Pública; da reestruturação acadêmico-curricular; da renovação pedagógica da Educação Superior; outro ponto é a mobilidade intra e inter-institucional, ainda, segundo as autoras,

na proposta tinha que aparecer um plano geral de implementação, informando sobre a formação docente, a programação da transição entre modelos, caso fosse adotado novos modelos de cursos, plano de contratação de pessoal docente e técnico, plano diretor de infraestrutura física e um cronograma geral de implementação e execução, o orçamento parcial e global, o plano de acompanhamento e avaliação da proposta, o plano de acompanhamento de indicadores de qualidade e os impactos globais do programa. (MARANHÃO; PASSOS; VÉRAS, 2014, p. 04)

O REUNI, segundo Almeida Filho e Coutinho (2011), deixa evidente que a função da universidade vai além de depositária de capital simbólico, pois passa a atuar como instituição de ensino superior responsável pela formação de produtores de conhecimentos e promotora das culturas humanística, artística e científica. A partir do REUNI e da Universidade Nova os cursos de graduação da UFBA, tanto os já existentes quanto os criados, foram organizados em três grandes grupos.

Figura 1: Distribuição dos cursos de graduação na UFBA



Fonte: MEC/SESu, 2015

Distribuição dos cursos:

- a. BI – Bacharelados Interdisciplinares: destinados à formação geral humanística, científica e artística, possuem currículo flexível, também possibilitando o aprofundamento num dado campo do conhecimento. Mesmo tendo caráter terminal, o Bacharel poderá prosseguir seus estudos em outros cursos de Bacharelado, Licenciatura ou formação profissional.
- b. CPL – Cursos de Progressão Linear: agrupados em cinco grandes áreas de conhecimento, são aqueles tradicionalmente oferecidos pela UFBA, podendo ser Licenciatura, Bacharelado e de formação profissional.
- c. CST – Cursos Superiores de Tecnologias: destinado a formar profissionais para atender aos diversos setores da economia, abrangendo áreas especializadas, é concluído, assim como os CPL, em único percurso curricular previamente traçado até a obtenção do diploma, num tempo médio de três anos letivos.

Esses novos modelos de ensino de graduação, com o regime de ciclos que tem como base os bacharelados interdisciplinares (BI), são compatíveis com os modelos curriculares dos países da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Nessa reforma, a reestruturação da graduação consiste, basicamente, na implantação do regime de ciclos, visando diversificar e racionalizar modelos de formação profissional e acadêmica. O regime de ciclos não é novidade, nem no mundo nem no Brasil. No século XIX, Daniel Gilman implantou-o na Universidade Johns Hopkins e Abraham Flexner consolidou-o em todo o sistema universitário dos EUA, no começo do século XX. No Brasil, Anísio Teixeira o adaptou ao contexto nacional na heróica Universidade do Distrito Federal (UDF) em 1934 e depois, com Darci Ribeiro, recriou-o na Universidade de Brasília (UnB) de 1961. (ALMEIDA FILHO; COUTINHO, 2011)

Segundo os autores, essa nova configuração da universidade traz ganhos imediatos, pois supera os processos seletivos torturantes do vestibular, hoje já implantado o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), como também pedagogicamente traz a autonomia para o centro do processo formativo.

Atualmente, o curso de Filosofia da UFBA faz parte do CPL, encontra-se dentro do GRUPO C – Filosofia e Ciências Humanas. Existem três formas de acesso ao curso:

- a. Através de Processo Seletivo, utilizando a nota do ENEM;
- b. Através das Vagas Residuais, havendo duas etapas, a primeira de Transferência Interna (TI) para alunos da UFBA e a segunda que abrange Diplomados, Transferência Externa, Interna, Reintegração ao Curso. Nesta segunda, etapa, os candidatos são submetidos a duas provas com disciplinas do curso escolhido e uma redação. No ano de 2015 foram disponibilizadas nove vagas para o curso de Filosofia nesta etapa e as disciplinas que fizeram parte da seleção foram Introdução à Filosofia e Leitura e Interpretação de Texto Filosófico;
- c. Através do sistema de ciclos, sendo aluno oriundo do BI⁶. A Resolução nº 06/2011 (Conselho Acadêmico de Ensino da Universidade Federal da Bahia, 2011), visa estabelecer os critérios para ingresso de estudantes graduados em Bacharelado Interdisciplinar da UFBA nos Cursos de Progressão Linear da mesma, observando-se os seguintes critérios: estudantes do BI com provável integralização curricular no semestre em curso; portadores de diploma em BI que não tenham realizado inscrição na condição de diplomado em BI em outro processo seletivo; pleitear o ingresso em

⁶ No caso de haver mais inscritos do que o número de vagas pleiteadas, será contado como critério de classificação ter obtido maior Coeficiente de Rendimento, a ser computado com duas casas decimais, sem aproximação, incluindo-se em sua fórmula as notas obtidas nos componentes curriculares obrigatórios e optativos da Área de Conhecimento do BI (conforme Artigo 4º), multiplicadas pelo fator 2, e as notas obtidas nos componentes curriculares obrigatórios e optativos do CPL pretendido, multiplicadas pelo fator 2,5.

curso de progressão linear que se inserem na área do BI cursado, no caso de Filosofia, alunos oriundos do BI de Humanidades.

O acesso público aos componentes curriculares do curso de Filosofia está disponível através do site do Sistema Acadêmico da UFBA - SIAC. No momento do acesso percebe-se uma primeira contradição. Embora apresente o termo componente curricular, o conjunto destes ainda é denominado no topo da página como “grade curricular”. Quando a descrição do perfil do profissional, também aparece ainda a nomenclatura 2º grau, já substituída por Ensino Médio. No quadro 6 podemos verificar as informações sobre a distribuição curricular atual do curso.

Quadro 5: Constituição Curricular Atual

Graduação em Filosofia – UFBA	Ano: 2015
Formação: Licenciatura e Bacharelado	
Descrição Profissional: Ao licenciado em filosofia compete exercer o magistério no ensino de 2º grau; podendo fazer sua escolha de acordo com as disciplinas ministradas no curso.	
Carga Horária: 2852h	
AC- Atividade Complementar: 200h	
OB-Obrigatória: 2312h	
OP-Optativa: 340h	

Fonte: SIAC/UFBA, 2015

A distribuição da carga horária analisada sob a ótica da rede de significações nos mostra, que apesar constituição curricular fazer parte de um permanente estado de atualização, historicidade, os componentes obrigatórios ainda são a base da formação em Filosofia na UFBA, constituindo mais de 80% do total da carga horária do curso. Estes dados podem ser avaliados negativamente, quando dentro da transdisciplinaridade, pois para a construção do conhecimento acontecer não existe um único caminho a seguir.

Múltiplas são as portas de entrada na rede de significações e partilhá-las é o que importa: a porta por onde se adentrou à rede perde-se na memória. Múltiplos são os percursos possíveis, na estruturação, no planejamento dos trabalhos de uma disciplina ou de um curso. Tais pontos de vista, no entanto, permanecem muito distantes da organização da escola, em seus diversos níveis. A imagem do encadeamento, da ordem necessária para a apresentação dos conteúdos permanece amplamente hegemônica. Predomina a ideia da existência de caminhos necessários, de uma ordenação padronizada, da superestimação da pressuposição da existência de temas que devem ser ensinados/aprendidos na série adequada, em determinada idade. Os currículos e os livros didáticos, de modo geral, reforçam tal perspectiva, cristalizando

percursos e alimentando a impressão da necessidade de uma ordem igual para todos os contextos. No caso da Universidade, a introdução de disciplinas optativas constitui, em geral, apenas um paliativo: os currículos permanecem essencialmente como encadeamentos rígidos, que limitam os alunos mais criativos e punem os “dissidentes”. (MACHADO, 2001, p.6)

O I Semestre do curso de Filosofia na UFBA estabelece que o graduando faça três componentes obrigatórios, ou seja, aproximadamente 30% do total de componentes que terá que cursar. Dois destes são introdutórios e um específico da história da Filosofia e de acordo com os códigos de cada uma, todas são pertencentes ao departamento de Filosofia.

Se pensarmos a partir de agora no sujeito que adentra no curso de Filosofia intencionando especificamente em formar-se professor, ou naquele que ainda não tomou um posicionamento, o I Semestre não demonstra ser o período propício para a definição dessa escolha, ou para que haja uma identificação baseada em análises e vivências. Não aparece nenhum componente didático, nem mesmo no quadro dos opcionais, que veremos mais adiante. De acordo com Riolfi e Alaminos (2007), a formação do professor é um processo de construção, no qual o sujeito não se limite a ser a reprodução dos processos que o formaram, para tanto é necessário que haja a identificação.

O conceito de identificação substitui a noção de identidade que, via de regra, é compreendida como algo estável, e dá ao sujeito a falsa ilusão de ter construído um si próprio completo e independente do outro. Assim sendo, levar em conta a noção de identificação traz a vantagem de dar a ver que, ao contrário do que parece à primeira vista, a identidade é uma faceta do sujeito que pode mudar a cada instante. (RIOLFI; ALAMINOS, 2007, p.5)

A partir da observação do Quadro 6, verificamos que o graduando se deparará com disciplinas de cunho canônico, consecutivamente a cada semestre, com enfoque histórico, que estimulam a reprodução.

Quadro 6: Disciplinas Obrigatórias I Semestre

I SEMESTRE – FILOSOFIA/UFBA (Disciplinas Obrigatórias)	
COMPONENTE CURRICULAR	EMENTA
História da Filosofia Antiga I	A origem da filosofia na Grécia e os problemas fundamentais do pensamento grego. Os filósofos Pré-socráticos. Sócrates. A Filosofia de Platão. A Filosofia de Aristóteles. Epicurismo e Estoicismo. O período helenista.
Introdução à Filosofia I-A	A especificidade da reflexão filosófica frente aos demais saberes. Filosofia e Sistema. Filosofia e História da Filosofia. O conflito das filosofias. Filosofia e Mundo.

Introdução à Lógica	Estudo, do ponto de vista formal, das relações entre linguagem e pensamento, das noções de verdade e validade de conceito e proposição, de dedução e indução. Teoria do silogismo (categórico, hipotético e disjuntivo) e argumentos indutivos (em particular do argumento por analogia).
---------------------	---

Fonte: SIAC/UFBA, 2015

No II Semestre, o componente focado na história está presente, o que só não será visto no VIII Semestre do curso. Destacando que o profissional que sair licenciado para trabalhar no Ensino Médio, por exemplo, o qual em seu programa exige o exercício de habilidades e não o ensino de Histórias, um curso não deve impor a exegese dos grandes filósofos como o sentido principal da Filosofia:

Cabe aqui mencionar que em outras disciplinas do programa obrigatório e também complementar do EM, ensina-se a exercitar habilidades; não se debruçam em ensinar história da matemática, história da física, história da biologia, porém, para a filosofia, professores reproduzem alguns especialistas acadêmicos em filosofia que impõem a história da filosofia, fazendo a exegese dos grandes filósofos como o próprio sentido da filosofia. Mesmo sabendo que muitas questões, ao longo da história do homem, foram e são problemas permeados pela filosofia, é preciso rever as formas metodológicas pelas quais o exercício filosófico vem sendo difundido. (SIQUEIRA, 2015, P. 18)

Todos os componentes deste semestre também são de responsabilidade do departamento de Filosofia. É o primeiro momento que serão trabalhadas a produção do texto filosófico, ou seja, são os primeiros passos da pesquisa e produção acadêmica no curso.

Quadro 7: Disciplinas Obrigatórias II Semestre

II SEMESTRE – FILOSOFIA/UFBA (Disciplinas Obrigatórias)	
COMPONENTE CURRICULAR	EMENTA
História da Filosofia Antiga II	Apresentação e análise de autores do século XVII e meados do XVIII, de maneira histórica e/ou sistemática. A relação entre a filosofia e as ciências. Racionalismo e empirismo.
Leitura e redação de texto filosófico	Apresentação e análise da especificidade do texto filosófico e de seus diferentes estilos de exposição e de argumentação. Questões técnicas e metodológicas do trabalho em filosofia e em história da filosofia. Perspectiva genética e método estrutural. Hermenêutica filosófica.
Lógica e Linguagem	Estudo das principais reflexões filosóficas sobre a linguagem. Linguagem e Pensamento. Sentido e referência. Linguagem natural e formalização da linguagem. Linguagem e pragmática. Linguagem e discurso. O problema da verdade.

Fonte:(SIAC/UFBA, 2015)

Uma pequena redução no quadro de componentes OB acontece no III Semestre. Acreditamos que isto se dê por acreditar-se que o graduando, já com um suporte dos semestres anteriores, possa ampliar suas escolhas de componentes OP.

Quadro 8: Disciplinas Obrigatórias III Semestre

III SEMESTRE – FILOSOFIA/UFBA (Disciplinas Obrigatórias)	
COMPONENTE CURRICULAR	EMENTA
Ontologia	Apresentação e análise dos problemas clássicos da ontologia, de maneira histórica e/ou sistemática. O problema do ser. A relação entre ser e pensar, ser e linguagem, ser e ente.
História da Filosofia Medieval	Apresentação e análise de autores da época medieval, centrando-se problemas relativos à escolástica, à relação fé e razão, ao problema dos universais.

Fonte: SIAC/UFBA, 2015

No campo das obrigatórias, a disciplina Libras, de responsabilidade do Departamento de Letras, obrigatória nas licenciaturas desde a sanção da lei nº 10436/2002 4 e do Decreto nº 5626/2005, é o primeiro componente evidentemente voltado para a formação do professor. A interdepartamentalidade presente neste momento nos leva a reflexão: Uma disciplina didática, no departamento de Letras para formar o professor em Filosofia, está recebendo este olhar transdisciplinar cujo potencial lhe parece ser possível?

E se a experiência é a abertura para o desconhecido, o novo, o contato com LIBRAS no aprendizado e na construção da formação dos professores, torna-se talvez o ponto de partida para a propagação das mudanças que venham ocorrer nesta área, já que estes espaços que dão os pontapés iniciais para o desenvolvimento das práticas bilíngues. Nessa lógica, dos currículos em grandes pacotes em tempo cada vez mais curto, se abre espaço para o excesso de informação, com o objetivo de estar cada vez mais bem informado, e nos mantermos sempre buscando sempre novas informações. (MACHADO; LÍRIO, 2011, p. 99)

Como apresentado no Quadro 9, a ementa desta disciplina traz a proposta de desenvolver práticas das estruturas elementares de LIBRAS, mas para compreender melhor de que forma esta prática é sistematizada na formação do professor de Filosofia, uma pesquisa no campo da observação seria necessária, o que não é nosso objetivo neste momento, restando-nos a reflexão.

Quadro 9: Disciplinas Obrigatórias IV Semestre

IV SEMESTRE – FILOSOFIA/UFBA (Disciplinas Obrigatórias)	
COMPONENTE CURRICULAR	EMENTA
História da Filosofia Moderna I	Apresentação e análise de autores de meados do século XVIII e do século XIX, de maneira histórica e/ou sistemática. A filosofia crítica. Kant e o pós-kantismo. O idealismo alemão.
Filosofia e Ciência	Apresentação e análise da relação entre filosofia e ciência, de forma histórica e/ou sistemática. O impacto das ciências no pensamento filosófico. A reflexão filosófica sobre a ciência.
Libras-Língua Brasileira de Sinais	Breve estudo sobre as características biológicas, socioculturais e linguísticas do surdo. Breve estudo sobre o desenvolvimento linguístico do surdo, de sua inserção na sociedade e dos aspectos educacionais envolvidos em sua formação. Práticas das estruturas elementares de LIBRAS.

Fonte: SIAC/UFBA, 2015

No V, VI e VII Semestres os componentes podem ser organizados em três grupos: os canônicos, os de fundamentação e prática pedagógica e o de tutoria, estes são os semestres mais carregados desse o início da formação, se pensarmos em um graduando que opte por cursá-lo de maneira integral. Como já citado em nossa pesquisa, o Departamento de Educação é o responsável pelos componentes de formação pedagógica. A Tutoria, que dentro do curso é dividida em I, II, III e IV, traz em sua ementa o desenvolvimento de atividade prática de pesquisa. Ligada ao Departamento de Filosofia. A discussão sobre tutoria será retomada, mas é importante compreendermos a ideia do papel do tutor e do potencial deste tipo de acompanhamento pedagógico. A bibliografia sobre o tema ainda é pouca e voltada principalmente para os cursos de saúde, porém, a discussão abordada por Saube e Geib, permite uma compreensão global.

Entendemos Programas Tutoriais como a disponibilização de recursos de apoio ao estudante, podendo desenvolver muitas perspectivas, conforme diagnóstico de necessidades reais detectadas no curso. Prevê atendimento aos alunos, de forma individual, grupal ou de turma, promovendo possibilidades de melhoria do desempenho acadêmico e de encaminhamento de problemas específicos de ajustamento, integração, exclusão. Todavia não deve ser entendido como “ajuda aos fracos”, pois pretende também mobilizar capacidades adormecidas, incentivando o engajamento em grupos e projetos de pesquisa, extensão, monitoria, estágios extracurriculares, participação em eventos e iniciativas comunitárias. Investiga indicadores de qualidade de vida dos alunos e relaciona-os com as situações vividas no curso; promove possibilidades de flexibilização curricular; identifica situações de estresse vividas por estudantes em seu cotidiano escolar e classifica os modos utilizados para seu

enfrentamento, gerando informações para a proposição de ações de intervenção. (2012, p. 724)

Quadro 10: Disciplinas Obrigatórias V Semestre

V SEMESTRE – FILOSOFIA/UFBA (Disciplinas Obrigatórias)	
COMPONENTE CURRICULAR	EMENTA
Fundamentos Psicológicos da Educação	A Psicologia como ciência e sua aplicação à educação. Fundamentos teórico-epistemológicos da relação psicologia-educação. Principais correntes da psicologia e suas aplicações educacionais. Discussões contemporâneas na psicologia da educação e na análise psico-educativa do trabalho escolar. A psicologia na formação dos professores.
Didática e Práxis Pedagógica I	Análise da práxis pedagógica como prática social específica à luz da contribuição das ciências da educação. Estudo dos fundamentos epistemológicos da Didática na formação do professor e da construção da identidade docente. Relações fundamentais no processo de trabalho docente. Organização da prática pedagógica. Elementos do processo do planejamento.
Teoria do Conhecimento	Apresentação e análise dos problemas relativos ao conhecimento, de forma histórica e/ou sistemática. Reflexão filosófica sobre o conhecimento. Sensível e Racional. O problema da verdade e suas diferentes soluções: teorias racionalistas, empiristas e lógicas. A filosofia transcendental. A fenomenologia. O positivismo lógico.
Filosofia Política	Apresentação e análise dos problemas clássicos da filosofia política, em especial das épocas moderna e contemporânea e de forma histórica e/ou sistemática. Estado, indivíduo e sociedade. Legalidade e legitimidade. O Poder. Direito e democracia. Identidade e representação políticas.
História da Filosofia Moderna II	Apresentação e análise de autores de meados do século XVIII e do século XIX, de maneira histórica e/ou sistemática. A Filosofia Crítica. Kant. e o pós-kantismo. O idealismo alemão.
Tutoria I	Realização, sob orientação docente indicada pelo Colegiado de Curso, de atividade prática de pesquisa sobre tema da tradição filosófica e de natureza formativa.

Fonte: SIAC/UFBA, 2015

Quadro 11: Disciplinas Obrigatórias VI Semestre

VI SEMESTRE – FILOSOFIA/UFBA (Disciplinas Obrigatórias)	
COMPONENTE CURRICULAR	EMENTA
Organização da Educação Brasileira II	Análise e estudo do sistema educacional brasileiro, considerando os aspectos legais, sócio-políticos, administrativos e financeiros, enfatizando a organização dos sistemas de ensino nos diversos níveis e modalidades. Análise das políticas públicas de educação no Brasil.

Didática e Práxis Pedagógica II	Estudo, planejamento e vivência pedagógica, sob a forma de observação sistemática e participação em atividades didáticas em espaços de aprendizagem.
Estética I-A	Estudo da teoria geral da arte.
História da Filosofia Contemporânea I	Apresentação e análise de autores de meados do século XIX e do início do século XX, de maneira histórica e/ou sistemática.
Tutoria II	Realização, sob orientação docente indicada pelo Colegiado de Curso, de atividade prática de pesquisa sobre tema da tradição filosófica e de natureza formativa.
Ética I-A	Apresentação e análise das questões clássicas relativas à reflexão filosófica sobre a ética, de forma histórica e/ou sistemática. Aristóteles e Kant. Virtude, prudência e felicidade. Ética e Moral. O conceito de dever. A lei moral. Hume e a dissolução da razão prática. A crítica nietzscheana.

Fonte: SIAC/UFBA, 2015

Quadro 12: Disciplinas Obrigatórias VII Semestre

VII SEMESTRE – FILOSOFIA/UFBA (Disciplinas Obrigatórias)	
COMPONENTE CURRICULAR	EMENTA
Filosofia da Educação 2	Concepções contemporâneas da filosofia da educação com ênfase nos aspectos éticos, antropológicos e epistemológicos.
Didática e Práxis Pedagógica em Filosofia	Estudo teórico-metodológico da educação filosófica: questões, funções limites e possibilidades. A filosofia e o filosofar. Análise das principais abordagens epistêmicas praticadas na educação, tendo em vista uma apropriação compreensiva e crítica voltada à investigação densa do fazer-aprender filosofia - como atividade de aprendizado da atitude filosófico-crítica na educação básica. O filosofar como educar: a construção social da liberdade. Pressupostos sobre o exercício docente do filosofar em possíveis espaços de aprendizagem.
História da Filosofia Contemporânea II	Apresentação e análise de autores do século XX, de maneira histórica e/ou sistemática.
Tutoria III	Realização, sob orientação docente indicada pelo Colegiado de Curso, de atividade prática de pesquisa sobre tema da tradição filosófica e de natureza formativa.
Seminário de Pesquisa	Exposição por parte do aluno de sua investigação teórica concernente a pesquisa de conclusão de curso.

Fonte: SIAC/UFBA, 2015

O VIII Semestre exige o cumprimento do componente Monografia para a Licenciatura. Quanto a esta pela licenciatura, algumas observações quanto à disposição do currículo analisado são necessárias: na proposta curricular não ficou evidente em

qual momento o graduando pode fazer a opção pelo mestrado, uma outra reflexão que surge neste momento é, durante todo o período os componentes ligados a formação do professor eram pertencentes ao Departamento de Educação, neste encerramento do curso seria o Departamento de Filosofia responsável pela Monografia? São questões que ficam para uma futura análise empírica desta formação.

Quadro 13: Disciplinas Obrigatórias VIII Semestre

VIII SEMESTRE – FILOSOFIA/UFBA (Disciplinas Obrigatórias)	
COMPONENTE CURRICULAR	EMENTA
Didática e Práxis Pedagógica em Filosofia II	Planejamento e implementação de atividade aprendentes e avaliativas do filosofar em possíveis espaços de aprendizagem a partir dos temas/eixos nucleares da Filosofia na História: ontologia, gnosiologia, ética, lógica e estética. A prática do fazer-aprender filosofia em suas múltiplas possibilidades.
Tutoria IV	Conclusão, sob orientação docente indicada pelo Colegiado de Curso, de atividade prática de pesquisa sobre tema da tradição filosófica e de natureza informativa.
Monografia Final – Licenciatura	Desenvolvimento monográfico, a partir de uma perspectiva histórico-sistemática, de um tema da tradição filosófica, sob orientação de professor designado pelo Departamento e aprovado pelo Colegiado de Curso, com defesa pública perante banca examinadora.

Fonte: SIAC/UFBA, 2015

Os Componentes Optativos podem ser organizados em dois grupos: os ministrados no Departamento de Letras e os do Departamento de Filosofia.

Quadro 14: Disciplinas Optativas

DEPARTAMENTO DE LETRAS	DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
A MITOLOGIA NA CULTURA GREGA INTRODUÇÃO À LITERATURA GREGA INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA LINGUA GREGA O TEATRO CLÁSSICO: A TRAGÉDIA GREGA	TÓPICOS ESPECIAIS DE FILOSOFIA I TÓPICOS ESPECIAIS DE FILOSOFIA II TÓPICOS ESPECIAIS EM AXIOLOGIA TÓPICOS ESPECIAIS EM FILOSOFIA TÓPICOS ESPECIAIS EM FILOSOFIA ANTIGA TÓPICOS ESPECIAIS EM FILOSOFIA MEDIEVAL TÓPICOS ESPECIAIS EM ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA TÓPICOS ESPECIAIS EM ESTÉTICA TÓPICOS ESPECIAIS EM ÉTICA TÓPICOS ESPECIAIS EM FILOSOFIA DA AMÉRICA LATINA TÓPICOS ESPECIAIS EM FILOSOFIA DA CIÊNCIA TÓPICOS ESPECIAIS EM FILOSOFIA DA HISTÓRIA TÓPICOS ESPECIAIS EM FILOSOFIA DA LINGUAGEM

	TÓPICOS ESPECIAIS EM FILOSOFIA DA MENTE
	TÓPICOS ESPECIAIS EM FILOSOFIA MODERNA
	TÓPICOS ESPECIAIS EM FILOSOFIA NO BRASIL
	TÓPICOS ESPECIAIS EM FILOSOFIA POLÍTICA
	TÓPICOS ESPECIAIS EM HERMENÊUTICA
	TÓPICOS ESPECIAIS EM LÓGICA
	TÓPICOS ESPECIAIS EM ONTOLOGIA
	TÓPICOS ESPECIAIS EM TEORIA DO CONHECIMENTO

Fonte: SIAC/UFBA, 2015

Observando-se o conjunto das disciplinas, mas parece um compêndio de componentes canônicos, excluídos do grupo obrigatório para não sobrecarregar a carga horária, do que opções que permitam uma transdisciplinaridade. A necessidade de um enriquecimento da formação através da transição por outras áreas do conhecimento, além da opção das pertencentes ao Departamento de Letras, fica evidente.

A historicidade que permeia as mudanças curriculares tanto reflete os processos sociais da época quanto impulsionam novos processos. É possível verificar que gradativamente, a cada nova reformulação, a proposta curricular da formação em Filosofia da UFBA vai adquirindo a complexidade característica da contemporaneidade, embora ainda esteja presa a um formato de “grade” em sua constituição. Sabendo-se que “é o poder simbólico da escola, da universidade, o grande formador de um conjunto de premissas, de prerrogativas ou “habitus” da ideologia dominante que permeia universalizada na sociedade” (ORTIZ, 1994, p. 60), também é possível encontrar na presença de quatro componentes de Tutoria, a faísca necessária para a continuação do processo de transformação. As discussões sobre tecnologia, era da informação e demais temáticas voltadas para a realidade atual da sociedade também não aparecem de forma evidente na proposta analisada, o desenvolvimento de discussões teóricas e atividades práticas neste campo do conhecimento são importantes se pensarmos na formação do cidadão:

Obviamente, intensifica-se dessa forma o trabalho do professor, já que a escola e todo o sistema educacional passam a funcionar com outros tempos e em múltiplos espaços, diferenciados. Não deixa de ser, no entanto, esse um rico momento para repensarmos as políticas educacionais na perspectiva de resgatar a dignidade do trabalho do professor, com a retomada de sua autonomia e, com isso, experimentar novas possibilidades com a presença de todos os novos elementos tecnológicos da informação e comunicação. (PRETTO; PINTO, 2016, p. 23)

O professor que sai da formado da universidade encontrará no Ensino Médio a disciplina de Filosofia já consolidada após o seu retorno, mas é preciso estar pronto para o potencial que a mesma possui e seu papel na formação para a cidadania.

a defesa do ensino da Filosofia na educação média brasileira nas décadas de 1970 e 1980 mesclou-se com a luta contra a ditadura. Do mesmo modo, seu retorno aos currículos foi um dos efeitos do processo de redemocratização do país. Foi justamente no contexto da construção recente de uma maquinaria de governamentalidade democrática no país, portanto, que o ensino de Filosofia ganhou algum destaque. (GALLO, 2013, p. 12)

As possibilidades de avançar por um caminho transdisciplinar dentro da formação em Filosofia na UFBA serão discutidas no próximo capítulo, onde compreenderemos o que é e o que pode ser feito – e já é feito – no Programa de Educação Tutorial.

4 PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL PET – ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO COMO ACONTECIMENTO

O curso de Filosofia no ensino superior surge, no Brasil, no início do século passado, com a criação da Faculdade de S. Bento, em 1908 (TEIXEIRA; GONZALES, 1983), enquanto que a pesquisa filosófica institucionalizada surge em 1958, na USP. Tendo por objetivo estabelecer diretrizes para o curso de Filosofia e formar futuros docentes, a pesquisa voltava-se para a análise das ideias com base na leitura rigorosa de textos clássicos. Já a partir de 1958, assume por objetivos a formação técnica e crítica, partindo de uma abordagem analítica da História da Filosofia, constituindo uma metodologia exegética estruturalista que se mantém (MARGUTTI, 2014).

A discussão a respeito do ensino da Filosofia e da formação nos cursos de licenciatura não esteve em pauta durante muitas décadas, é no início dos anos 90 que surge umas das primeiras obras que discute o ensino de Filosofia, o livro *Filosofia e seu ensino*, publicado em 1996, de Paulo Arantes, Franklin Leopoldo e Silva, Celso Favaretto, Ricardo Fabrinni e Salma T. Muchail. A esta e outras produções seguiram-se artigos e dossiês sobre o ensino de Filosofia. (TOMAZETTI, 2012).

Embora o ensino de Filosofia na contemporaneidade disponha de uma diversidade de materiais didáticos, principalmente através das novas mídias (DOMINGUES, 2014), autores como DOMINGUES e TEIXEIRA & GONZALES veem problemas em seu ensino na graduação, sendo necessário melhorar o padrão de ensino e pesquisa na graduação em Filosofia, para conseqüentemente melhorar o ensino médio (TEIXEIRA; GONZALES, 1983). Outro fator é que a graduação é abandonada em favor da pós-graduação (DOMINGUES, 2014) e nesta, nas universidades brasileiras, não há acolhimento das linhas de pesquisa que investiguem temáticas referentes ao ensino de Filosofia, priorizando as investigações circunscritas à especificidade do campo da Filosofia (TOMAZETTI, 2012).

A UNESCO, em 2003, com o objetivo de mapear as condições do ensino de Filosofia no país, solicita o desenvolvimento de uma pesquisa, realizada então por Altair Alberto Fávero, Filipe Ceppas, Pedro Erginaldo Gontijo, Sílvio Gallo, Walter Omar Kohan e que gera uma descrição das distintas condições do ensino de Filosofia nas regiões brasileiras no início do século XXI (FAVERO, 2004). Entre os dados

coletados, detectou-se que, no nível superior, existiam 56 cursos de Filosofia nas universidades, públicas e particulares, incluindo bacharelado e licenciatura. Os pesquisadores apresentaram enquanto aspectos positivos, no nível de graduação e pós-graduação, a consolidação de programas e linhas de pesquisa, profissionalização, crescimento da produção filosófica nacional e de traduções. Já na avaliação feita no Ensino Médio, com relação a metodologia e materiais utilizados, a aula expositiva destacou-se como o método mais utilizado, por vezes acompanhado de debate ou de trabalhos em grupo, com suporte de livro didático (manuais), ou apostilas, com o desenvolvimento de um trabalho limitado à interpretação e contextualização de fragmentos de alguns filósofos, ou de debate sobre temas atuais. Assim, o relatório afirmou que o ensino de Filosofia feito no Brasil ainda é bastante tradicional, mesmo tendo avançado do ensino descontextualizado da história da Filosofia, partindo para o ensino de temas e problemas filosóficos (FAVERO, 2004). Não se trata aqui de negar o trabalho com filósofos clássicos, que é sem dúvida necessário, a questão geradora de conflito entre teoria e prática é resumir a disciplina a um compêndio histórico destruindo todo seu empoderamento social (OLIVEIRA, 2012).

Em uma discussão mais recente, Beraldo & Soares (2014) apontam que um dos principais problemas do currículo de formação universitária em Filosofia, é que esta vem formando professores que, ao exercer sua prática pedagógica no Ensino Médio, não tem uma receptividade junto aos alunos, fator que estes justificam devido a Filosofia ser vista como desnecessária, ter um discurso docente abstrato, distante da realidade e focar-se em relatos biográficos sobre filósofos e seus sistemas de pensamento ligados à educação.

Apesar da demanda por um professor preparado para ajudar seus alunos a serem sujeitos de aprendizagem, estudos demonstram a prevalência de “modelo formativo” de professores assentado no racionalismo técnico que se baseia no treinamento de habilidades, no ensino de conteúdo, fragmentados e descontextualizados da realidade profissional, com uma evidente dicotomia entre teoria e prática, com escassos momentos para mobilizar saberes relativos à profissão. Isso demonstra que a formação inicial, assim como a escola, precisa ser repensada de forma profunda (BERALDO; SOARES, 2014).

Acreditamos que as análises feitas até então pelos pesquisadores supracitados configuram dois problemas emergentes. O primeiro com relação à identidade da própria Filosofia, já que a definição desta varia não só a cada filósofo ou corrente filosófica, mas também em relação a cada período histórico (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006).

Segundo Galeffi (2001), desde sua origem, a Filosofia foi definida como um amar o saber, uma aspiração ao querer-ser, querer-tornar-se o que ainda não é; trata-se ainda do desejo de corresponder ao apelo da compreensão que nos lança para o eixo do turbilhão do mundo. O autor, que faz uma análise contemporânea, defende que a concepção mais apropriada de Filosofia é:

O diálogo que nos convoca ao conhecimento do nosso ser-mundo, pela escuta atenta e interrogante do dito e do dizer, do compreendido e do compreender. E neste sentido, muito mais do que um sistema historicamente armado e coincidente com uma realidade de crença, a filosofia permanece sendo apenas um convite ao diálogo interrogante sobre o 'quê' dos acontecimentos significativos (GALEFFI, 2001, p.35).

O segundo problema está relacionado ao ensino da Filosofia na graduação, pois as análises dos pesquisadores traduzem um quadro que diverge do perfil do licenciado em Filosofia descrito pelo MEC, que o define como um profissional que:

...auxilia na formulação e na proposição de soluções de problemas nos diversos campos do conhecimento e, em especial, na educação, área em que colabora na formulação e na execução de projetos de desenvolvimento dos conteúdos curriculares, bem como na utilização de tecnologias da informação, da comunicação e de metodologias, estratégias e materiais de apoio inovadores. Além disso, ele contribui para desenvolver consciência crítica no campo sócio-histórico-político e colabora na interpretação de textos teóricos em diversas áreas do conhecimento, com base em conhecimentos da técnica hermenêutica e no aprimoramento das práticas investigativas. Estimula o desenvolvimento de hábitos de colaboração e de trabalho em equipe e a interpretação das questões referentes à significação da existência, da diversidade, da ciência e das produções culturais e artísticas. Tem também como competência a organização da aprendizagem como processo de construção de conhecimentos, habilidades, valores, interação com a realidade e com os demais indivíduos (MEC, 2014).

Considerando-se que comunidades de pesquisadores que trabalham em áreas específicas do conhecimento são importantes para que se possa estabelecer uma reflexão sobre a produção do mesmo, este capítulo teve por objetivo geral apreender algumas características e particularidades da dinâmica da produção do conhecimento sobre o Ensino de Filosofia, através da análise das comunidades científicas e da produção dos pesquisadores.

Consequentemente, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: identificar os grupos e linhas de pesquisas e mapear as instituições para identificar quanto e como se pesquisa sobre ensino de Filosofia, visando nos capítulos posteriores a análise de alternativas já em andamento para a mudança do panorama atual no que tange o tripé ensino, pesquisa e extensão na formação em Filosofia na graduação.

4.1 Grupos de pesquisa: onde está a investigação sobre os caminhos do ensino de Filosofia hoje

Um grupo de pesquisa define-se como um conjunto de indivíduos organizados hierarquicamente e envolvidos profissional e permanentemente com atividades de pesquisa; cujo trabalho se organiza em torno de linhas comuns de pesquisa (CNPq, 2014). Nesta pesquisa, com base em consulta parametrizada, utilizando os termos de busca “ensino – filosofia” e filtro para área de conhecimento da Filosofia, identificamos 37 grupos, utilizando-se os mesmos termos para filtrar, localiza-se 38 linhas e 147 pesquisadores.

O ensino da Filosofia na universidade ganhou um novo olhar a partir do momento em que se tornou obrigatório na educação básica. A Filosofia, durante quase três décadas, esteve ausente dos currículos do Ensino Médio brasileiro, retornando gradativamente a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº9.394/1996 e posterior obrigatoriedade nas três séries do Ensino Médio (TOMAZETTI, 2012)

Verifica-se que a maioria (45%) dos grupos é formada a partir de 2011, entretanto também se destacam os grupos (35%) criados no período entre 2005 e 2010, como demonstrado na *Tabela 01*. O fator que se deve levar em consideração na recente formação dos grupos de pesquisa é a sanção da lei, em 2008, que tornou obrigatória a presença da Filosofia nos currículos do Ensino Médio, havendo a partir de então uma reflexão para que o ensino da Filosofia proporcione, com a ajuda da tradição filosófica, o desenvolvimento das competências e habilidades necessárias ao cumprimento das finalidades do ensino básico, indicadas na LDB/1996 (SOUZA, 2014).

Tabela 1: Período de criação dos grupos de pesquisa da área de Ensino de Filosofia no Brasil

PERÍODO DE CRIAÇÃO	GRUPOS	
	No.	%
Até 2000	4	11
2001-2005	3	8
2005-2010	13	35
2011-2014	17	45
TOTAL	37	100

Fonte: Diretório de Grupos de Pesquisa – CNPq, 2014.

As Instituições de Educação Superior cujos cursos de Filosofia encontram-se cadastrados no MEC totalizam 182 (E-MEC, 2014), das quais apenas 37 possuem

grupos de pesquisa focados no Ensino de Filosofia, o que corresponde a 20% das instituições. A distribuição geográfica dos grupos de pesquisa coloca na ponta da pesquisa sobre o Ensino de Filosofia as regiões Nordeste e Sul, seguidas pela região Sudeste. A verificação da concentração dos grupos de pesquisa por regiões detecta que 30% dos grupos estão vinculados às instituições localizadas na região Nordeste, mesmo percentual dos grupos que se encontram na região Sul. Na região Sudeste, 24%, nas regiões Centro-Oeste e Norte estão localizados, igualmente, 8% dos grupos da área de Ensino de Filosofia (Tabela 2). A maior quantidade de grupos de pesquisa concentra-se nas regiões onde há mais instituições com cursos de Filosofia cadastrados no MEC.

Tabela 2: Distribuição geográfica dos grupos de pesquisa da área de Ensino de Filosofia no Brasil por regiões

REGIÃO	GRUPOS	
	No.	%
Sudeste	9	24
Sul	11	30
Nordeste	11	30
Centro-Oeste	3	8
Norte	3	8
TOTAL	37	100

Fonte: Diretório de Grupos de Pesquisa – CNPq, 2014.

A concentração dos grupos de pesquisa por unidades da federação apresenta a maior parte desses grupos no Paraná (16,2%), São Paulo (13,5%), seguidos de Paraíba e Minas Gerais (10,8%) (Tabela 03), tratam-se de locais onde os programas de pós-graduação em Filosofia já estão consolidados, tanto em nível de mestrado quanto de doutorado, com programas com notas relevantes no conceito atribuído pela Capes' como os mestrados na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG (nota 7), na Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR (nota 5) e na Universidade Federal do Paraná – UFPR (nota 5) (CAPES, 2014).

Na tabela 3 pode-se ter uma visão ampla da distribuição dos grupos de pesquisas pelos estados da federação, comparativo importante pois mesmo em regiões com quantidades significativas de grupos, há estados onde apenas um grupo encontra-se em atividade.

Tabela 3: Distribuição geográfica dos grupos de pesquisa da área de Ensino de Filosofia no Brasil por unidade da federação

ESTADOS	GRUPOS	
	No.	%
Alagoas	1	2,7
Amapá	1	2,7
Amazonas	1	2,7
Ceará	2	5,4
Distrito Federal	1	2,7
Goiás	2	5,4
Maranhão	1	2,7
Minas Gerais	4	10,8
Paraíba	4	10,8
Paraná	6	16,2
Pernambuco	1	2,7
Piauí	1	2,7
Rio de Janeiro	2	5,4
Rio Grande do Norte	1	2,7
Rio Grande do Sul	2	5,4
Santa Catarina	2	5,4
São Paulo	5	13,5
TOTAL	37	100

Fonte: Diretório de Grupos de Pesquisa – CNPq, 2014.

4.2 Temáticas trabalhadas e a busca pela solução de “velhos” problemas contemporâneos

No Brasil, 38 instituições mantêm grupos de pesquisa na área de Ensino de Filosofia, (Tabela 4), no entanto em sua maioria estes limitam-se a um grupo por

instituição. Apenas cinco universidades possuem dois grupos de pesquisa em Ensino de Filosofia. Um fator importante é que um grupo pode possuir mais de uma linha de pesquisa que trate do Ensino de Filosofia, como na Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, cujo Programa de Filosofia e Educação (PROPHIL), criado em 1990, possui dentre suas linhas de pesquisa três que tratam do Ensino de Filosofia: Ensino de Filosofia na educação básica, Ensino de Filosofia na educação de jovens e adultos e Ensino de Filosofia na educação profissional.

No que diz respeito às instituições (38) que mantêm grupos de pesquisa na área de Ensino de Filosofia, o resultado mais expressivo indica que 54% são universidades federais (Tabela 05). A Universidade Federal de Minas Gerais possui um órgão de natureza interdepartamental vinculado à Diretoria da Faculdade, e de ligação da FAFICH com a Pró-Reitoria de Pesquisa da UFMG-PRPq e com as instituições de financiamento à pesquisa, o Núcleo de Assessoramento à Pesquisa (NAPq) da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Os resultados comprovam que a pesquisa sobre Ensino de Filosofia é mais expressiva nas instituições públicas, no caso das particulares, a Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) possui uma Coordenadoria de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação que é uma unidade acadêmico/administrativa vinculada ao Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação para o fomento e o desenvolvimento da educação e cultura empreendedora, através de políticas e projetos de educação empreendedora, de incentivo para produção de tecnologia e proteção da propriedade intelectual.

Sobre as linhas de pesquisas desenvolvidas pelos grupos, verifica-se que as que tratam especificamente do Ensino de Filosofia são 38 (Tabela 6). A quantidade de linhas de pesquisa em cada região está associada à quantidade de grupos existentes nestas regiões. A região Nordeste apresenta a maior quantidade de linhas (12), embora a Região Sul tenha a mesma quantidade de grupos que ela. Um fator que contribui para esta diferença é que há grupos, identificados na pesquisa parametrizada, que não possuem linhas de pesquisas específicas sobre o Ensino de Filosofia. Foram sete os grupos identificados que não possuíam linhas de pesquisa aderentes ao tema.

Tabela 04: Distribuição institucional dos grupos de pesquisa da área de Ensino de Filosofia no Brasil

INSTITUIÇÃO	GRUPOS		INSTITUIÇÃO	GRUPOS	
	No.	%		No.	%
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - CEFET/RJ	1	2,67	Universidade Federal de Goiás – UFG	1	2,67
Centro Universitário Franciscano – UNIFRA	1	2,67	Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT	1	2,67
Centro Universitário São Camilo – CUSC	1	2,67	Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG	1	2,67
Instituto Federal de Brasília – IFB	1	2,67	Universidade Federal de Pernambuco – UFPE	1	2,67
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas	1	2,67	Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR	1	2,67
Universidade de Passo Fundo – UPF	1	2,67	Universidade Federal de Uberlândia – UFU	1	2,67
Universidade do Estado do Amapá – UEAP	1	2,67	Universidade Federal do ABC – UFABC	1	2,67
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN	1	2,67	Universidade Federal do Amazonas – UFAM	2	5,34
Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC	1	2,67	Universidade Federal do Ceará – UFC	2	5,34
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB	2	5,34	Universidade Federal do Maranhão – UFMA	1	2,67
Universidade Estadual de Londrina – UEL	2	5,34	Universidade Federal do Paraná – UFPR	1	2,67
Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG	1	2,67	Universidade Federal do Piauí – UFPI	1	2,67
Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP	1	2,67	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ	1	2,67
Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR	1	2,67	Universidade Presbiteriana Mackenzie – MACKENZIE	1	2,67
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP	1	2,67	Universidade Federal de Alagoas – UFAL	1	2,67
Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS	1	2,67	Universidade Federal de Campina Grande – UFCG	2	5,34
TOTAL				37	100

Fonte: Diretório de Grupos de Pesquisa – CNPq, 2014.

Tabela 5: Classificação das instituições que mantêm grupos de pesquisa na área de Ensino de Filosofia no Brasil

TIPO DE INSTITUIÇÃO	No.	%	GRUPOS	%
Federal	17	53	20	54
Estadual	8	25	10	27
Particular	6	19	6	16
Instituto/Fundações Federais	1	3	1	3
TOTAL	32	100	37	100

Fonte: Diretório de Grupos de Pesquisa – CNPq, 2014.

Tabela 6: Distribuição das linhas pesquisadas pelos grupos de pesquisa da área de Ensino de Filosofia no Brasil

REGIÃO	GRUPOS		LINHAS ADERENTES	
	No.	%	No.	%
Sudeste	9	24	10	26,3
Sul	11	30	8	21
Nordeste	11	30	12	31,6
Centro-Oeste	3	8	5	13,1
Norte	3	8	3	8
TOTAL	37	100	38	100

Fonte: Diretório de Grupos de Pesquisa – CNPq, 2014.

Com relação às linhas de pesquisas desenvolvidas pelos grupos, verifica-se que estas totalizam 239 (Tabela 6). A quantidade de linhas de pesquisa em cada região está associada à quantidade de grupos existentes nestas regiões. Observa-se que a região Sudeste apresenta a maior quantidade de linhas, dez, decorrente da quantidade de grupos de pesquisa, que também é maior nesta região. Por se tratar de uma quantidade pequena para os padrões de pesquisa, pode-se agrupá-las nominalmente (tabela 7). O agrupamento das linhas temáticas de pesquisa da área foi realizado considerando as palavras e os termos contidos na própria designação de cada linha, conforme registrada pelo Coordenador do Grupo.

É o caso do Grupo de Estudos e Pesquisa em Filosofia, Educação e Sociedade – GEPFES, da Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP (linha: Ensino de Filosofia) e do grupo Educação e Ensino de Filosofia da Universidade Federal de

Campina Grande – UFCG (linha: metodologias e materiais didáticos no ensino de Filosofia), que apresentam em seu objetivo a análise das metodologias do ensino de Filosofia vigentes.

A partir da análise das temáticas pesquisadas nas instituições, verifica-se que há várias delas estão trabalhando com a mesma temática geral.

Tabela 7: Linhas pesquisadas pelos grupos de pesquisa da área de Ensino de Filosofia no Brasil

TEMAS DAS LINHAS	Linhas	%
Conteúdos e métodos de ensino da Filosofia	1	2,6
Educação e ensino de Filosofia	1	2,6
Ensino de Filosofia	16	42
Ensino de Filosofia na educação básica	1	2,6
Ensino de Filosofia na educação de jovens e adultos	1	2,6
Ensino de Filosofia na educação profissional	1	2,6
Ensino de Filosofia no ensino médio	1	2,6
Ensino de Filosofia: história e práticas	1	2,6
Ensino-aprendizagem	1	2,6
Filosofia do ensino de Filosofia	1	2,6
Formação de professores e didática do ensino da Filosofia	1	2,6
Fundamentos do ensino de Filosofia	1	2,6
História da Filosofia para o ensino de Filosofia	1	2,6
Metodologia do ensino da Filosofia no ensino fundamental	1	2,6
Metodologias e materiais didáticos no ensino de Filosofia	1	2,6
O ensino de Filosofia e a escola de massa: desafios e possibilidades	1	2,6
O ensino de Filosofia e a interdisciplinaridade	1	2,6
O ensino de Filosofia e suas interfaces com as artes e humanidades	1	2,6
Problemáticas no ensino de filosofia inerentes aos níveis médio e superior	1	2,6
Referenciais teóricos sobre a Filosofia e seu ensino	1	2,6
Teoria e prática do ensino de Filosofia	1	2,6
Teoria Filosófica e ensino da Filosofia nas escolas contemporâneas	1	2,6
Textos e currículos no ensino de Filosofia: escritas e leituras	1	2,6
TOTAL	38	100

Fonte: Diretório de Grupos de Pesquisa - CNPq, 2014.

As temáticas mais abordadas são Ensino de Filosofia e correlatos por 18 instituições, Teoria e prática do Ensino de Filosofia por 5 instituições e Estudo dos métodos, currículo, aprendizagem e materiais didáticos no Ensino de Filosofia, também por 5 instituições (Quadro 1).

Quadro 15: Temáticas abordadas nas linhas na área de Ensino de Filosofia no Brasil versus instituições

ENSINO DE FILOSOFIA E CORRELATOS	NÍVEL MÉDIO, PROFISSIONALIZANTE E SUPERIOR	MÉTODOS, CURRÍCULO, APRENDIZAGEM E MATERIAIS DIDÁTICOS	EDUCAÇÃO BÁSICA, ENSINO FUNDAMENTAL E EJA
MACKENZIE UENP UEPB UERN UFAL UFAM UFC UFFS UFPE UFPI UFPR UFRRJ UFSCAR UFU UNIFRA UNIPLAC UPF	UEAP UFCG UFMT	CUSC UFCG UFC UFMA UNESP	UFMT
HISTÓRIA E FILOSOFIA DA FILOSOFIA	TEORIA E PRÁTICA	FORMAÇÃO DE PROFESSORES	INTERDISCIPLINARIEDADE
CEFET/RJ UFMG	CEFET/RJ CUSC UFG UNESP	UFG	UFABAC UFCG

Fonte: Diretório de Grupos de Pesquisa - CNPq, 2004

A abordagem destas temáticas demonstra a preocupação dos pesquisadores com as bases teóricas e práticas do Ensino de Filosofia (Quadro 15) nos diversos segmentos de ensino e a relação com outras áreas do conhecimento, apresentando a possibilidade de solução para problemas identificados no Ensino de Filosofia, tais como:

- Os cursos de Filosofia no Brasil foram criados para formar o filósofo e este processo ainda deixa marcas na estrutura curricular separando o bacharel do licenciado. (SILVA, 2002)
- O objetivo de formar o filósofo, o intelectual capaz de pensar um projeto de nação, aos poucos vai cedendo lugar para a formação do leitor de filosofia, aquele que domina a história da filosofia, o que é importante, mas a formação não deve se fechar num enfoque histórico. (LOUREIRO, 2008)

- O acesso às informações, potencializado na contemporaneidade através das TICs, que poderiam ser democratizadas para possibilitar um outro olhar para o mundo, não se concretiza em sala de aula. (LOYOLA, 2008)
- A dificuldade do professor de Filosofia no ensino de conceitos, que além de ligados ao viver, estejam articulados com o devir macro, ou seja, a atuação de um indivíduo pertencente a um contexto social. (SILVA, 2002)
- As reformas educacionais em cursos no ensino superior para atender a sociedade do conhecimento não constituem ainda mudança de fato na formação do licenciado. (SERIKAWA, 2014)

Os grupos possuem em média 4 pesquisadores. Ao serem incluídos no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, os integrantes são enquadrados como pesquisadores ou estudantes. Nesta pesquisa, para fins da análise da produção desenvolvida, optou-se por considerar a apenas a produção dos pesquisadores.

A formação dos pesquisadores das linhas foi verificada através dos dados informados no diretório dos grupos de pesquisa e pelo Currículo Lattes dos integrantes, considerando o maior nível de formação. Desta forma, verificou-se que, entre os 147 pesquisadores, 88 são doutores (59,9%), 48 são mestres (32,6%), 4 são especialistas (2,7%) e 5 são graduados (3,4).

Tabela 8: Formação dos pesquisadores integrantes dos grupos de pesquisa da área de Filosofia no Brasil

FORMAÇÃO	PESQUISADORES	
	No.	%
Graduação	5	3,4
Extensão	1	0,7
Especialista	4	2,7
Mestrado profissionalizante	1	0,7
Mestrado	48	32,6
Doutorado	88	59,9
TOTAL	147	100

Fonte: Diretório de Grupos de Pesquisa - CNPq, 2004

Na questão dos pesquisadores, um ponto importante e que estes e professores do ensino médio vêm se organizando e participando de eventos comuns (FAVERO, 2004), o que já constitui um avanço possibilitando que os profissionais atuantes em outros seguimentos acompanhem o que está sendo discutido nos grupos de pesquisa.

As pesquisas desenvolvidas dentro das linhas analisadas objetivam discutir as dificuldades que giram em torno do que ensinar e como ensinar a Filosofia, tendo o potencial de instrumentalizar teórica e praticamente os futuros professores da educação básica, capacitando os alunos para uma compreensão e uma intervenção mais consciente e crítica através de uma aproximação do debate filosófico do dia-a-dia, promovendo uma educação intercultural e que encontre seu lugar na contemporaneidade.

O Ensino da Filosofia, dentro dos espaços educacionais no Brasil, tornou-se objeto de análise, de forma crescente e sistemática, depois da aprovação pelo Senado Federal, em 08 de maio de 2008, do Projeto de Lei n. 3178/97 que modifica a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB (Lei n. 9.394/96), dando à Filosofia e à Sociologia o status de disciplina obrigatória para o Ensino Médio, trazendo para a Universidade uma responsabilidade ainda maior na formação dos professores que exercerão sua função nas diversas instituições de ensino, independente de qual segmento atuem. Essa formação influenciará no desenvolvimento do país na medida em que se consolide uma educação com bases sólidas que supere a crise enfrentada contemporaneamente, desta forma, para uma educação de qualidade, concomitante a uma formação eficiente de professores, também é necessária uma pesquisa sólida sobre as formas e condições de ensino atuais.

Refletir sobre o Ensino de Filosofia na contemporaneidade, a partir de questões referentes aos fundamentos de educação, formação de professores, técnicas, métodos e conteúdo que abordem como filosofar e ensinar filosofia, nos diferentes segmentos de ensino, permite que seja construído um instrumental teórico que aprofunde os conhecimentos acerca do Ensino de Filosofia. Partindo desta reflexão, veremos no próximo capítulo, como A Universidade Federal da Bahia, Instituição de Ensino Superior onde encontra-se o objeto de nossa pesquisa, constituiu seu curso de formação de professores em Filosofia – Licenciatura em Filosofia, e se há diálogo com as questões contemporâneas de um mundo globalizado, tecnológico e excludente.

4.3 PET – De programa de treinamento à educação tutorial

De forma geral, o que pretendo nessa análise do programa é perceber como o programa é estruturado e como deve acontecer o seu funcionamento. Assim, a análise inicial parte da composição documental do Ministério da Educação – MEC - que justifica e legaliza o PET, por entendermos que é chave para compreender de que forma este programa atenderá à execução do tripé ensino, pesquisa e extensão na universidade.

O Programa de Educação Tutorial-PET, que hoje totaliza 842 grupos no Brasil, constitui-se por um grupo formado por até doze alunos de graduação, bolsistas, podendo ter até seis voluntários e um tutor que também recebe bolsa, além de outros alunos que tenham interesse em se agregar ao programa. O objetivo é trabalhar ensino, pesquisa e extensão de forma indissociada, colaborando para a qualificação da formação dos envolvidos e da própria instituição universitária a qual pertençam, além de criar no ambiente acadêmico uma noção de cidadania, pois envolve atividades tanto com a comunidade interna quanto externa. É um programa para qualificação não apenas do grupo, mas de toda a graduação, com grande potencial de atividades convergentes e de desenvolvimento da autonomia.

O PET teve início em 1979, na época chamado de Programa Especial de Treinamento (BRASIL, 2016). Trata-se de uma iniciativa do prof. Cláudio de Moura Castro, diretor da CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, inspirado em um programa semelhante que existia na UFMG nos anos de 1950. Na transição dos anos de 1990 para 2000, no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, a CAPES resolve destituir o programa, gerando um movimento de defesa da manutenção do programa em diversas universidades brasileiras. Em 2001, após vinte anos, o PET sai da CAPES e passa a ser gerenciado pela SESU- Secretaria de Educação Superior, que não consegue manter a mesma forma de administração, havendo cortes e atrasos de bolsas. Diante da instabilidade do programa, em 1999 tutores se reúnem e criam a Comissão Executiva Nacional do PET/CENAPET, que passa a funcionar como um fórum representativo dos Grupos do Programa de Educação Tutorial-PET das Instituições de Ensino Superior do país, com sede volante de acordo com a localidade de residência de seu Presidente. De 2000 a 21/05/2001 assume o nome PET-BRAX, havendo mudanças também na característica do programa: o aluno teria bolsa apenas por um ano e apenas se pertencesse a graduações voltadas para o

bacharelado. É na Lei nº 11.180, de 23 de setembro de 2005, que além de outras providências, institui o Programa de Educação Tutorial – PET no formato atual. Neste período, tutores de programas espalhados pelo país fundam a CENAPET-Comissão Executiva Nacional do Programa de Educação Tutorial.

A estrutura atual do PET é formada por grupos de estudantes de Instituições de Ensino Superior – IES - e tutoria de um docente. Constituído o grupo, cuja existência não possui um limite pré-determinado, haverá uma fluência de seus componentes, sendo ao bolsista⁷ de graduação permitida a permanência até a conclusão da graduação e ao tutor, um período máximo de seis anos. Em sua estrutura organizacional, o PET gradativamente acaba por caracterizar-se enquanto um programa de fomento à tríade ensino, pesquisa e extensão, trazendo consigo o potencial de enriquecimento na formação do universitário, configurando uma aprendizagem interdisciplinar muito importante:

A dimensão educativa caracteriza-se por oferecer ao aluno programas de suporte pedagógico que o auxiliem a melhorar seu desempenho acadêmico, seja nas habilidades técnicas, na competência hermenêutica ou no desempenho de suas funções político emancipatórias. Todos esses programas terão o objetivo de instrumentalizar o aluno para o domínio de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionadas aos conteúdos e experiências de aprendizagem já incluídas nos programas de ensino. Assim, a dimensão educativa do programa tutorial pretende funcionar como uma oportunidade de reforço, treinamento e desenvolvimento da capacidade de estudar e aprender com maior eficácia; instrumentalizar-se em técnicas e procedimentos; desenvolver a capacidade de comunicar-se de forma oral ou escrita; e também de participar dos movimentos sociais em nível estudantil, das associações profissionais e da comunidade em geral. Não se destina somente a alunos com dificuldades, mas também àqueles que, com essa sustentação complementar, poderão distinguir-se, desenvolver pesquisas, ou seja, ir além dos mínimos necessários para a graduação. (SAUPE; GEIB, 2002, p.725)

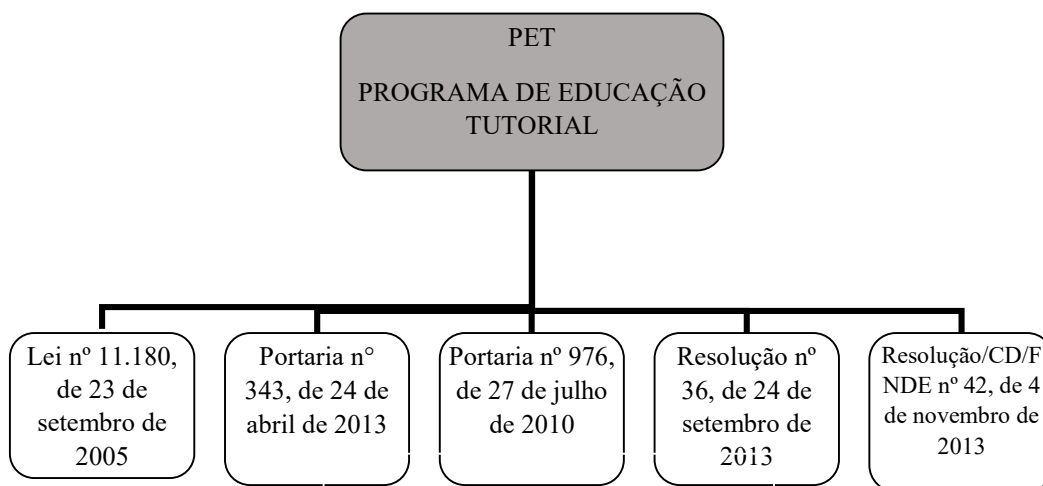
Em sua constituição legal, o PET segue a determinação de leis, portarias e decretos que regem o seu funcionamento, de acordo com as especificações do MEC, caracterizando como deve ser seu funcionamento, sua constituição administrativa e acadêmica, quais as normas e a periodicidade dos processos avaliativos. Este conjunto de normas que determinam desde a constituição à área de ação rege os 842 grupos PET,

⁷ O aumento da quantidade de bolsas concedidas pelo grupo PET será feita a partir de justificativa encaminhada pelo professor tutor ao Comitê Local de Acompanhamento e Avaliação – CLAA - de sua respectiva IES e estará condicionada à avaliação positiva do grupo por esse comitê. A implementação das novas bolsas dos grupos PET em expansão será efetuada somente após a homologação do processo por parte da instituição e sua autorização pelo MEC.

distribuídos em 121 IES, cadastrados atualmente no MEC, tornando o programa a maior ferramenta de política pedagógica para consolidação do tripé pesquisa, ensino e extensão na universidade, pois

o PET encoraja a maior interação entre graduação e pós-graduação e possibilita a integração de atividades de ensino, pesquisa e extensão. Além disso, a licenciatura é fortalecida, na medida em que se exige como requisito que os grupos PET sejam compostos, também, por estudantes dessa modalidade. Assim, o programa propõe-se a desenvolver o potencial acadêmico do bolsista, baseado na indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão, colaborando com a formação de profissionais qualificados para o mercado de trabalho e melhorando os cursos de graduação da instituição. (SOUZA; GOMES JUNIOR, 2015, p.1501-1)

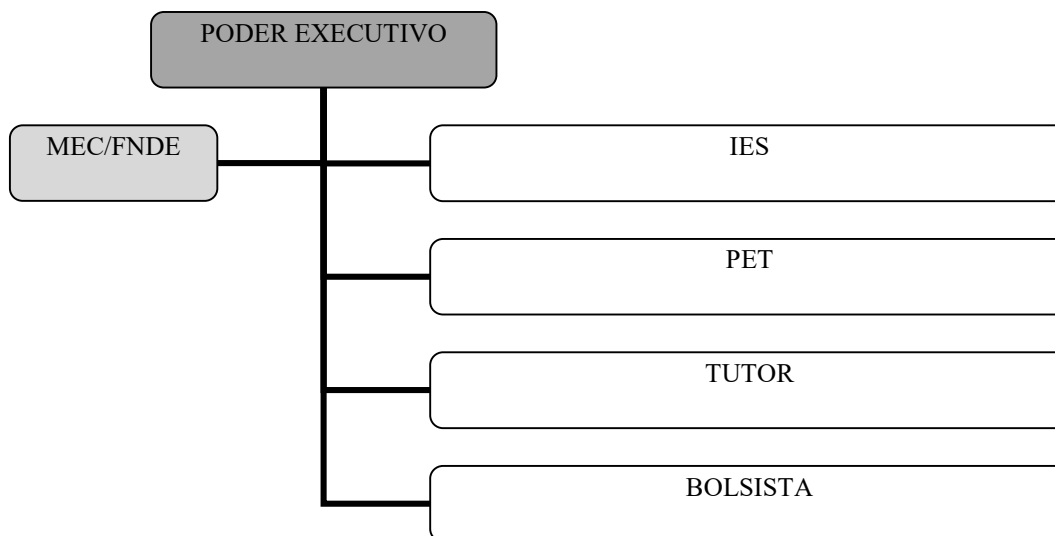
Figura 2: Constituição Legal do PET



Fonte: MEC/SESu, 2006

A Lei nº 11.180, de 23 de setembro de 2005, além de outras providências, institui o Programa de Educação Tutorial – PET. Em seu artigo 12, esta lei institui o programa, no âmbito do MEC, enquanto objeto de fomentação de grupos de aprendizagem, tutoria e iniciação científica. Desta forma ficam dispostas as seguintes orientações:

Figura 3: Estrutura Hierárquica de funcionamento do PET



Fonte: MEC/SESu, 2015

- A IES: serão de sua competência publicizar o processo seletivo, os beneficiários, valores recebidos e aplicação dos mesmos.
- O PET: através de regulamento próprio deverá especificar os objetivos, os critérios de composição e avaliação do grupo, critérios de manutenção dos grupos e das bolsas, além do sistema de seleção de tutores e bolsistas. Seu vínculo será com a Pró-Reitoria de Graduação ou órgão equivalente. Deverá contribuir para a implementação de políticas públicas e de desenvolvimento em sua área de atuação.
- O Tutor: a participação será mediante aprovação em processo de seleção. O mesmo deve pertencer ao quadro permanente da IES, sob contrato integral e de dedicação exclusiva; será critério para a sua admissão a titulação de doutor, em casos excepcionais a titulação de mestre⁸; a bolsa de tutoria a qual terá direito terá valor equivalente às de mestrado ou doutorado concedidas no país e terá duração de três anos, renovável por igual período; receberá valor semestral, equivalente a bolsa de iniciação científica, por aluno participante, valor este que deverá ser aplicado em custeio e prestar contas ao MEC; doar os materiais

⁸ Excepcionalmente a bolsa de tutoria poderá ser concedida a professor com titulação de mestre, desde que devidamente justificado pelo CLAA e aprovado pela Comissão de Avaliação. (MEC/SESu, 2006)

didáticos adquiridos à IES; não acumular bolsas; comprovar atuação efetiva em cursos e atividades da graduação por três anos anteriores à solicitação ou à avaliação e comprovar atividades de pesquisa e de extensão por três anos anteriores à solicitação ou à avaliação⁹; terá por função planejar e supervisionar as atividades do grupo e orientar os integrantes discentes, coordenar a seleção dos bolsistas, submeter a proposta de trabalho para aprovação da Pró-Reitoria de Graduação, ou órgão equivalente, organizar os dados e informações sobre as atividades do grupo para subsidiar a elaboração do relatório da IES, dedicar carga horária mínima de dez horas semanais para orientação dos integrantes discentes do grupo PET, sem prejuízo das demais atividades previstas em sua instituição, atender, nos prazos estipulados, às demandas da instituição e do MEC, solicitar ao Comitê Local de Acompanhamento e Avaliação, por escrito, justificadamente, seu desligamento ou o de integrantes discentes, controlar a frequência e a participação dos estudantes, elaborar a prestação de contas da aplicação dos recursos recebidos, a ser encaminhada à SESu, fazer referência a sua condição de bolsista do PET nas publicações e trabalhos apresentados e cumprir as exigências estabelecidas no Termo de Compromisso.

- O Bolsista¹⁰: serão critérios para sua admissão no processo seletivo o potencial para atividade acadêmica, frequência e aproveitamento escolar na graduação; deverá se dedicar integralmente às atividades do PET e receberá bolsa compatível à de iniciação científica, que poderão ser atualizados a cada doze meses; serão de no mínimo quatro para o funcionamento do grupo; terá direito a um certificado de participação no PET indicando o tempo de participação efetiva e comprovada no Programa, emitido por sua instituição; deverá: zelar pela qualidade acadêmica do PET; participar de todas as atividades programadas pelo professor tutor; participar durante a sua permanência no PET em atividades de ensino, pesquisa e extensão; manter bom rendimento no curso de graduação;

⁹ A partir de disciplinas oferecidas, orientação de monitoria, iniciação científica e trabalhos de conclusão de curso, atuação em programas ou projetos de extensão, e participação em conselhos acadêmicos, os quais poderão ser comprovados mediante o currículo lattes documentado do candidato a tutor e o período de exercício das atividades comprovadas não necessita ser ininterrupto, de tal forma que professores que tenham se afastado da instituição para realizar estágio ou outras atividades de ensino, pesquisa e extensão não estão impedidos de exercer a tutoria (MEC/SESu, 2006)

¹⁰ Poderá ser admitida a participação de estudantes não bolsistas em até metade do número de bolsistas por grupo. (BRASIL,2005)

contribuir com o processo de formação de seus colegas estudantes da IES, não necessariamente da mesma área de formação, especialmente no ano de ingresso na instituição; publicar ou apresentar em evento de natureza científica um trabalho acadêmico por ano, individualmente ou em grupo; fazer referência à sua condição de bolsista do PET nas publicações e trabalhos apresentados e cumprir as exigências estabelecidas no Termo de Compromisso.

Acreditamos que o universitário petiano, bolsista ou não, no processo de interação com o professor tutor, terá amplas possibilidades de aprendizagem em comparação a um aluno não vinculado ao programa, visto a característica de colaboração que o programa possui e compreendendo que,

...a aprendizagem colaborativa é eficaz para ensinar o trabalho em equipe; apresenta a independência positiva, interação face a face, responsabilidade individual, habilidades interpessoais e de pequenos grupos, e o processamento de grupo. (...) Presume-se que a aprendizagem ocorra como um resultado de uma prática planejada, na qual a oportunidade de adquirir e aplicar conhecimentos, habilidades e sentimentos tem lugar em um cenário real, relevante. (CAMARA; GROSSEMAN; PINHO, 2015, p.818)

Em 2013, a Portaria nº 243 de 24 de abril substituiu, trazendo algumas revogações, a Portaria nº 976 de 27 de julho de 2010. Ambas tratam da constituição do PET nas IES, em âmbito nacional e definem seu princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e a necessidade da sua vinculação às áreas prioritárias e a políticas públicas e de desenvolvimento, visando a sua interiorização e a correção de desigualdades regionais, afinal “para fortalecer os processos de formação, se faz necessário grande envolvimento docente, transformando a atuação pedagógica e profissional, promovendo coerência entre teoria e prática” (FRANCISCHETTI, 2011, p. 1207), pois acredito que é neste momento, com os ajustes advindos da portaria no. 243, o PET alcança seu status enquanto programa que visa a excelência na formação universitária e delinea o que se tornou o seu formato atual.

Quadro 16: PET – Contexto Histórico

PET – PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL	
DEFINIÇÃO	programa de educação tutorial desenvolvido em grupos organizados a partir de cursos de graduação das IES do País, orientados pelo princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. (BRASIL/MEC, 2005)

HISTÓRICO	criado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Nível Superior (CAPES) em 1979 como Programa Especial de Treinamento, tinha por objetivo inicial o fortalecimento dos cursos de graduação mediante implementação de grupos tutoriais, oferecendo aos bolsistas, “petianos”, formação acadêmica com nível de excelência, a fim de prepará-los para o ingresso em programas de pós-graduação, sendo responsável pela melhoria da qualidade do ensino na universidade e, conseqüentemente, dos futuros profissionais inseridos no mercado de trabalho. Embora tenha se consolidado após sua criação, em 1997, devido a diversas crises, beirou a extinção devido ao alto custo orçamentário para manutenção do projeto, assim, o PET passou por um processo de reestruturação, sendo, em 1999, transferido para a Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (SESu/MEC), tendo seu nome modificado para Programa de Educação Tutorial em 2004, tendo reconhecimento legal em 2005. (SOUZA; GOMES JUNIOR, p.1501-2, 2015)
OBJETIVOS	desenvolver atividades acadêmicas em padrões de qualidade de excelência, mediante grupos de aprendizagem tutorial de natureza coletiva e interdisciplinar; contribuir para a elevação da qualidade da formação acadêmica dos alunos de graduação; estimular a formação de profissionais e docentes de elevada qualificação técnica, científica, tecnológica e acadêmica; formular novas estratégias de desenvolvimento e modernização do ensino superior no país; estimular o espírito crítico, bem como a atuação profissional pautada pela cidadania e pela função social da educação superior; introduzir novas práticas pedagógicas na graduação; contribuir para a consolidação e difusão da educação tutorial como prática de formação na graduação; contribuir com a política de diversidade na IES, por meio de ações afirmativas em defesa da equidade socioeconômica, étnico-racial e de gênero. (BRASIL/MEC, 2013)

5.2 PET – Estrutura Organizacional

Quanto ao seu desenvolvimento, o grupo PET pode ser estruturado de duas formas distintas, a primeira focada em um curso específico, possibilitando a concessão de bolsas para professores e estudantes pertencentes a um determinado curso de graduação e a segunda de forma interdisciplinar, quando há articulação entre cursos¹¹ de cursos de graduação previamente definidos pela IES ou quando há articulação entre grandes áreas do conhecimento definidas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. Compreendemos que este processo de conexão entre cursos e áreas do conhecimento torna-se a base para uma rede de saberes e diversidade de conhecimentos que venham a tornar a formação do universitário que faz parte do PET mais fortalecida, visto que,

...o grande aparato de informação e comunicação de que se dispõe atualmente prefigura um espaço vasto de oportunidades de autoeducação e ensino, permitindo aos estudantes de graduação a possibilidade de manterem-se abertos à conexão com vários canais de aprendizagem. Tem sido preconizado

¹¹ A Pró-Reitoria de Graduação, ou órgão equivalente, deverá aprovar o planejamento das atividades dos grupos em conformidade com o projeto pedagógico institucional e das formações em nível de graduação, e acompanhar sua realização.

que se introduza nas universidades métodos didáticos que contribuam para o auto aprendizado, de maneira a colaborar com a formação de profissionais capazes de selecionar adequadamente a fonte do conhecimento e de avaliar criteriosamente como se transferir a informação para a prática. (LOPES, 2000, apud ARAUJO, 2012, p. 167)

A implementação e execução do programa, assim como sua avaliação, obedecerão à seguinte composição administrativa:

- Implementação e a execução: coordenadas pela Secretaria de Educação Superior - SESu, em articulação com outras Secretarias, quando necessário.
- Organização Administrativa: por meio de um Conselho Superior¹², de Comitês Locais de Acompanhamento e Avaliação - CLAA¹³ e de uma Comissão de Avaliação.

Serão competências do Conselho Superior, (MEC/ SESu, 2015):

- a. apreciar propostas, critérios, prioridades e procedimentos para a extinção e para a criação de novos grupos;
- b. formular propostas referentes ao funcionamento e à avaliação do PET;
- c. propor critérios e procedimentos para o acompanhamento e a avaliação do PET;
- d. propor estudos e programas para o aprimoramento das atividades do PET;
- e. opinar sobre assuntos que lhe sejam submetidos por seu Presidente;
- f. definir as políticas de expansão, desenvolvimento e consolidação do PET como instrumento de promoção da educação tutorial na graduação, ouvida a Comissão de Avaliação;

¹² O Conselho Superior compõe-se dos seguintes membros: Secretário de Educação Superior, que o presidirá e, em casos de empate nas deliberações, contará com voto qualificado; o Secretário de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão - SECADI; o Diretor da Diretoria de Desenvolvimento da Rede de IFES - DIFES; Coordenador-Geral de Relações Estudantis da SESu; Coordenador-Geral para as Relações Étnico-Raciais da SECADI; um representante do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE; um representante da Comissão de Avaliação; um representante dos integrantes discentes; um representante dos professores tutores; um representante dos Pró-Reitores de Graduação e um representante dos Pró-Reitores de Extensão. (MEC/ SESu,2015)

¹³ Os Comitês Locais de Acompanhamento e Avaliação do PET serão instituídos pelas IES e serão compostos por tutores e integrantes discentes do PET e por membros indicados pela administração da IES, incluindo o interlocutor. (MEC/ SESu,2015)

- g. homologar os resultados da avaliação do PET e demais deliberações elaboradas pela Comissão de Avaliação;
- h. apreciar recursos às deliberações tomadas pela Comissão de Avaliação. A mesma será nomeada por ato específico do Secretário de Educação Superior e composta por: um representante da SESu, que a presidirá; um representante da SECADI; dois discentes¹⁴ integrantes do Programa; e dezoito membros¹⁵, na qualidade de consultores externos.

Quadro 17: PET – Atribuições da Comissão de Avaliação

ATRIBUIÇÕES DA COMISSÃO DE AVALIAÇÃO	
Avaliar...	...o planejamento e o relatório anual dos CLAA das instituições que abrigam grupos PET, assim como o relatório consolidado das respectivas instituições, podendo para tal solicitar a participação de consultores ad hoc;
Realizar...	...a avaliação do desempenho dos CLAA e do programa PET;
Encaminhar...	... ao Ministério da Educação relatório propondo a extinção, manutenção ou ampliação dos grupos e as indicações de substituição de tutores; ... aos CLAA e aos grupos recomendações para o aprimoramento e elevação da qualidade das atividades realizadas;
Indicar...	... ao MEC a necessidade de realização de visitas in loco para efeito de verificação e comprovação do cumprimento das diretrizes e finalidades do Programa;
Analisar...	... e decidir sobre os recursos das decisões dos CLAA;
Opinar...	... sobre assuntos que lhe sejam submetidos por seu Presidente;
Propor...	... ao Conselho Superior nominata de tutores e ex-tutores a serem credenciados como consultores ad hoc para avaliação in loco dos planejamentos e relatórios dos CLAA e do programa PET nas respectivas IES; ... ao Conselho Superior a definição de critérios, prioridades e procedimentos para a extinção e para a criação de novos grupos; ... Conselho Superior critérios e procedimentos para o acompanhamento e a avaliação do PET;
Exercer...	... a função de assessoramento do Ministério da Educação nos assuntos relativos ao PET;
Assistir...	... o Conselho Superior na definição das políticas de expansão, desenvolvimento e consolidação do PET como instrumento de promoção da educação tutorial na graduação; ... o Conselho Superior na proposição e execução de estudos e programas para o aprimoramento das atividades do PET;

¹⁴ Indicados por seus pares. (MEC/ SESu,2015)

¹⁵ Representantes das seguintes áreas de conhecimento: ciências agrárias; ciências biológicas; ciências da saúde; ciências exatas e da terra; ciências humanas; ciências sociais aplicadas; engenharias; letras e artes; interdisciplinar, estando estas articuladas com as seguintes áreas temáticas: comunicação; cultura; direitos humanos e justiça; educação; meio ambiente; saúde; tecnologia e inovação e produção e trabalho. Destes, nove serão indicados pelo Secretário de Educação Superior e nove serão tutores representantes das áreas de conhecimento escolhidos entre seus pares. (MEC/ SESu,2015)

	... o Conselho Superior na formulação de propostas referentes ao funcionamento e à avaliação do PET;
Eleger...	...seu representante no Conselho Superior ¹⁶ .

Fonte: SESu/MEC, 2006

Quadro 18: PET – Atribuições do CLAA

PET – ATRIBUIÇÕES DO CLAA	
Acompanhar...	...e avaliar o desempenho dos grupos PET e dos professores tutores;
Zelar...	...pela qualidade e inovação acadêmica do PET e pela garantia do princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão;
Apoiar...	...institucionalmente as atividades dos grupos PET;
Receber...	...e avaliar os planejamentos e relatórios anuais dos grupos PET;
Verificar...	...a coerência da proposta de trabalho e dos relatórios com o Projeto Pedagógico Institucional e com as políticas e ações para redução da evasão e insucesso nas formações em nível de graduação da IES;
Referendar...	...os processos de seleção e de desligamento de integrantes discentes dos grupos, por proposta do professor tutor;
Analisar...	...e aprovar os processos de seleção e de desligamento de tutores, bem como sugerir à Comissão de Avaliação, a substituição de tutores e emitir parecer sobre a extinção de grupos;
Elaborar...	...o relatório institucional consolidado e encaminhá-lo à SESu, com prévia aprovação do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão da instituição ou órgão equivalente; ...relatórios de natureza geral ou específica;
Propor...	...à Comissão de Avaliação critérios e procedimentos adicionais para o acompanhamento e a avaliação dos grupos PET da IES; ...estudos e programas para o aprimoramento das atividades dos grupos PET da IES;
Organizar...	...dados e informações relativas ao PET e emitir pareceres por solicitação da Comissão de Avaliação;
Coordenar...	...o acompanhamento e a avaliação anual dos grupos, de acordo com as diretrizes do programa e seus critérios e instrumentos de avaliação definidos no Manual de Orientações Básicas;
Homologar...	...os Planos de Trabalho e os Relatórios dos Grupos PET previamente aprovados pela Pró-Reitoria de Graduação ou órgão equivalente.

Fonte: SESu/MEC, 2006

¹⁶ Compete ao Presidente da Comissão de Avaliação: representar a Comissão, sempre que pertinente; presidir, supervisionar e coordenar os trabalhos da Comissão, promovendo todas as medidas necessárias à consecução das suas finalidades; convocar as reuniões da Comissão; estabelecer a pauta de cada reunião; resolver questões de ordem e exercer o voto de qualidade, se for o caso e constituir grupos de trabalho, de caráter temporário, integrados por membros da Comissão de Avaliação e por especialistas convidados, para realizar análises e outros estudos de interesse do P E T.

Quadro 19: PET – Processo de Avaliação dos grupos e tutores

AValiação	
OBJETIVO	INSTRUMENTO
<p>a. promover a qualidade das ações do programa;</p> <p>b. consolidar o programa como ação de desenvolvimento da qualidade e do sucesso acadêmico e inovação da educação superior;</p> <p>c. identificar as potencialidades e limitações dos grupos participantes na consecução dos objetivos do programa;</p> <p>d. sugerir ações de aprimoramento e reorientação de ações;</p> <p>e. recomendar, com base em critérios de qualidade, transparência e isenção, a expansão, a consolidação ou a extinção de grupos;</p> <p>f. contribuir para a consolidação de uma cultura de avaliação na formação da graduação.</p>	<p>Do Grupo PET:</p> <p>a. relatório anual do grupo;</p> <p>b. sucesso acadêmico do grupo;</p> <p>c. participação dos estudantes do grupo em atividades, projetos e programas de ensino, pesquisa e extensão no âmbito do P E T;</p> <p>d. desenvolvimento de inovação e práticas educativas no âmbito da formação em nível de graduação;</p> <p>e. alinhamento das atividades do grupo ao Projeto Pedagógico Institucional e com as políticas e ações para redução da evasão e insucesso nas formações em nível de graduação da IES;</p> <p>f. publicações e participações em eventos acadêmicos de professores tutores e estudantes bolsistas;</p> <p>g. relatórios de auto-avaliação de estudantes e tutores;</p> <p>h. visitas locais, quando identificada a necessidade.</p> <p>Do Tutor:</p> <p>a. cumprimento das atividades inerentes ao PET;</p> <p>b. contribuição para a inovação e desenvolvimento da formação em nível de graduação;</p> <p>c. publicações e produção científica;</p> <p>d. disciplinas ministradas na graduação;</p> <p>e. orientação de trabalhos acadêmicos;</p> <p>f. participação em projetos ou programas de ensino, pesquisa e extensão;</p> <p>g. participação em conselhos acadêmicos;</p> <p>h. material didático produzido e publicado a partir das atividades desenvolvidas pelo grupo;</p> <p>i. relação entre as ações planejadas e efetivamente executadas pelo grupo;</p> <p>j. relatório anual da instituição de ensino superior;</p> <p>k. relatório de avaliação dos estudantes do grupo. XII - sucesso acadêmico do grupo PET.</p>

Fonte: SESu/MEC, 2006

Quanto ao desligamento de tutor, bolsista ou encerramento de atividades do grupo:

- O professor tutor poderá desligado do PET por decisão do Comitê Local de Acompanhamento e Avaliação, embasada em avaliação insatisfatória do tutor, considerando para tanto o descumprimento do termo de compromisso; por decisão da Pró-Reitoria, ou órgão equivalente, desde que devidamente homologada pelo CLAA e/ou após o exercício da função de tutor por seis anos consecutivos.
- O integrante discente será desligado do grupo por conclusão, trancamento de matrícula institucional ou abandono de curso de graduação; desistência; rendimento escolar insuficiente; acumular duas reprovações em disciplinas após o seu ingresso no PET; descumprimento das obrigações junto às Pró-Reitorias de Graduação, de Extensão e de Pesquisa, ou equivalentes; descumprimento dos deveres de bolsista e prática ou envolvimento em ações não condizentes com os objetivos do PET ou com o ambiente universitário.
- O grupo PET poderá ser extinto em decorrência dos resultados de sua avaliação, o que não facultará à IES a sua reposição, cabendo ao Secretário de Educação Superior a decisão de criação de novo grupo e a realocação dos respectivos recursos financeiros.

Ainda sobre a legislação que rege o PET, temos a resolução nº 36, de 24 de setembro de 2013, que estabelece os procedimentos para creditar os valores destinados ao custeio das atividades dos grupos PET aos respectivos tutores e a resolução/CD/FNDE nº 42, de 4 de novembro de 2013 que estabelece orientações e diretrizes para o pagamento de bolsas a estudantes de graduação e a professores tutores, no entanto, não detalharemos por não fazerem parte do foco desta discussão.

Quanto a funcionalidade e interação dos grupos, a CENAPET, que possui um site (<https://cenapet.wordpress.com>) e um perfil no Facebook (https://www.facebook.com/ComissaoExecutivoDoPET/?ref=page_internal), possibilita a integração entre grupos, tutores e petianos. Além da comunicação web existem encontros regionais, que funcionam como norteadores: SulPET, SudestePET, NordestePET, CentroOestePET e NortePET. Anualmente há um evento nacional, o ENAPET, nestes encontros a comunidade acadêmica além de compartilhar as atividades desenvolvidas também encaminha as reivindicações do programa.

O Programa de Educação Tutorial-PET que antigamente se chama Programa Especial de Treinamento é uma política pública, que embora não seja recente, passou por reformulações e, sendo perceptível sua importância por propor uma formação diferenciada para estudantes de graduação, para que atuem em atividades de pesquisa, ensino e extensão, além do mais, dialoga em seu objetivo com a solução de um problema que, detectado na Conferência Nacional de Educação-CONAE 2014, ao analisar as proposições do Eixo IV-Qualidade da Educação: Democratização do Acesso, Permanência, Avaliação, Condições de participação e Aprendizagem, identifica o problema curricular na graduação, já abordado no capítulo I, em conseguir uma associação de ensino, pesquisa e extensão, na formação do licenciado e na distância entre teoria e prática na universidade:

A universidade, que em tese deve promover a indissociabilidade entre o ensino e a pesquisa no processo formativo, também tem seus problemas. Os cursos de licenciatura, em geral, possuem baixo prestígio frente aos bacharelados, que são mais voltados para a formação do pesquisador. Isto ocorre, em geral, devido à desvalorização do magistério como profissão e da educação como campo de conhecimento. A licenciatura acaba se tornando um apêndice ou um curso de segunda categoria que se destina aos estudantes considerados menos capacitados para o bacharelado. Um outro conjunto de dificuldades aparece nos desenhos e nas práticas curriculares dos cursos de licenciatura.

Verifica-se, em geral, uma: a) dicotomia entre ensino e pesquisa, como se a pesquisa só fosse possível nos bacharelados; b) separação bastante evidente entre formação acadêmica (teoria) e realidade prática e entre disciplinas de conteúdo pedagógico e disciplinas de conteúdo específico; c) formação pedagógica (complementação pedagógica) mínima para os cursos de licenciatura, à exceção da pedagogia; d) desarticulação dos componentes curriculares com o perfil do profissional a ser formado. Fica evidente, também, a dificuldade interna às universidades para conceber e implementar uma política de formação de professores, objetivando mudar os problemas identificados.

Dado esse quadro que instiga a construção de medidas fortes e eficientes no processo de formação docente, algumas propostas e demandas estruturais altamente pertinentes se apresentam, no sentido de garantir as condições necessárias para o delineamento desse sistema público. (BRASIL/CONAE, 2014.p.67/68)

O PET não é o único programa que atende à universidade pública, porém, no que tange atender o tripé ensino, pesquisa e extensão é o mais completo (BRASIL, 2016), comparado a outros programas como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica-PIBIC, ligado à CNPq se dedica mais à pesquisa e o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência-PIBID, ligado as licenciaturas, é voltado para o ensino.

Outro fator que torna o potencial do PET ainda maior é que, entre 2008 e 2010, além dos programas ligados a cursos, surgiram os PETs temáticos e os PETs Conexão de Saberes, extremamente importantes para a extensão universitária. A partir deste conhecimento mais aprofundado do funcionamento legal do programa, partiremos para a análise das atividades planejadas no PET/Filosofia UFBA e seu potencial enquanto um programa de grande potencial transdisciplinar inserido em uma universidade, que mesmo passando por diversas reformas, ainda tem dificuldades em dialogar com o seu tempo.

5 PET/FILOSOFIA UFBA: POSSIBILIDADES DE UM CAMINHO OUTRO PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Todo percurso desenvolvido até agora, pretendeu dar embasamento para esta análise/crítica/discursiva/criativa que iniciaremos agora. Nos capítulos anteriores encontramos na literatura vigente os problemas enfrentados no ensino de Filosofia e de que forma se constitui o curso de graduação em Filosofia da Universidade Federal da Bahia, que será nosso objeto de análise no que constitui planejamento de atividades do grupo PET/Filosofia e suas potencialidades.

Minha pesquisa parte do conteúdo web disponibilizado através do aplicativo de sistema de gerenciamento wordpress, um blog desenvolvido para compartilhamento das informações de legislação, editais e atividades desenvolvidas pelo grupo PET-Filosofia da UFBA. Esta ferramenta de interação com a produção do programa pode ser caracterizada como uma hipermídia, pois disponibiliza documentos, editais, atividades desenvolvidas e o projeto que embasa o funcionamento do programa, configurando-se como uma hipertecnologia educativa, visto que

...hipertecnologias são, em outras palavras, ferramentas da teleinformática que capacitam o homem no sentido de melhor reproduzir, acessar, recuperar, verificar, preparar e manipular as informações, causando uma metamorfose da realidade em todos os sentidos, indo além dos limites conhecidos. Sabe-se hoje que as tecnologias hipermídia-multimídia embasaram-se na tecnologia das comunicações, sistemas e produtos de suporte ao trabalho cooperativo (Groupware), cuja finalidade principal é proporcionar maior eficácia na armazenagem, acesso, elaboração, recuperação e reprodução das informações. (IAHN, 2002, p. 12)

5.1 O PET nos cursos de Filosofia – abrangência

No decorrer deste estudo uma questão se fez recorrente: se há pouca pesquisa sobre o ensino de Filosofia em seus próprios institutos, como estaria a aderência a programas PET nos mesmo? Assim, antes de iniciar a análise sobre o planejamento de atividades do grupo da UFBA, busquei os outros espaços universitários com grupos PET de Filosofia ativos.

Quadro 20: Grupos de Educação Tutorial – PET – em Institutos de Filosofia

No	REGIÃO	UF	IES	CATEGORIA ADMINISTRATIVA	NOME - GRUPO PET
01	NORDESTE	BA	UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	FEDERAL	FILOSOFIA PET UFBA
02	NORDESTE	PI	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ	FEDERAL	FILOSOFIA PET UFPI

03	NORDESTE	RN	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE	FEDERAL	FILOSOFIA PET UFRN
04	SUDESTE	MG	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS	FEDERAL	FILOSOFIA PET UFMG
05	SUDESTE	MG	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI	FEDERAL	FILOSOFIA PET UFSJ
06	SUDESTE	SP	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	ESTADUAL	FILOSOFIA PET USP
07	SUL	PR	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE	ESTADUAL	FILOSOFIA PET UNICENTRO
08	SUL	PR	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ	ESTADUAL	FILOSOFIA PET UNIOESTE
09	SUL	PR	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ	FEDERAL	FILOSOFIA PET UFPR

Fonte: CENAPET, 2015.

As Instituições de Educação Superior cujos cursos de Filosofia encontram-se cadastrados no MEC totalizam 182 (E-MEC, 2014), destas 60 são pertencentes à rede pública de Ensino, logo, tem a possibilidade de instituir um grupo PET. No Brasil, 09 universidades, ou seja, 15% do total têm em seus Institutos de Filosofia um grupo instituído, sendo que para esta análise não foram considerados os grupos multidisciplinares nem os Conexões de Saberes.

No Nordeste temos três grupos instituídos, o que corresponde a um terço do total, um número que pode ser considerado significativo, pois das 60 universidades públicas que oferecem curso de Filosofia, 17 ficam no Nordeste, ou seja, aproximadamente 28% do total. Assim, a execução do PET/Filosofia em nível nacional mantém uma proporcionalidade ao PET/Nordeste.

Partindo da compreensão que a existência do PET traz ganhos significativos na formação em Filosofia, especialmente do petiano que opta pela licenciatura, toda a análise das atividades do PET/Filosofia UFBA foi desenvolvida a partir das pesquisas sobre educação na contemporaneidade, identificando os pontos de relevância do programa e ao final apresentando os possíveis enfrentamentos.

6.2 O PET/Filosofia UFBA – Caminhos em construção

O PET – Filosofia UFBA é criado em 2007, dois anos após a promulgação da Lei nº 11.180, de 23 de setembro de 2005 que instituiu o Programa de Educação Tutorial – PET, com o propósito de realizar atividades visando a ampliação da dimensão filosófica do graduando, extrapolando as diretrizes curriculares, intensificar a

relação teoria e prática, proporcionando vivências diversificadas e contribuindo na capacitação profissional dentro do campo de atuação da Filosofia.

Em 2015, o grupo estava estruturado com 01 (um) professor tutor e 10 (dez) alunos “petiano”. No blog do grupo há a possibilidade de acessar o currículo na Plataforma Lattes de alguns dos participantes atuais e também de graduandos que já foram egressos no programa, além do currículo de professor tutor, possibilitando visualizar a produção científica de cada um dos participantes.

As atividades apresentadas, segundo planejamento anual do ano de 2014, para serem desenvolvidas pelo grupo, são 21 (vinte e uma),

Quadro 21: Atividades planejadas pelo PET -FILOSOFIA/UFBA

ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	OBJETIVO
1. Prolegômenos	Apresentação do curso de filosofia para aqueles que estão iniciando a sua graduação.	Auxiliar os ingressos na graduação de filosofia na adaptação ao ambiente universitário.
2. Produto Interno Culto	Familiarização dos graduandos com a produção intelectual dos professores da Faculdade de Filosofia da UFBA.	Promover uma discussão direta entre docente e discente.
3. Filosofia na Escola	Ministração de aulas pelos membros do PET-Filosofia que estejam cursando o 4º semestre em diante, que aplicarão conhecimentos pedagógicos e científicos adquiridos em outras atividades do programa.	Contribuir tanto para a compreensão da Filosofia como componente fundamental na formação dos jovens e adultos do ensino médio, quanto na formação do estudante de filosofia, inserido na dinâmica e realidade das escolas da rede pública.
4. Semana de Artes, Ciências e Tecnologia (ACTA)	Atividade organizada pela Universidade Federal da Bahia para expor o conteúdo produzido durante o ano e criar um espaço para apresentações artísticas e culturais.	Apresentar e divulgar as atividades realizadas, assim como os trabalhos de pesquisa realizados pelos membros do programa.
5. Filosofia e Ensino	Voltado para a prática pedagógica e o ensino de filosofia no Brasil, abarca os eixos pesquisa e ensino.	Preparar os graduandos em Filosofia para a docência, buscando o aperfeiçoamento da formação dos estudantes do ensino superior.
6. Minicursos	Contato com amplos temas e autores que por vezes não são discutidos em sala de aula.	Provocar o espírito investigativo e autonomia na produção filosófica.
7. Teoria Brasil	Projeto de pesquisa, ensino e extensão universitária para por em evidência obras e autores que formularam interpretações originais no Brasil e sobre o Brasil.	Estimular os discentes e o público em geral a conhecerem as produções intelectuais, juntamente com seus respectivos autores, do Brasil e, sobretudo, sobre o Brasil

8.Ciclo de Cinema e Contemporaneidade	Discussão de temas contemporâneos com a exibição de um filme, propiciando uma alternativa para formação de cidadãos mais ativos e conscientes.	Estabelecer uma relação entre filosofia e cinema, de uma forma ampla e acessível, estimulando a capacidade reflexiva.
9.Pesquisas Individuais	Pesquisas individuais orientadas através da atividade “Encontros de Pesquisa”.	Estimular e exortar os bolsistas à produção acadêmica, sua exposição, discussão e crítica.
10.Introdução à pesquisa filosófica	Atividade suporte na elaboração do seu primeiro trabalho e/ou ensaio filosófico dos membros do programa.	Suprir as necessidades básicas de pesquisa e produção de texto que o iniciante tem.
11.Boletim Informativo do PET-Filosofia	Edição bimestral para expor atividades e os eventos que de caráter filosófico.	Realizar a divulgação das atividades do PET-Filosofia UFBA e do curso de Filosofia.
12.Encontros de Pesquisas	Apresentação semestral dos resultados parciais das pesquisas individuais.	Constituir e proporcionar um espaço para estimular e exortar nos bolsistas a produção acadêmica e a exposição da mesma à discussão e à crítica.
13.Seminário de Pesquisa da Graduação em Filosofia da UFBA	Espaço onde os alunos da graduação em filosofia possam apresentar suas respectivas pesquisas individuais.	Favorecer um ambiente de reflexão e debate acerca daquilo que vem se desenvolvendo no campo da Filosofia.
14.Biblioteca/Arquivo	Espaço físico dos livros e arquivos, será composto por todos os documentos gerados pelo grupo que possam descrever de maneira precisa a trajetória das ações do PET.	Salvaguardar a memória do grupo PET Filosofia e contribuir para a pesquisa de estudantes que queiram utilizar o acervo.
15.XVII Encontro Nacional de Pesquisa na Graduação em Filosofia da USP	Encontro com participação aberta a todo estudante de graduação que esteja desenvolvendo pesquisa sob a orientação regular de um professor.	Proporcionar maior interação dos bolsistas de filosofia da UFBA com estudantes de filosofia de outros estados.
16.Grupos de Leitura, Estudos e Pesquisa.	Atividade de apoio aos estudos desenvolvidos pelos grupos de pesquisa filosófica.	Proporcionar ao membro do PET a permanência nos grupos de estudos, para o aperfeiçoamento de suas pesquisas e a integração.
17.Oficina de Lógica	Atividade de apoio monitorado para proporcionar uma melhor formação lógica, uma das disciplinas onde há mais dificuldades de aprendizado.	Incentivar e iniciar os graduandos bolsistas do PET à docência, promover e aprimorar a compreensão da temática trabalhada, diminuir as dificuldades no estudo e conseqüentemente melhorar os resultados na disciplina.
18.Como se Faz Filosofia	Palestras ministradas por pesquisadores em Filosofia.	Suprir lacunas do currículo com temas, autores e problemas típicos da Filosofia.
19.ENAPET, ENEPET E EBAPET	Encontros dos grupos PETs no âmbito nacional (ENAPET), regional (ENEPET) e estadual (EBAPET).	Fortalecer o programa pela criação ou manutenção de um espaço de debates e discussões no nível local, regional e nacional, possibilitando trocas de

		experiências e conhecimentos.
20.Módulo de Estudos e Aprofundamento	Estudo aprofundado acerca de alguma temática filosófica previamente escolhida.	Proporcionar aos membros do PET-Filosofia e demais interessados uma maior completude na formação acadêmica, fomentar a autonomia da pesquisa e o desenvolvimento da capacidade de trabalho em grupo.
21.Mural e Site	Ferramentas que possibilitam a divulgação de eventos e atividades ligadas ao PETFilosofia, além de disponibilizar informações acerca do Programa de Educação Tutorial	Possibilitar uma maior propagação de informações acerca dos trabalhos realizados pelo grupo e pela Faculdade para a comunidade acadêmica, servindo como fonte de pesquisa de trabalhos monográficos.

Fonte: PETSOFIAUFBA, 2014.

A análise documental do programa apresenta alguns indícios que o mesmo tem grande potencial para superar as dificuldades apontadas pelas críticas sobre o ensino de Filosofia na Universidade, em capítulos anteriores. As atividades propostas para o ano de 2014 – Quadro 21 – apresentam diversidade, além de contemplarem a tão necessária união de ensino, pesquisa e extensão para a formação do graduando, principalmente o que fizer a opção pela licenciatura.

O cronograma de atividades anterior, em seus objetivos, propõe aos petianos envolvidos atividades de ensino aprendizagem por meio de um processo que envolve cocriação, com colegas, tutor, comunidade acadêmica, mediante muita troca de ideias para chegar a um objetivo comum. Dessa forma, pretende equipar os graduandos de Filosofia da UFBA com habilidades que lhes permitam assumir papéis atuantes na construção de estratégias para a solução dos problemas emergentes na sala de aula, constituindo uma consolidada relação entre teoria e prática.

Partindo da análise dos objetivos nesta pesquisa e da literatura pesquisada que trata sobre o currículo hoje, desenvolvi uma categorização para agrupar atividades do PET/Filosofia UFBA, buscando identificar o potencial inserido em cada uma delas para atender as demandas da formação do professor de Filosofia na contemporaneidade.

As atividades do PET, diferente de um componente curricular, apresentam um caráter mais expansivo, sem a amarra de crédito a ser cumprido. Pedagogicamente, por sua característica de conteúdo flexível, construção colaborativa e auto-avaliação,

seu diálogo com a contemporaneidade permite a Universidade uma oxigenação da qual o Projeto Político Pedagógico ainda está carente. Esta categorização feita das atividades é a tentativa de demonstrar este diálogo e não pretende encarcerá-las numa função. Cada uma delas pode fluir por este quadro encaixando-se em outras categorias apresentadas, ou em todas, reforçando o potencial desse programa.

Quadro 22: Atividades agrupadas por categorias

CATEGORIA	ATIVIDADE
Construção do conhecimento.	Semana de Artes, Ciências e Tecnologia (ACTA) Minicursos Pesquisas Individuais Introdução à pesquisa filosófica Encontros de Pesquisas Seminário de Pesquisa da Graduação em Filosofia da UFBA XVII Encontro Nacional de Pesquisa na Graduação em Filosofia Grupos de Leitura, Estudos e Pesquisa.
Soluções para os complexos desafios da sala de aula, com reflexos na educação e na sociedade.	Prolegômenos Filosofia na Escola Filosofia e Ensino Oficina de Lógica
Percepção dos hábitos e atitudes dos alunos inerentes à cibercultura ¹⁷ .	Ciclo de Cinema e Contemporaneidade Boletim Informativo do PET-Filosofia Mural e Site
Novas metodologias multirreferenciais - interação e colaboração.	Produto Interno Culto Teoria Brasil Biblioteca/ Arquivo Como se Faz Filosofia

¹⁷ A universalização da cibercultura propaga a co-presença e a interação de quaisquer pontos do espaço físico, social ou informacional. Neste sentido, ela é complementar a uma segunda tendência fundamental, a virtualização³ (LÉVY, 1999, p.47)

	ENAPET, ENEPET E EBAPET Módulo de Estudos e Aprofundamento
--	---

Fonte: Categorias criadas pela autora.

A Universidade contemporânea necessita, mais do que nunca, proporcionar a construção do conhecimento, propor soluções para os complexos desafios da sala de aula, com reflexos na educação e na sociedade, impulsionar a percepção dos hábitos e atitudes dos alunos inerentes à cibercultura, e desenvolver novas metodologias multidisciplinares de interação e colaboração.

Quanto ao conhecimento, este se constrói no contexto histórico de uma sociedade, assim, a pedagogia assumiu diversas formas e se mostrou capaz de adaptar-se às mudanças, de fixarem-se novos objetivos e criar novas estratégias. No entanto, na contemporaneidade, os educadores se veem diante de um grande e novo desafio, a velocidade ao acesso e à transformação do conhecimento, o que instiga o ato pedagógico a tornar-se dinâmico para acompanhar estes processos. A inter-relação entre conhecimentos, de forma rizomática, incita uma integração e busca por novos conhecimentos dos profissionais que atuam na educação. Outra vertente é a formação do ser humano, dentro da sociedade de redes, para preparar o indivíduo não somente para que ele possa ativar a capacidade de adquirir conhecimentos, mas para que contextualize estes com sua própria existencialidade.

A publicação da Lei n. 9.294/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB, em dezembro de 1996, propõe alterações tanto para as instituições formadoras como para os cursos de formação de professores. Em 2002, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores são promulgadas e, nos anos subsequentes, as Diretrizes Curriculares para cada curso de licenciatura passam a ser aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação. Após o período de ajustes parciais o que se verifica, nas licenciaturas dos professores especialistas, através das informações do MEC/INEP sobre dados socioeconômicos do Enade, é a prevalência da metodologia instrucionista de oferecimento de formação com foco na área disciplinar específica, com pequeno espaço para a formação pedagógica. Fortalece-se, portanto, a disciplina, estabelecendo o conhecimento isolado, dentro de uma racionalidade e justificando-se através da fragmentação dos saberes. Neste olhar a educação pratica a aprendizagem mecânica onde o professor é mero transmissor de conhecimento isolado e o aluno

passivamente o receptor sem interferir no processo. O Programa PET/Filosofia UFBA, em sua proposta, convida o tutor e o petiano a desenvolverem interativamente a aprendizagem significativa inseridos em um contexto de complexidade que reconhece as partes, sobretudo valoriza o todo e solicita que se junte as partes em um "tecido" único dando significado para o conhecimento. Desse modo aponta diferentes possibilidades para que o graduando seja capaz de criar e desenvolver propostas metodológicas atuais e coerentes com o contexto no qual atuará.

A articulação entre teoria e prática de ensino é essencial na fundamentação profissional do professor, assim como na formação do licenciado. O primeiro passo nessa jornada é a pesquisa em educação, pois a partir dela tem-se a possibilidade não só do acesso ao conhecimento, mas de sua construção e reconstrução. Oito atividades programadas pelo PET partem diretamente desse processo de pesquisa, quatro como apresentação de produções: Semana de Artes, Ciências e Tecnologia (ACTA); Encontros de Pesquisas; Seminário de Pesquisa da Graduação em Filosofia da UFBA e XVII Encontro Nacional de Pesquisa na Graduação em Filosofia; e quatro como produções diretas: Pesquisas Individuais; Introdução à pesquisa filosófica; Minicursos e os Grupos de Leitura, Estudos e Pesquisa. Esse corpo de atividades que constitui a categoria Construção do Conhecimento mostra-se em consonância com o que Chauí (2003) descreve enquanto formato da pesquisa dentro de uma reforma universitária, na qual trata:

da revalorização da pesquisa, estabelecendo não só as condições materiais de sua realização, mas sobretudo criando novos procedimentos de avaliação que sejam regidos pela noção de produtividade e sim de qualidade e de relevância social e cultural. Essa qualidade e essa relevância dependem do conhecimento, por parte dos pesquisadores, das mudanças filosóficas, científicas e tecnológicas e seus impactos sobre as pesquisas. Quanto à relevância social, cabe indagar se o Estado teria condições de fazer um levantamento das necessidades do País, no plano do conhecimento e das técnicas, e estimular trabalhos universitários nessa direção, assegurando, por meio de consulta às comunidades acadêmicas regionais, que haja diversificação dos campos de pesquisa segundo as capacidades regionais e as necessidades regionais. As parcerias com os movimentos sociais, nacionais e regionais, poderia ser de grande valia para que a sociedade oriente os caminhos da instituição universitária, ao mesmo tempo em que esta poderá oferecer os elementos reflexivos e críticos para esses movimentos. (CHAUÍ, 2003.p9)

Acredito que o professor-pesquisador, pois não há como em uma prática comprometida da educação separar um de outro, deve passar por esta formação como pesquisador, identificando as alternativas de pesquisa no contexto atual, desde a

quantitativa, pois “em termos quantitativos, as ciências sociais já dispõem de bagagem apreciável de pesquisa empírica e, por mais que existam vícios, limitações e também mistificações, é um produto de particular significado metodológico” (DEMO, 1995, p. 133), passando pela pesquisa-ação na prática docente, através da etnopesquisa implicada.

Mobilizar pesquisas a partir deste ethos, e desta ética, é ineliminável para uma etnopesquisa implicada. É nestes termos que a etnopesquisa produz sua singularidade na medida em que passa a implicar-se na compreensão transformadora a partir e com os sentidos das ações dos atores sociais concretos. Compreendê-las nas relações complexas que as constroem, incluindo as dos etnométodos do pesquisador, marca as opções ontológicas e político-epistemológicas dessa pesquisa de orientação antipositivista e de um intencionado viés político-cultural. (MACEDO, 2012, p. 14)

Essa diversidade de formas de pesquisa e de construção do conhecimento tem o potencial de preparar um futuro professor de Filosofia que em sua formação pesquise/reflita sobre a relação teoria prática, um grande problema já citado no primeiro capítulo, pois “na educação essa crise centra-se num conflito entre o saber escolar e a reflexão-na-ação dos professores e alunos”. (SCHÖN, 1997, p. 80).

O tripé ensino/pesquisa/extensão encontra-se bem alicerçado no planejamento de atividades do PET/Filosofia UFBA, as atividades que em seus objetivos apresentam-se ligadas diretamente à pesquisa correspondem a 38% do total programado para o ano de 2014. Em sua totalidade, o programa de atividades atende tanto ao pesquisador quanto graduando que vai se licenciar, desconstruindo a dicotomia ou forma professor, ou forma pesquisador. Ambos podem trazer a prática para a discussão teórica, e vice-versa, o que pode ser alicerçado nas atividades propostas dentro da segunda categoria.

Em educação não basta fazer, é preciso conhecer o que se faz. Professor, no sentido pleno, é aquele que reflete sobre a própria experiência e tem consciência dos limites da ação pedagógica. Um carpinteiro ou electricista, mesmo não sendo capaz de teorizar a prática, não prejudica seu desempenho profissional ao executar mecanicamente as tarefas que lhe são solicitadas. O professor, ao contrário, lida com pessoas, sempre numa relação entre sujeitos, necessita ter clareza sobre as possibilidades e fins do ato de ensinar (PAVIANI, 1988, p. 12).

O petiano é aqui não mais aquele graduando apenas receptor de informações que perdurou durante grande tempo da história da universidade. Agora ele está instrumentalizado para o seu tempo, para uma “nova epistemologia que integra a diversidade, a pluralidade, a multidimensionalidade, o instável, a ambivalência e o

caráter contraditório dos fenômenos de sociedade” (ZAOUAL, 2003, p.30). Assim, a primeira categoria de atividades do programa, classificadas enquanto Construção do Conhecimento possibilita de forma dinâmica, se assim desenvolvidas dentro de seus objetivos, provocarem o espírito investigativo, estimular e exortar os bolsistas à produção acadêmica, suprir as necessidades básicas de pesquisa e produção de texto, constituir e proporcionar um espaço para esta produção, favorecer um ambiente de reflexão e debate, proporcionar maior interação dos bolsistas, permanência nos grupos de estudos, para o aperfeiçoamento de suas pesquisas e a integração e apresentar e divulgar as atividades realizadas, assim como os trabalhos de pesquisa realizados pelos membros do programa sobre Filosofia e seu ensino e outras temáticas pertinentes às necessidades acadêmicas e sociais.

O conjunto de atividades propostas pelo PET/Filosofia UFBA apresenta quatro atividades diretamente focadas no processo de ensino aprendizagem: Prolegômenos, Filosofia na Escola, Filosofia e Ensino e Oficina de Lógica. Cada uma destas com um grande potencial de desenvolvimento de múltiplas metodologias e de ricas vivências para os participantes. Analisando cada uma separadamente, podemos identificar suas características e funções dentro do programa.

a. Prolegômenos: Consiste na apresentação do curso de Filosofia para aqueles que estão iniciando a sua graduação, com o objetivo de auxiliá-los na adaptação ao ambiente universitário. A etimologia da palavra prolegômenos é referente ao que vem antes. Aqui o graduando já passou por algum processo de escolha, quando optou pelo curso de Filosofia. Seja pela seleção do Enem, ou segunda graduação ou talvez como escolha de curso de progressão linear após concluir o bacharelado disciplinar. Agora é universitário, graduando do curso de Filosofia e tem um leque de escolhas ainda por fazer e uma vida universitária por conhecer. Essa atividade toca em um ponto significativo do processo educacional que é a identificação do indivíduo com o espaço no qual está inserido, a construção do pertencimento e da ligação com o outro que já interage naquele espaço. Ao contrário de um repertório acadêmico conceitual, o PET/Filosofia da UFBA propõem uma recepção, dentro do universo escolar, caracterizando uma formação mais humana, recepcionando o calouro para o universo da graduação em Filosofia, para que este torne-se efetivamente um membro, dentro da complexidade que está palavra traduz, pois,

Tornar-se membro, não é apenas tornar-se nativo da organização universitária, é, também ser capaz de mostrar aos outros que agora possuímos as competências, que possuímos os etnométodos de uma cultura [...] Reconhecer a competência de um membro é identificar aquilo que ele exibe do domínio que tem das rotinas, admitir nele uma naturalidade autêntica que lhe permite realizar certo número de coisas sem pensar nelas, obedecendo a alguns esquemas de pensamento ou de ação, o que Pierre Bourdieu chamou habitus... (COULON, 2008, p. 43).

Essa formação mais humana deve acontecer sem, contudo, desvinculá-la da erudição necessária, processo que compõem a complexa teia de conhecimentos da contemporaneidade. Morin (2002) reflete como se dá o processo de democratização social em tempos de globalização, analisando a sociedade em suas múltiplas estruturas, afinal um grande desafio para os educadores que se constitui enquanto emergência da contemporaneidade é criar oportunidades para que os saberes venham a contribuir de forma a ressignificar a vida coletiva e aqui destacamos a coletividade e a complexidade da vida universitária. Segundo o autor, à primeira vista, a complexidade é um tecido – *complexus* = o que é tecido em conjunto – com constituintes heterogêneos inseparavelmente associados, colocando o paradoxo do uno e do múltiplo. Trata-se do tecido de acontecimentos, ações, interações e acasos que constituem o universo fenomenal. Portanto, falar de uma educação para a complexidade envolve considerar em que condições o fenômeno da educação e da formação docente vincula-se, em interações e ações, ao exercício prático, que neste caso, assertivamente a atividade Prolegômenos propõe contemplar.

b. Filosofia na Escola

Esta atividade consiste na ministração de aulas pelos membros do PET-Filosofia que estejam cursando o 4º semestre em diante, que aplicarão conhecimentos pedagógicos e científicos adquiridos em outras atividades do programa, tem por objetivo contribuir tanto para a compreensão da Filosofia como componente fundamental na formação dos jovens e adultos do ensino médio, quanto na formação do estudante de Filosofia, inserido na dinâmica e realidade das escolas da rede pública.

Nesta atividade estão contemplados três importantes elementos: sociedade, educação e contemporaneidade. A partir do momento que nestas aulas ministradas contempla-se a aplicação de conhecimentos adquiridos em atividades diversas do

programa é possível identificar um processo de aprendizagem significativa, na qual, além do arcabouço histórico e conceitual da Filosofia, discussões sociais, políticas, éticas poderão constituir o plano destas aulas, apontando para uma das importantes características que o PET possui.

As principais políticas para a educação [...] devem ter como objetivo a promoção da autonomia e o exercício da cidadania, para que esta seja responsável e competente. Uma educação de qualidade como um direito é o instrumento básico para alcançar esses objetivos. A educação e o cuidado infantil devem ser propostos como meio de inclusão social, oferecendo condições que permitam a construção de uma cidadania emancipada. (ROSSETTI-FERREIRA; RAMON; SILVA apud MACÊDO, 2008, s/p).

A partir do momento que os petianos chegam às salas de aula do ensino médio, já estão assumindo a função de educadores e utilizando-se do conhecimento e experiência adquirida nas diversas atividades do PET, e em seu caminho formativo já possuem uma bagagem prática e teórica que lhes proporciona atuar em uma educação voltada para a complexidade com uma melhor preparação.

Uma educação voltada para a complexidade visa superar os procedimentos tradicionais de escolarização e de formação docente e criar situações proativas para a implementação de ações curriculares e educativas que possibilitem uma formação mais aberta, flexível e transdisciplinar, que culmine com uma educação mais humana e significativa.

A superação das visões fragmentárias, dualistas e separativas, características do modelo científico dominante, envolve todos os fenômenos da vida humana e, de modo especial, a educação e seus desdobramentos na formação do homem. Assim, buscar posições teórico-práticas sistêmicas para uma melhor compreensão dos fenômenos em suas múltiplas naturezas e, de modo especial, dos fenômenos socioculturais, nos quais se inserem a educação e a formação docente, propõem que se estabeleçam fundamentos para uma educação voltada para a complexidade, envolvendo nela propostas de formação e ação docentes mais esclarecedoras e adequadas.

As exigências e decorrências destas na educação do homem são explicitadas quando Morin (2002) trata dos sete saberes para a educação do futuro, focando em

posturas socioculturais e interacionistas, transformando as instituições de ensino em organizações de constante aprendizagem.

Os sete saberes indispensáveis enunciados por pelo autor tratam das cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão: conhecimento como primazia, deve preparar o indivíduo para enfrentar os riscos e as ilusões da vida diária com sabedoria e discernimento. É necessário que a educação desenvolva as características cerebrais, mentais e culturais para não induzirem ao erro ou ilusão; os princípios do conhecimento pertinente: educadores devem mostrar aos seus alunos realidades locais, mas promover também o conhecimento dos problemas globais, conteúdos fragmentados impede o entendimento e o conhecimento global, contextualizando acontecimentos do mundo que é muito complexo; ensinar a condição humana: o ser humano é uma unidade complexa, é um ser que ao mesmo tempo é físico, biológico, psíquico, cultural, social, e histórico, as disciplinas escolares devem integrar os conteúdos promovendo o desenvolvimento do humano na sua totalidade, sendo a condição humana o objeto essencial de todo o ensino; ensinar a identidade terrena: o conhecimento do desenvolvimento do planeta é fundamental, mostrar aos educandos, que o acontecimento da localidade interfere na totalidade, que tudo está interligado, a parte no todo e o todo nas partes, e que uma crise planetária muda o destino de cada um; enfrentar as incertezas: tem-se muita incerteza, limitações cada dia depara-se com algo novo, imprevisto, como agir perante tais acontecimentos, como devemos encarar tais inseguranças. A escola deve preparar para que ele seja capaz de enfrentar os desafios inesperados, fortalecendo as suas estruturas mentais para que o indivíduo possa resolver seu problema baseado em situações anteriores; ensinar a compreensão; a comunicação não garante a compreensão, um dos obstáculos da educação é a compreensão, muitas vezes o mal entendido gera conflitos, a diferença de cultura, a falta de respeito à liberdade, o egocentrismo e a vingança, são fatores que devem ser observados para compreender o outro e o eu. A compreensão favorece o bem pensar e a introspecção, é recomendável fazer o autoexame diante das situações de conflito; a ética do gênero humano: ética deve conduzir o humano a um caráter sociável, e humanizado, pois este é ao mesmo tempo: indivíduo, sociedade e espécie, e carrega-se em si esta tripla realidade, tudo o que se faz reflete em nós mesmos, para que tudo fique bem para todos é necessário ter consciência dos atos praticados, desenvolvendo o ser humano em suas individualidades e coletivamente de forma consciente humanista.

É nessa característica de potencialidades que o programa PET possui que pode emergir ações, atitudes, posturas e construções que saiam das amarras do currículo do curso de Filosofia, que ainda continua engessado, como discutido em capítulos anteriores. Nesta proposta de atuação em sala de aula que emerge de construções de conhecimentos nas atividades das quais se faz parte e na interação social, temos a realização do que Macedo (2012) chama de etnométodos não instituídos.

O currículo no contemporâneo vive (in) tensamente um começo instituinte que aponta para vislumbres desconstrucionistas, narrativos, propositivos, coalizionais, com ampliados processos acionalistas- -semantizantes. Nas experiências cotidianas miúdas, nas brechas, nas frestas e fissuras, nas reexistências afirmativas, nas transgressões, nas rasuras, nas rebeldias e traições cotidianas, nas opacidades, na clandestinidade, nas diversas micro-ousadias, nas epifanias que irrompem, acontecem ações instituintes. Plurais e muitas vezes não-normatizadas, podemos falar mais uma vez de experiências curriculares outras, bricolagens outras. Fachos de luz a caminhar e a iluminar situações curriculares, fundando uma heterogeneidade que queremos cada vez mais ampliada, cada vez mais irredutível, cada vez mais socialmente referenciada e que pode nascer de com-versações socialmente engendradas. Nesse miúde, muitas vezes em opacidade, visibilizam-se e empoderam-se no contemporâneo atos de currículo como intensas heterogêneses formativas, antes recalçadas e naturalizadas como epifenômenos educacionais. Emergem etnométodos não instituídos que se autorizam a “dizer” da formação, institui-la mesmo. (MACEDO, 2012, P. 14)

A partir da perspectiva da multirreferencialidade e da complexidade, o autor acredita que vislumbramos a possibilidade de superar uma prática no campo da educação cuja tendência é a de legitimar a razão instrumental, implementando uma proposta que se pauta no desenvolvimento de uma práxis reflexiva, superando a lógica implementada por uma racionalidade exclusivamente técnica. Assim também está incutida a potencialidade dessa ressignificação e extrapolação que as atividades da segunda categoria, particularmente a Filosofia na escola, podem levar para a sala de aula.

c. Filosofia e Ensino

Embora em um primeiro momento esta atividade possa parecer com a discutida anteriormente, sua proposta e objetivo apresentam diferenças significativas. Voltada para a prática pedagógica e o ensino de Filosofia no Brasil, esta atividade abarca especificamente os eixos pesquisa e ensino. O objetivo é preparar os graduandos em Filosofia para a docência, buscando o aperfeiçoamento da formação

dos estudantes do ensino superior. Enquanto a atividade Filosofia na Escola priorizava a interação e disseminação, com os alunos do Ensino Médio, dos conhecimentos construídos pelos petianos nas atividades do programa, a Filosofia e Ensino já partem para o campo sistemático conceitual, do conhecer o que é este ato de ensinar Filosofia.

Nos capítulos anteriores discutimos as dificuldades enfrentadas neste campo, devido ao fato do estudo sobre o ensino de Filosofia não ser uma atividade prioritária dos institutos de Filosofia, sendo o desenvolvimento dos componentes curriculares voltados para licenciatura fica, em geral, sobre responsabilidade dos institutos de Educação. A formação do licenciado em Filosofia na UFBA passa por estas duas problemáticas. Durante o período da realização desta pesquisa ainda não havia nenhum grupo de pesquisa vinculado ao Instituto que tivesse esse objetivo. Assim, o PET se torna pioneiro, dentre as atividades realizadas dentro da Faculdade de Filosofia – e não na de Educação – a pesquisar sobre Ensino de Filosofia.

A Constituição de 1988 estabelece, em seu art. 207, que "As universidades gozam de autonomia didática científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão", sendo reforçada pela Lei n. 9.394/1996, que ao tratar da Educação Superior, dentre suas finalidades, destaca que é função desta incentivar o trabalho de pesquisa e da criação e difusão da cultura. Sendo assim, o primeiro ponto de relevância desta atividade do PET/Filosofia UFBA é o seu caminhar em consonância com a carta magna e com a principal diretriz sobre o ensino superior.

O segundo ponto relevante, é que ela se configura como um contraponto de um problema já apresentado neste trabalho, a falta de campo de pesquisa sobre ensino de Filosofia pelos programas de Filosofia.

os cursos de pós-graduação em Filosofia das universidades brasileiras não têm acolhido linhas de pesquisa que tenham como objeto de investigação as temáticas do ensino e da aprendizagem filosófica, tendo priorizado, em vez disso, as investigações circunscritas à especificidade do campo da Filosofia. (TOMAZETTI, 2012, p.87)

O curso de Filosofia tem um histórico de estar mais (pre)ocupado com a formação de pesquisadores ao invés de pesquisadores/ professores de Filosofia, assim, o PET acaba por se constituir o espaço formativo, dentro do instituto de Filosofia, dos

futuros professores de Filosofia, proporcionando uma diversidade de experiências que não aparecem em nenhum momento no currículo da graduação, exceto em algumas ementas de componentes ministrados no instituto de educação. Agora, é possível aos petianos junto ao professor tutor, explorar as questões que envolvem o ensino de Filosofia, explorar a literatura sobre o tema, e lidar com o ensino e a aprendizagem construindo e reconstruindo conhecimentos que podem ser aplicados à prática no desenvolvimento de outras atividades do próprio programa, constituindo sentidos e significados sobre sua prática. “Cabe lembrar que a pesquisa em educação é quase sempre uma pesquisa-ação no sentido em que, ao mesmo tempo em que se investigam os sujeitos envolvidos, pesquisados e pesquisadores, confrontam-se na reflexão sobre sua ação pedagógica” (CERNY; LAPA, 2013, p. 42)

Pesquisar sobre o ensino de Filosofia, seja esta bibliográfica ou empírica, é pesquisar sobre um acontecimento que envolve sujeitos, espaços, currículo, metodologias, avaliação, ou seja, toda a estrutura que envolve um ato educativo formal, e indo além, também as estruturas ocultas, os preconceitos, atitudes limitadoras, estrutura ineficiente, tudo que venha a barrar ou limitar a construção do conhecimento.

O terceiro fator de destaque sobre as potencialidades da atividade Filosofia e Ensino, é a possibilidade de analisar as práticas tradicionais e as práticas inovadoras, pois acredito que nesta relação está ou o equilíbrio ou o ponto de transição para um novo ensinar de Filosofia, constituindo-se um problema desafiador, principalmente porque “o trabalho realizado na disciplina de filosofia deve promover a formação de cidadãos capazes de pensar criticamente e, portanto, utilizarem-se da filosofia como uma ferramenta de emancipação.” (LOSTADA, 2012, p. 26). Sendo assim, a pesquisa sobre o ensino favorece a formação crítica dos petianos que atuam nas escolas e/ou se tornarão futuros licenciados em Filosofia.

d. Oficina de Lógica

Esta é uma atividade de monitoria para proporcionar uma melhor formação lógica, uma das disciplinas onde há mais dificuldades de aprendizado, incentivando e iniciando os graduandos bolsistas do PET à docência, além de buscar diminuir as dificuldades no estudo e conseqüentemente melhorar os resultados na disciplina.

O itinerário formativo através de uma atividade de monitoria agrega conhecimento tanto ao monitor quanto àqueles que têm o seu acompanhamento. De maneira informal é possível reunir um conjunto de conhecimentos, que podem ou não estar estruturados pedagogicamente, mas que propõe aos monitores a criação de soluções criativas para as atividades de ensino aprendizagem, por meio de um processo que envolve co-criação, mediante troca de ideias para chegar a um objetivo comum, que neste caso aplica-se às dificuldades na aprendizagem do componente lógica. Através de uma atividade como esta é possível aos petianos se instrumentalizarem com habilidades que lhes permitam assumir papéis atuantes na construção de estratégias para a solução de um dos problemas mais emergentes na sala de aula.

Verifica-se que as atividades de monitoria dizem respeito a uma ação extra-classe que busca resgatar as dificuldades ocorridas em sala de aula e propor medidas capazes de amenizá-las. [...], o trabalho de monitoria sob esse enfoque pode ser compreendido como uma atividade de apoio discente ao processo de ensino aprendizagem. Porém partindo de uma perspectiva de trabalho em equipe, [...] através de uma atividade realizada concomitantemente com o trabalho do professor em sala de aula requerendo assim, uma participação mais ativa e colaborativa dos participantes no processo de ensino aprendizagem. Esse trabalho objetivou apresentar em forma de relato os resultados positivos alcançados pelo monitor para a sua formação acadêmica. (LINS, 2009, p. 01)

A relação entre o monitor e o aluno é dialógica e os dois aprendem no processo de ensino-aprendizagem, através de uma relação na qual se fazem sujeitos do seu processo. Se tomada sob a ótica do monitor/petiano e optante pela licenciatura, haverá o acréscimo da experiência pedagógica, “a monitoria acadêmica propicia o aperfeiçoamento do processo profissional, criando condições para o aprofundamento teórico e o desenvolvimento de habilidades relacionadas à atividade docente.” (HAAG, 2008, p. 217). A monitoria acontece enquanto um ato de mediação e neste processo todos os envolvidos estão em processo de formação.

A mediação da formação implica muito mais em acompanhamento dialógico, em orientação e reorientação dialética, em escuta e em narrativas compartilhadas do que em simples procedimentos exterodeterminantes, sem que imaginemos, com isso, que a formação configura-se apenas por um não-diretismo inconsequente. Nestes termos, a formação não se explica, se compreende, porquanto emerge como experiência única de um Ser em aprendizagem. O que se explica são as condições para que a formação possa emergir na experiência do Ser que aprende, são os modelos propositivos e explicativos a nossa disposição, são seus dispositivos. (MACEDO, 2011, p. 64 - 65)

A diversidade de vivências que envolvem a monitoria talvez seja o que há de mais agregador nessa experiência pedagógica, pois ao monitor, será possível acompanhar: o desenvolvimento da ementa do componente curricular Lógica de acordo ao Projeto Político Pedagógico do Curso; as atividades online (se houver uso de Ambientes Virtuais de Aprendizagem – AVA/MOODLE) e presenciais; a frequência dos estudantes, a atuação discente; o acesso às instalações físicas, laboratórios e equipamentos utilizados na aula; acesso ao conteúdo através de materiais didáticos, mídias impressas e digitais; auxiliar o professor regente na ministração de aulas; realizar a revisão de sua própria abordagem de explicação dos conteúdos; desenvolver atividades de docência; propor atividades; sugerir e especificar material complementar ou links para pesquisa; chamar a atenção nas partes de maior relevância para o aprendizado; propor atividade interativa, como Fórum ou Chat (Whatsapp), em cada aula ou módulo do curso ou de acordo com o projeto pedagógico. Nessa atividade de forma pulsante está a importância da relação entre sujeitos, pois é a partir dela que se constituirá todo o processo de ensino-aprendizagem.

Conhecer, na dimensão humana, (...) não é o ato através do qual um sujeito, transformado em objeto, recebe, dócil e passivamente, os conteúdos que outro lhe dá ou impõe. (...) O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o 'como' de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato. (...) Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito, e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer. (FREIRE, 2002 p. 27).

Também é possível ao monitor apoiar os estudantes no estudo dos conteúdos específicos, esclarecendo suas dúvidas, indicando técnicas alternativas de aprendizagem, recomendando leituras, pesquisas e outras atividades; mediar a comunicação de conteúdos entre o professor e o cursista; auxiliar os estudantes no estudo dos conteúdos do curso, promovendo discussões e debates e, principalmente identificar as dificuldades dos estudantes, ajudando-os a saná-las e estimulando-os a desenvolver análise crítica dos problemas, sempre incentivando e motivando o trabalho colaborativo.

Na categoria *Percepção dos hábitos e atitudes dos alunos inerentes à cibercultura* foram agrupadas três atividades do programa: Ciclo de Cinema e Contemporaneidade; Boletim Informativo do PET-Filosofia e Mural e Site, que

objetivam sequencialmente, gerar discussão de temas contemporâneos com a exibição de um filme, propiciando uma alternativa para formação de cidadãos mais ativos e conscientes de forma a estabelecer uma relação entre filosofia e cinema, de uma forma ampla e acessível, estimulando a capacidade reflexiva, realizar a divulgação das atividades do PET-Filosofia UFBA e do curso de Filosofia e dispor de ferramentas que possibilitam a divulgação de eventos e atividades ligadas ao programa, de forma a possibilitar uma maior propagação de informações acerca dos trabalhos realizados pelo grupo e pela Faculdade para a comunidade acadêmica, servindo como fonte de pesquisa de trabalhos monográficos.

Estas três atividades a priori envolvem tecnologias educacionais visando além de diversificar o ensino-aprendizagem com estratégias de extensão, também estimular o uso de ambiente Web para pesquisa e informação com o uso da internet, “é nessa lógica, de comunicação plural, potencializada pelas novas tecnologias digitais em rede, que diferentes formas de organização do pensamento se estabelecem, definindo posturas e interações próprias de uma realidade outra, propiciada pela reconfiguração dos espaços.” (SANTOS; WEBER, 2013, p. 43-44)

O uso das ferramentas comunicativas disponíveis na internet – como sites, blogs e o correio eletrônico–, garantem maior acesso a informação. No blog do PET/Filosofia UFBA é possível ter acesso a informações sobre o programa, a links que direcionam ao site da UFBA, da Faculdade de Filosofia e ao PET no MEC, o blog ainda é alimentado com as produções do programa, editais e ainda permite acompanhar toda a atualização do site via e-mail a partir de um cadastro. Outro link importante é o que direciona à página do grupo no Facebook onde são postadas as atividades programadas e registros fotográficos da realização destas, além de ser uma ferramenta de comunicação direta entre petianos e demais pessoas interessadas nas atividades do programa, salienta-se que “a Internet é um recurso dinâmico e atraente, de fácil acesso e possibilita a obtenção de um número ilimitado de informações. Há, porém a necessidade de o professor orientar os alunos, a direcionar o uso desse recurso (...).”(MASSETO, 2000, p. 11), ideia que é complementada pelo pensamento de Amaral (2003), o qual afirma que “a internet, além de apresentar um maior e mais efetivo acesso às informações, pode interferir na forma como essas informações serão utilizadas na aprendizagem de conteúdos significativos” (AMARAL, 2003, p.108).

A utilização do cinema nas aulas de Filosofia possibilita além das discussões conceituais articuladas ao conteúdo filosófico, a transversalidade que a obra escolhida agregue em sua narrativa, disponibilizando um leque infinito de discussões outras, sendo um elemento muito importante no processo de ensino-aprendizagem dentro de uma visão transdisciplinar. A familiarização com a linguagem cinematográfica, seus elementos e potencialidades passa a ser tratado de forma pedagógica dentro da atividade específica a que se propõem. O campo de possibilidades do trabalho com a imagem cinematográfica permite uma ramificação multidisciplinar por diversas áreas, assuntos e tempos, pois “o passado e o presente não designam dois momentos sucessivos, mas dois elementos que coexistem: um, que é o presente e que não para de passar; o outro, que é o passado e que não para de ser, mas pelo qual todos os presentes passam” (DELEUZE 1999, p.45).

Esse diálogo com os elementos que caracterizam a contemporaneidade colocam mais uma vez o PET/Filosofia UFBA à frente da proposta curricular formal da graduação em Filosofia, rompendo com o engessamento de um conteúdo catedrático e o colocando em um ambiente de redes de conexões.

Figura 4: Atividades do Ciclo de Cinema e Contemporaneidade



Fonte: Página do PET/Filosofia UFBA no Facebook¹⁸

A quarta e última categoria, *Novas metodologias multirreferenciais - interação e colaboração*, envolve seis atividades, como já descrito anteriormente, cada uma destas atividades ode transitar por mais de uma categoria, no entanto sua classificação para os fins desta pesquisa foi feita de acordo aos critérios mais pertinentes no momento da

¹⁸ Disponível em: < <https://web.facebook.com/petsofiaffch/?fref=ts>>

análise. No caso destas atividades, em seus objetivos a interação e a colaboração, seja de pessoas ou áreas do conhecimento, encontram-se explícitas e seus objetivos estabelecem uma relação progressiva.

O Produto Interno Culto promove uma familiarização dos graduandos com a produção intelectual dos professores da Faculdade de Filosofia da UFBA para promover uma discussão direta entre docente e discente.

A Teoria Brasil se constitui enquanto um projeto de pesquisa, ensino e extensão universitária para por em evidência obras e autores que formularam interpretações originais no Brasil e sobre o Brasil, pretendendo estimular os discentes e o público em geral a conhecerem as produções intelectuais, juntamente com seus respectivos autores.

Os Módulos de Estudos e Aprofundamento envolvem alguma temática filosófica previamente escolhida para proporcionar aos membros do PET-Filosofia e demais interessados uma maior completude na formação acadêmica, fomentar a autonomia da pesquisa e o desenvolvimento da capacidade de trabalho em grupo.

O Como se Faz Filosofia são palestras ministradas por pesquisadores em Filosofia para suprir lacunas do currículo com temas, autores e problemas típicos da Filosofia.

Os encontros ENAPET, ENEPET E EBAPET tem por objetivo fortalecer o programa pela criação ou manutenção de um espaço de debates e discussões no nível local, regional e nacional, possibilitando trocas de experiências e conhecimentos.

A Biblioteca/ Arquivo constitui um espaço físico dos livros e arquivos, será composto por todos os documentos gerados pelo grupo que possam descrever de maneira precisa a trajetória das ações do PET e seu intuito é salvaguardar a memória do grupo PET Filosofia e contribuir para a pesquisa de estudantes que queiram utilizar o acervo.

Uma importante potencialidade deste grupo de atividades do PET/Filosofia Ufba é possibilitar uma abordagem multirreferencial, segundo Martins (2004), esta pode ser considerada como uma resposta às críticas que são dirigidas aos modelos científicos estruturados a partir do racionalismo cartesiano e do positivismo comteano. Buscar nas ciências naturais os meios para garantir a legitimidade científica fez com

que as ciências humanas assumissem os pressupostos das ciências naturais, incorporando uma perspectiva epistemológica e, em consequência, uma perspectiva metodológica que não lhe é própria, o que não nos possibilita explicitar os fenômenos humanos em sua profundidade – em sua complexidade.

A noção de multirreferencialidade, segundo o autor, está estreitamente relacionada com a noção de complexidade. A necessidade do pensamento complexo se impõe quando o pensamento simplificador encontra seus limites e suas insuficiências. Cabe ressaltar que o paradigma da complexidade não produz nem determina a inteligibilidade, mas pode incitar a estratégia/inteligência do sujeito pesquisador a considerar a complexidade da questão estudada, ou seja, a complexidade não está no objeto, mas no olhar de que o pesquisador se utiliza para estudá-lo e na maneira como ele aborda os fenômenos.

A educação é entendida, no âmbito da abordagem multirreferencial, como uma função global, que atravessa o conjunto dos campos das ciências do homem e da sociedade. À medida que os fenômenos educativos são apreendidos enquanto complexidade torna-se necessário uma abordagem que atente para essas várias perspectivas, reconhecendo suas recorrências e contradições, de tal forma que elas não se reduzam umas às outras.

6 CONSIDERAÇÕES

A questão que impulsionou o desenvolvimento de toda essa investigação foi sobre como deve ser o ensino de Filosofia para atender a complexidade da sociedade contemporânea. A partir do movimento de reflexão impulsionado por ela, eis que a mim foi apresentado o Programa de Educação Tutorial – PET como uma possível resposta para essa questão tanto acadêmica, quanto pessoal. Desse modo, investigar a legislação que regulamenta o programa e as atividades planejadas para serem desenvolvidas pelo PET/Filosofia UFBA foi como fazer a leitura de um livro de aventura, no qual você se reconhece com os personagens e torce para que dentro das possibilidades que lhe são apresentadas eles consigam de fato alcançar os objetivos.

Ao longo da investigação foi possível mapear e fazer um contraponto entre os problemas que o ensino de Filosofia enfrenta nessa sociedade globalizada e tecnológica, e as potencialidades das atividades planejadas pelo programa PET.

É extremamente preocupante como o ensino de Filosofia ainda é um objeto pouco investigado e explorado nas Faculdades de Filosofia. Podemos verificar esta situação em dois momentos dessa pesquisa: primeiro na análise dos grupos de pesquisa sobre o ensino de Filosofia e depois na coleta de dados sobre os grupos PET existentes exclusivos da área de Filosofia.

Diante dessa escassez de pesquisa sobre esse tema é até contraditório criar expectativas quanto aos Projetos Políticos Pedagógico e o currículo de Filosofia na graduação. Analisando os componentes curriculares da Faculdade de Filosofia da UFBA desde sua criação até o que é disponibilizado hoje, foi possível identificar poucos avanços e no que se refere a formação do licenciado, que está sendo teoricamente preparado para ensinar Filosofia, a questão torna-se ainda mais preocupante.

Todo o trabalho de pesquisa bibliográfica e coleta de dados teóricos sobre o PET levam a uma crença que ele é o início de uma importante mudança nos cursos de Filosofia. A partir da sua proposta estruturante que parte de uma política pública federal, perpassando pelo destrinchar das atividades do PET/ Filosofia UFBA, é possível identificar sem dificuldade os momentos em que a pesquisa, o ensino e a extensão aparecem e até mesmo de intercalam rizomaticamente.

Como ao propor essa exploração de conhecimentos identifiquei a pouca bibliografia sobre o assunto, optei por não ir a campo, procedimento que será de grande relevância para futuras pesquisas.

Esta pesquisa aponta cada uma das potencialidades do PET, mas há também muitas dificuldades que o programa pode enfrentar em sua execução e estes podem ser identificados a partir de três pontos: a efetivação enquanto política pública federal, a estrutura organizacional dentro da Universidade e seu acontecimento por parte do grupo de tutoria.

A efetividade de uma política pública depende, em primeira instância, que o seu funcionamento seja de acordo as regras das leis e decretos que a instituíram, tanto no que tange o operacional quanto aos recursos financeiros necessários ao seu funcionamento. Sempre que recursos financeiros estão em pauta no funcionamento do PET, estaremos falando de orçamento público. A destinação dos valores que são utilizados na execução do programa destinação a aquisição de material e pagamento de bolsas, sendo vedado realizar qualquer despesa sem previsão orçamentária, dentro dos objetivos do programa.

Uma das reivindicações apresentadas no XIX ENAPET – Santa Maria/RS – 2014 (CENAPET, 2015), foi a valorização do Programa nas IESs no mesmo nível de PIBIC e PIBID, através da recomendação que Reitores e Pró-Reitores incluam os problemas do PET nas pautas junto ao MEC. Há também questões quanto à tutoria, no mesmo encontro foi recomendado às IESs que aperfeiçoem a escolha e o acompanhamento da atuação do interlocutor para garantir estabilidade e que o mesmo tenha um perfil compatível ao exigido pelo cargo.

No II ECOPET, realizado em Brasília/DF no ano de 2015 algumas das problemáticas discutidas foram as seguintes: casos em que o bolsista tenha um desempenho de qualidade, tanto acadêmico quanto no PET, mas é reprovado em alguma disciplina, ele acaba sendo desligado, independentemente de ter mérito para continuar no programa.

Também surgem enquanto entraves as questões relacionais, nesse mesmo encontro foi discutida a necessidade de integração entre tutor e bolsistas, para que as

discussões e tomadas de decisões sejam conjuntas, evitando que o tutor desempenhe o papel de chefe dos bolsistas ao invés de mediador no Programa.

No XIV ENPET realizado aqui em Salvador no ano de 2015, intitulado Identidade Petiana: Protagonismos Rumos e Novos Desafios foram apontados os seguintes obstáculos enfrentados pelos grupos PET do Nordeste: falta de reconhecimento do programa (interna e externamente); falta de infraestrutura e transporte; atraso e forma de aplicação de recurso de custeio; falta de valorização da atividade de extensão no meio acadêmico e nas agências de fomento; falta de proatividade dos próprios PETs diante de novos desafios e dificuldade de estabelecer metodologias avaliativas de atividades de extensão. Em contrapartida, o próprio grupo apresentou algumas propostas de soluções como: intensificar as formas de divulgação (por meios impressos, digitais etc.) das atividades dos grupos PET dentro das instituições e na sociedade; o fortalecimento do movimento PET nas áreas de conhecimento e nos âmbitos institucional, estadual, regional e nacional; mobilização política dos grupos para a superação dos problemas institucionais e referentes ao MEC/SESu como uma forma de melhoria do reconhecimento do programa e articulação contínua com as instâncias vinculadas (pró-reitorias, unidades acadêmicas, colegiados de cursos) com os grupos PETs, de modo que estes tenham um acompanhamento das atividades dos grupos.

Ao se falar de grupo PET é preciso ter a noção do impacto de suas atividades no âmbito local e global. As dificuldades que o programa enfrenta são grandes, mas a força para articulação para discussões e construção de propostas para serem negociadas com o MEC também são grandes. Neste cenário o CENAPET tem se mostrado um importante veículo de articulação dos grupos, que já passam por encontros locais, estaduais e regionais, tendo a possibilidade de levar suas demandas, auto-avaliar os procedimentos internos e se mobilizar para cobrar soluções quando estas couberem ao MEC.

O PET na área de Filosofia é ainda aquele pequeno beija-flor da fábula do incêndio na floresta, que embora individualmente possa fazer pouco, o impacto de sua ação é que torna efetivo o seu propósito. Principalmente por ter sua estrutura caracterizada por uma rede de atividades que se conectam e atendem ao tripé ensino, pesquisa e extensão dentro da formação universitária.

Acredito que uma proposta importante que possa ser apresentada após a realização dessa pesquisa, seria que dentro dos grupos PET's de Filosofia, já que por enquanto ainda são poucos, pudesse ser iniciado um projeto conjunto, estruturado enquanto uma atividade, de uma análise dos componentes curriculares pertinentes a licenciatura em Filosofia nas universidades onde os grupos estão inseridos e de que forma as atividades do PET poderiam interagir com estes componentes, em um processo multidisciplinar e multirreferencial.

Durante este período que pesquisei o Programa de Educação Tutorial PET/Filosofia UFBA percebi que em sua proposta, ele consegue ultrapassar o objetivo de desenvolver um ensino universitários sustentado no ensino, pesquisa e extensão. Este programa, ao longo de sua estruturação e reestruturações, configurou-se como uma gigantesca rede de relações, que talvez nem seus integrantes, nem o próprio MEC, tenha noção do potencial de ação, reação e transformação que estes grupos podem fazer na estrutura curricular tradicional das universidades, especialmente nas faculdades de Filosofia. Os grupos atingiram o status de dilatar a sua ágora no espaço estadual, regional e federal. Os debates nos encontros, a partir do que pode ser observado na leitura das atas disponibilizadas no blog da CENAPET, deixam explícitos a convergência de objetos comuns dos grupos, de uma efetivação, manutenção e propagação de seus trabalhos e, principalmente de valorização.

O PET não é a tábua de salvação do currículo engessado na História da Filosofia e em correntes filosóficas, mas é um diálogo importante com um dos pilares do ensino de Filosofia: a formação cidadã, com criticidade, compreensão do seu tempo e de quem é você no seu tempo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. **Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem**. 2003.

ALMEIDA FILHO, Naomar de; COUTINHO, Denise. **Nova arquitetura curricular na universidade Brasileira**. *Cienc. Cult.* [online]. 2011. Acesso em 12 set. 2014.

AMARAL, S. F. **As novas tecnologias e as mudanças nos padrões de percepção da realidade**. In: SILVA, E. T. (Coord.). *A leitura nos oceanos da Internet*. São Paulo: Cortez, 2003.

BARRETO, Raquel Goulart et al. **As tecnologias da informação e da comunicação na formação de professores**. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 31, p. 31-42, 2006.

BERALDO, Fátima Regina Cerqueira Leite; SOARES, Sandra Regina. Artigo científico: **Mediação didática a formação do futuro professor da escola básica**. **36ª Reunião da Anped**. Disponível em: <<http://goo.gl/LpxI8g>>. Acesso em: 13 jun. 2014.

BOFF, Leonardo. **Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito**. In: **Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito**. Vozes, 2009.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL/MEC. **CONAE 2014** – Documento Referência. Disponível em: <http://conae.mec.gov.br/>. Acesso em: 01 mar. 2015.

BRASIL. **Lei nº 11.180, de 23 de setembro de 2005 - Institui o Programa de Educação Tutorial – PET**. Brasília, DF, 23 set. 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php>. Acesso em: 11 agos. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior (SESu). **Legislação-PET**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pet/legislacao.>> Acesso em: 10 set. 2015.

BRASIL. **Portaria nº 343, de 24 de abril de 2013 - Altera dispositivos da Portaria MEC nº 976, de 27 de julho de 2010, que dispõe sobre o Programa de Educação Tutorial – PET.** Brasília, DF, 24 abr. 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php>. Acesso em: 19 out. 2015.

BRASIL. **Ata da 29ª reunião extraordinária da Comissão de Educação, Cultura e Esporte, da 2ª sessão legislativa ordinária da 55ª legislatura.** Brasília, DF: Senado Federal, 2016.

CAMARA, Ana Maria Chagas Sette; GROSSEMAN, Suely; PINHO, Diana Lucia Moura. **Educação interprofissional no Programa PET-Saúde: a percepção de tutores.** Interface (Botucatu) [online]. 2015, vol.19, suppl.1, pp.817-829. ISSN 1414-3283. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622014.0940>. Acesso em: 15 jan. 2016.

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Ministério da Educação. **Relação de Cursos Recomendados e Reconhecidos**[online]. 2014. <http://conteudoweb.capes.gov.br/conteudoweb/ProjetoRelacaoCursosServlet?acao=pesquisarles&codigoArea=70100004&descricaoArea=&descricaoAreaConhecimento=FILOSOFIA&descricaoAreaAvaliacao=FILOSOFIA%20FTEOLOGIA%3ASUBCOMISS%30+FILOSOFIA>. Acesso em: 13agos. 2015.

CENAPET – Comissão Executiva Nacional do PET. **Listagem de todos os grupos PET existentes em 2015.** Disponível em: <https://cenapet.files.wordpress.com/2015/03/grupos-pet-2015-cenapet.pdf>. Acesso em: 30 set. 2016.

COLL, Cesar et al. **O constructivismo na sala de aula.** São Paulo: Ática, 2004a. _____. **Desarrollo psicológico y educación.** 2. ed. Madrid: Alianza, 1990.

CONSELHO ACADÊMICO DE ENSINO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Estabelece critérios para ingresso de estudantes graduados em Bacharelado Interdisciplinar da UFBA nos Cursos de Progressão Linear desta Universidade.** Resolução nº 06/2011, de 30 de novembro de 2011. Em: http://www.vestibular.ufba.br/docs/Resolucao06_2011.pdf. Acesso em: 10 jun. 2015.

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Ministério da Educação. **Relação de Cursos Recomendados e Reconhecidos**[online]. 2014. <http://conteudoweb.capes.gov.br/conteudoweb/ProjetoRelacaoCursosServlet?acao=pesquisarles&codigoArea=70100004&descricaoArea=&descricaoAreaConhecimento=FILO>

SOFIA&descricaoAreaAvaliacao=FILOSOFIA%2FTEOLOGIA%3ASUBCOMISS%C3O+FILOSOFIA. Acesso em: 30 set. 2015.

CHAUI, Marilena. **A universidade pública sob nova perspectiva.** *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2003, n.24, pp.5-15. ISSN 1413-2478. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782003000300002>. Acesso em: 12 jan. 2016.

COULON, Alain. **A condição de estudante: a entrada na vida universitária.** Tradução: Georgina Gonçalves dos Santos; Sonia Maria Rocha Sampaio. Edufba. Salvador, 2008.

DELEUZE, G. **A imagem-Movimento.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

DEMO, P. **Metodologia Científica em Ciências Sociais.** São Paulo: Atlas, 1995.

DIAS, Rosa. **Nietzsche, vida como obra de arte.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

DOMINGUES, Ivan. **Painel: Filosofia no Brasil - perspectivas no ensino, na pesquisa e na vida pública.** *Kriterion* [online]. 2014, vol.55, n.129, pp. 389-395. ISSN 0100-512X. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-512X2014000100023>. Acesso em: 20 jan. 2015.

E-Mec - Ministério de Educação e Cultura. **Instituições de Educação Superior e Cursos Cadastrados.** [online]. 2014. <http://emec.mec.gov.br>. Acesso em: 11 out. 2015.

FAVERO, Altair Alberto et al. **O ensino da filosofia no Brasil: um mapa das condições atuais.** *Cad. CEDES* [online]. 2004, vol.24, n.64, pp. 257-284. ISSN 0101-3262. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622004000300002>. Acesso em: 30 set. 2014.

FRANCISCHETTI, Ieda et al. **Role-playing: estratégia inovadora na capacitação docente para o processo tutorial.** *Interface (Botucatu)*, Dez 2011, vol.15, no.39, p.1207-1218.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GALEFFI, Dante Augusto. **O ser-sendo da filosofia – Uma compreensão poemático-pedagógica para o fazer-aprender filosofia.** Salvador: EDUFBA, 2001.

GALLO, Silvio. **Governamentalidade democrática e ensino de filosofia no Brasil contemporâneo**. Cadernos de Pesquisa, v. 42, n. 145, p. 48-64, 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

GOODSON, Ivor F. **Currículo: teoria e história**. Vozes, 2008.

HAAG, Guadalupe Scarparo. **Contribuições da monitoria no processo ensino-aprendizagem em enfermagem**. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 61, n. 2, p. 215-220, 2008.

IAHN, L. F. **Portais Educacionais: uma realidade em evidência**. Revista Aprender Virtual. Jul/Ago. 2002. Acesso em: 13 jun. 2014.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de filosofia**. 4 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. UNIMEP, 1996.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LINS, Leandro Fragoso et al. **A importância da monitoria na formação acadêmica do monitor**. JORNADA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, IX, 2009.

LOPES, Alice Casemiro; MACEDO, Elizabeth. **Teorias de currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

LOPES, AA. Medicina Baseada em Evidências: a arte de aplicar o conhecimento científico na prática clínica. Rev Assoc Med Bras 2000 In: ARAUJO, Fernando Costa et al. **O aprender e o orientar na atenção primária: relato de experiência de um semestre de atividades no PET-Saúde**. Rev. bras. educ. med. [online]. 2012, vol.36, n.1, suppl.2, pp.164-168. ISSN 0100-5502. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-55022012000300024>. Acesso em: 30 abr. 2016.

LOSTADA, Lauro Roberto. **O ensino da filosofia em Santa Catarina [dissertação]: Análise do uso de tecnologias**. Florianópolis, 2012.

LOUREIRO, Maria Dulcinea da Silva. A institucionalização e profissionalização da formação em Filosofia em universidades do Nordeste. Universidade de São Paulo, 2008.

LOYOLA, Olga Aparecida do Nascimento. **Filosofia na universidade: traçar, inventar, criar**. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <http://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-26012009-171841/>. Acesso em: 17 jun. 2014.

MACÊDO, Lenilda Cordeiro de. **A Agenda Neoliberal e a Política de Educação Infantil no Brasil**. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO. João Pessoa, 2008.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Currículo e processos formativos: experiências, saberes e culturas**. Salvador: EDUFBA, 2012.

_____. **Atos de currículo formação em ato? Para compreender, entretecer e problematizar currículo e formação**. Ilhéus: Editus, 2011.

MACEDO, Roberto Sidnei; PIMENTEL, A.; GALEFFI, D. **Um rigor outro: sobre a questão da qualidade da pesquisa qualitativa**. Salvador: Edufba, 2009.

MACHADO, Nilson José. **A Universidade e a organização do conhecimento: a rede, o tácito, a dádiva**. Estud. av. [online]. vol.15, n.42, pp.333-352. 2001. Acesso em: 27 mar. 2016.

MACHADO, Lucyenne Matos da Costa Vieira; LÍRIO, Larissa Mendonça. **A disciplina de Libras e a formação inicial dos professores: experiências dos alunos de graduação em pedagogia na Universidade Federal do Espírito Santo**. Revista FACEVV. Vila Velha, n. 6, p. 96-104, 2011.

MARANHÃO, Jucilene Dias; PASSOS, Waldisélia dos Santos; VÉRAS, Renata Meira. **Avaliação do processo de adesão da UFBA ao REUNI**. 2014.

MARGUTTI, Paulo. **Sobre a nossa tradição exegética e a necessidade de uma reavaliação do ensino de Filosofia no país**. Kriterion [online]. 2014, vol.55, n.129, pp. 397-410. Acesso em: 26 de fev. 2016.

MARTINS, João Batista. **Contribuições epistemológicas da abordagem multirreferencial para a compreensão dos fenômenos educacionais.** *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2004. Acesso em: 26 abr. 2015.

MASETTO, Marcos. **Mediação pedagógica e uso da tecnologia.** In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. *Novas tecnologias e mediação pedagógica.* Campinas, SP: Papirus, 2000.

MAYOR ZARAGOZA, Federico. **The World Ahead: our future in the making.** Paris: Zed, UNESCO, 2001.

Ministério de Educação e Cultura. **Área III – Humanidades - Referencial de Filosofia – Licenciatura – Perfil do Profissional.** [online]. 2014. <http://sejaumprofessor.mec.gov.br/internas.php?area=como&id=licenciaturas#filosofia>. Acesso em: 25 jan. 2016.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro.** São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA, Paulo Eduardo de (org.) **Filosofia e educação: aproximações e convergências.** Curitiba: Círculo de Estudos Bandeirantes, 2012.

ORTIZ, R. **Mundialização e Cultura.** São Paulo: Ed. Braziliense, 1994.

PAVIANI, J. **Platão & a Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PETSOFAUFBA. **Planejamento Anual 2014.** Disponível em: <<https://petsofiaufba.files.wordpress.com/2015/03/planejamento-2014-pet-filosofia-pet.pdf>>. Último acesso em: 30 set. 2016.

PRETTO, Nelson De Luca. **Mídia, currículo e o negócio da educação. Currículo, cotidiano e tecnologias.** Araraquara: Junqueira & Marin, p. 111-148, 2006.

PRETTO, Nelson; PINTO, Cláudio da Costa. **Tecnologias e novas educações.** *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2006, vol.11, n.31, pp.19-30. ISSN 1413-2478. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782006000100003>. Acesso em: 10 dez. 2015.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas – crônicas.** São Paulo: Ed. Martin Claret, 2008.

RIOLFI, Claudia Rosa; ALAMINOS, Cláudia. **Os pontos de virada na formação do professor universitário: um estudo sobre o mecanismo da identificação.** Educação e Pesquisa, v. 33, n. 2, p. 297-310, 2007.

RODRIGUES, Eloy [et al.] – **RepositóriUM: criação e desenvolvimento do Repositório Institucional da Universidade do Minho.** In CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 8, Estoril, 2004 - “Nas encruzilhadas da informação e da cultura: (re) inventar a profissão”: actas. [CD-ROM]. Lisboa: Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, 2004.

RUANO, Javier Collado; GALEFFI, Dante Augusto; PONCZE, Roberto Leon Inacio. **O PARADIGMA DA COSMODERNIDADE: UMA ABORDAGEM TRANSDISCIPLINAR À EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA GLOBAL PROPOSTA PELA UNESCO.** Revista da FAEEBA-Educação e Contemporaneidade, v. 23, n. 42, 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade.** Parte II. In: _____; ALMEIDA FILHO, Naomar De. A Universidade no Século XXI: Para uma Universidade Nova. Coimbra: Almedina, 2008, p. 50-106

SANTOS, Edméa. O; WEBER, Aline. **A criação de atos de currículo no contexto de espaços intersticiais.** TECCOGS: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas, v. 7, p. 41-60, 2013.

SAUPE, Rosita; GEIB, Lorena Teresinha Consalter. **Programas tutoriais para os cursos de enfermagem.** Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 10, n. 5, p. 721-726, 2002.

SERIKAWA, Leonardo Kazuo dos Santos. **Acreditação e qualidade da educação superior: abrindo a caixa-preta do sistema de acreditação de cursos superiores do Mercosul.** 2013. 443 f., il. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional) —Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SESu/MEC, **Manual de Orientações do Programa de Educação Tutorial.** SESu/MEC, Brasília, 2006.

SCHÖN, D. **Formar professores como profissionais reflexivos**. In: NÓVOA, A. (Org.). Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

SILVA, Cleverson Suzart. **Educação, filosofia e qualificação: por um filosofar pautado no dever espanto-análise-reflexão-crítica-ação-criativa**. Dissertação de Mestrado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2002. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/11789>. Acesso em: 10 fev. 2015.

SIQUEIRA, Alexandra Quadro. **Além da legalização do ensino de filosofia: Uma nova Filosofia para a Educação Filosófica ou uma nova Educação Filosófica para a Filosofia?** Dissertação de Mestrado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2015. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/18428>. Acesso em: 11 mar. 2016.

SOUZA, Galileu Galilei Medeiros de; NETO, José Teixeira. **Uma proposta de Filosofia para o Ensino Médio**. Trilhas Filosóficas 5.2 (2014): 41-56. Disponível em < <http://periodicos.uern.br/index.php/trilhasfilosoficas/article/viewFile/767/419>. Acesso em: 12 abr. 2015.

SOUZA, R. M.; GOMES JÚNIOR, S. R. **Tutorial Education Program: Advances in schooling in physics at Rio Grande do Norte state**. Revista Brasileira de Ensino de Física, v. 37, n. 1, p. 1501, 2015.

TEIXEIRA, João de Fernandes; GONZALES, Maria Eunice Quilici. **Tema: o retorno do ensino de filosofia ao segundo grau**. Trans/Form/Ação [online]. 1983, vol.6, pp. 1-3. Acesso em: 14mai. 2015.

UFBA. **Sistema Acadêmico**. Disponível em: <https://alunoweb.ufba.br/SiacWWW/CurriculoCursoGradePublico.do?cdCurso=309120&nuPerCursoInicial=20092>. Acesso em: 22 out. 2015.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2006.

TOMAZETTI, Elisete M. **Produção discursiva sobre ensino e aprendizagem filosófica**. Educ. rev. [online]. 2012, n.46, pp. 83-98. ISSN 0104-4060. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602012000400007>. Acesso em: 14 jun. 2015.

ZAOUAL, H. **Globalização e diversidade cultural.** (tradução Michel Thiollent). São Paulo: Cortez, 2003.